

**A Brothers Sinister
Holiday Novella**



**a Kiss
for
Midwinter**

**COURTNEY
MILAN**

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR



COURTNEY
MILAN

Os Irmãos Sinistros

A Paixão da Governanta #0,5

A Guerra da Duquesa #1

Um Beijo Durante o Solstício de Inverno #1,5

A Vantagem da Herdeira #2

A Conspiração da Condessa #3

Sinopse

A senhorita Lydia Charingford está sempre alegre, principalmente na época do Natal. Mas não importa o quanto sorria, ela não consegue esquecer o erro juvenil, que quase arruinou sua reputação. Mesmo que o pior de sua indiscrição foi mantido em segredo, uma outra pessoa sabe a verdade daqueles dias sombrios: o sarcástico doutor Jonas Grantham. Ela não quer ter nada a ver com ele... ou com as borboletas que levantam vôo em seu estômago toda vez que ele a olha. Jonas Grantham tem um segredo, também: ele tem estado apaixonado por Lydia por mais de um ano. Neste inverno, ele está determinado a ganhar sua simpatia e conquistá-la. Tudo começa com uma aposta e um beijo...

Capítulo Um

Leicester, setembro de 1857.

— Em sua condição — O Doutor Parwine estava dizendo do outro lado da sala — ela deve particularmente ter cuidado com os miasmas nocivos.

A atmosfera na sala não estava nociva nem miasmática, Jonas Grantham pensou, apenas sombria e tensa. A menina — e, infelizmente, ela *era* uma menina, não importava a situação em que ela se encontrava — estava sentada rigidamente em uma cadeira no meio da sala. Seu cabelo era escuro e estava solto; seu corpo não mostrava sinal das mudanças que logo apareceriam. Ela não chorou, embora Jonas supunha que a maioria das garotas em sua situação iriam chorar. Ela simplesmente olhava para frente, com as mãos entrelaçadas. Talvez ela não tenha entendido o que tinha acontecido com ela.

Ele tinha visto ela uma ou duas vezes antes. Ele se lembrava dela brincando com outras garotas poucos anos atrás, rolando um aro na rua e gritando alegremente, fitas arrastando atrás dela.

Ela ainda parecia mais criança do que mulher, mas não havia indício de riso nela agora.

— Miasmas nocivos — a mãe da menina exalou. — O que são miasmas nocivos?

— Miasmas — Parwine entoou — são a causa de todas as doenças, e particularmente nocivos para... — Ele olhou para a menina, e então estreitou os olhos. — Para futuras mães — completou. — Há vários miasmas que se deve evitar. Há o miasma *idio-kino*, produzido por...

Jonas Grantham mal conteve-se de rolar os olhos. Em questão de semanas, estava previsto que ele iniciasse sua instrução médica no King's College em Londres. Ele passou de estudante com pedigrees de Oxford e Cambridge para ganhar uma premiada bolsa de estudos de três anos em Warneford. Ele estava ansioso para a primeira palestra — prevista para primeiro de Outubro, às oito horas, meros seis dias e sete horas a partir deste momento — e ignorantes como Parwine faziam suas mãos coçarem mais que tudo.

Sério, miasmas? Nestes dias e época moderna? A teoria dos miasmas tinha sido conclusivamente descartada há três anos. Apenas tolos ignorantes jorravam esta asneira. Mas Jonas tinha pedido para passar o tempo com o Doutor Parwine. Ele tinha um acordo em vigor para assumir a prática do homem quando ele terminasse sua educação. Parwine tinha sido mais específico: Ele poderia vir junto, ver como as coisas funcionavam, mas como um ignorante (palavras do velho homem) jovem, ele deveria se manter em silêncio. Então ali estava Jonas, escutando um velho divagar sobre miasmas.

— Finalmente — Parwine estava dizendo — há o miasma *perkoino*, o causador da febre amarela, mas certamente vocês não irão expor sua filha a isso.

Os pais dela trocaram olhares. — Não, doutor, claro que não. Mas o que deve ser feito?

As últimas semanas seguindo o homem não tinham sido totalmente inúteis. Jonas tinha aprendido muito a como *não* ser um médico igual à Parwine. O médico divagava e utilizava termos médicos que nenhum de seus pacientes entendia, todas as suposições que tinham sido rejeitadas pelos cientistas nas últimas décadas. Levava todo o auto-controle de Jonas — que nunca estava em circunstâncias ideais — para manter-se de boca fechada. Ele continuava dizendo a si mesmo para respeitar os mais velhos, e até agora ele tinha conseguido. Por pouco.

Parwine franziu a testa. — Para prevenção de náuseas e vômitos, que estão tão frequentemente associados a esta delicada condição, eu sugiro uma solução de água de alface e ácido cianídrico. Deem eles regularmente e não haverá sintomas de doenças. Eu deixarei uma prescrição para tal com o farmacêutico.

Jonas se endireitou de seu posto contra a parede e deu um passo para frente, antes que se contivesse.

Ele havia começado a ler textos médicos para o seu curso de estudo, já tinha começado a analisar compostos e curas para a memória. Ácido cianídrico era um veneno. Alguns sugeriam isso em quantidades mínimas para a dor de cabeça; outros como um paliativo para tumores cancerosos. Mas para uma mulher grávida? Ele não conseguia se lembrar de ler qualquer coisa sobre isso. Mesmo assim, *poderia* existir. E lá estava aquele velho ditado, que a diferença entre uma cura e um veneno era a dose. Ele mordeu o lábio.

— Mas, doutor — o pai repetiu — o que será da minha filha? Ela tem... ela tem apenas quinze anos.

Parwine olhou a menina de cima a baixo. — O que você acha? — ele finalmente disse, com sua voz calma e suave. — Trate-a com bondade cristã. Agora que você sabe o que ela é, em silêncio a repudie.

A mãe engasgou e começou a chorar. O pai da menina agarrou o assento, os nós dos dedos ficando brancos. — Não — ele disse em negação.

A única que não respondeu foi à própria menina.

— Eu já vi isso uma centena de vezes — disse Parwine com um aceno de cabeça. — Uma vez que uma menina está arruinada, sua vida acabou. Mesmo se você puder esconder a verdade de seu estado lamentável daqueles ao seu redor, a menina não valerá nada. Sua vida vai seguir um de dois caminhos. Se ela não adquirir nenhum sentido moral, vai continuar em seu caminho sórdido, um fardo

humilhante para todos que a conhecem. Uma das doenças morais em breve a encontrarão, e ela vai perecer em desonra.

— Não. — A mão de seu pai caiu sobre o ombro da menina. — Não — ele repetiu, desta vez com maior segurança. — Isso não vai acontecer com a minha menina.

— Então, sua filha poderia aceitar o outro caminho. Se houver qualquer indício de bondade nela, sua vergonha vai consumi-la. Ela nunca vai ser amada; ela vai entrar em um declínio. Provavelmente vai morrer cedo e assim expiar seus pecados. Não há nada a ser feito neste momento, exceto reconhecer a verdade. Sua filha já está morta. É apenas uma questão de tempo até que a condição se manifeste. — Parwine deu ao homem um aceno de cabeça. — Eu só posso tratar os sintomas desta doença — ele entoou. — Não há nada a ser feito sobre a decadência moral da causa.

O pai tirou um lenço do bolso e enxugou com raiva os olhos. A única com os olhos secos entre eles era a menina. Ela olhava através da sala quase desafiadoramente.

Que Deus *amaldiçoe* essa superstição. Jonas se amaldiçoou, também, por concordar em manter o silêncio como condição dessas visitas. Ele não tinha escolhido se tornar médico para que pudesse prever a morte de crianças. Ele tinha sido seduzido pelas histórias — as histórias de John Snow salvando centenas de vidas através da observação cuidadosa, de homens que notaram o mundo ao seu redor e se importaram e pensaram, homens que colocaram de lado a irracionalidade em prol de curas apoiadas por investigações estatísticas.

Parwine recolheu suas coisas e fez sinal para que Jonas o seguisse.

Eu não tenho estudos científicos que sugerem que a vida é encurtada pela decadência moral, ele imaginou-se dizendo isso para o pai dela quando ele atravessasse a sala para a saída.

Ou talvez isto: *Não pegue o ácido cianídrico. O que quer que você faça, não pegue o ácido cianídrico.*

Talvez ele poderia sussurrar uma única frase: *Não acredite em uma palavra do que ele disse.*

Mas ele deu ao homem sua palavra. Além disso — ele disse a si mesmo — ele conhecia seu lugar. Ele estava com quase vinte e um anos, nem mesmo tinha tido sua primeira conferência na medicina. Ele não estava qualificado para contradizer publicamente um homem com o triplo de sua idade. Ademais, o que ele sabia? Um aprendizado de um pequeno livro era tudo o que ele tinha. Talvez ele estivesse errado. Talvez a experiência de Parwine significasse que ele sabia melhor.

Tudo aquilo era lixo, e ele sabia disso. Conforme ele se afastou, os olhos dela caíram sobre ele. Ele nem mesmo sabia o nome da menina, mas sua culpa o fez ver acusação em seu olhar. *Você poderia me ajudar.*

Aquilo era besteira, ninguém poderia ler pensamentos através de um único olhar. Era sua própria consciência que ele viu refletida em seus olhos. Mas ele nada disse. Ele não falou porque ele era jovem. Ele não falou porque ele duvidou de sua memória da farmacopeia. E o mais espinhoso de tudo, Jonas manteve seu silêncio porque Parwine tinha oferecido a ele sua clínica, uma vez que ele se formasse.

Foi à última razão que ele lembrou pelas semanas que se seguiram quando ele consultou um dos médicos que o instruíam sobre a dosagem recomendada para o ácido cianídrico. Quase nada, o homem disse a ele. E para mulheres grávidas? Nunca.

Nos anos seguintes, Jonas sonhou com seus olhos — duros, frios, profundidades acusadoras. Ele poderia ter ajudado ela.

Quando ele finalmente se formou, ele jurou o juramento de Hipócrates sobre Apollo o curador. Mas foi seu rosto o que ele viu quando ele falou, seus olhos que perfuraram os seus quando ele prometeu fazer nenhum mal.

Cinco anos depois.

A mais irracional noção que Jonas já teve — a falta de sentido marcava ponto fixo em sua vida adulta — começou através de um excesso de racionalidade. E, no entanto, no momento em que isso aconteceu, tudo o que ele tinha feito fez todo o sentido.

A primeira vez que ele ouviu o nome “Lydia Charingford” foi em um brilhante dia de verão aproximadamente cinco anos depois que ele tinha acompanhado Parwine em suas visitas. Ele a descobriu, não porque ele a reconheceu, mas porque ele não reconheceu. Ele gostou do olhar dela, então ele perguntou ao seu amigo quem ela era um domingo após o serviço.

— Você gostaria de uma introdução? — Toford perguntou, um olhar conhecedor em seus olhos.

— Depende — ele respondeu. — Eu estou tentando decidir se sou a favor de números redondos ou informações completas.

Toford franziu a testa. — Pelo amor de Deus, Grantham, use inglês. Que diabo você quer dizer com isso?

Eles estavam em um canto do adro da igreja, olhando para a multidão. Era um belo dia no final do verão, e todas as damas usavam seus mais belos — e seus mais leves — vestidos. As moças tinham estado lançando olhares acolhedores em sua direção no decorrer do longo sermão do reitor. Jonas era jovem, bonito — e com Parwine agora aposentado — na posse de um excelente rendimento.

Esses curiosos, olhares esperançosos tinham feito ele se sentir atraente, de fato. A brisa estava refrescante, o sol estava quente, e as damas estavam todas competindo para dar uma boa impressão a ele. Era um danado de bom tempo para ser um homem.

Ele estava observando as damas em volta. Não havia razão para pretender que ele não estava; ele destinava-se a tomar uma esposa e só tinha de escolher a sua. Mas Toford ainda estava olhando para ele em confusão.

— Quero dizer — Jonas disse a ele — que durante o serviço, eu fiz uma lista ordenada das dez mais belas jovens damas de Leicester. Tenho a intenção de falar com cada uma delas.

Toford acenou pensativo. — Bom plano, Grantham, bom plano. Eu fiz a mesma coisa no ano passado, e veja como isso me serviu.

A Sra. Toford tinha dentes que eram demasiado grandes. Ela não teria estado classificada em qualquer lugar na lista de Jonas. Jonas conseguiu um murmúrio educado de aprovação.

— Dez, então — Toford continuou. — Embora dez seja uma quantidade grande de mulheres com as quais falar. Você é de elevada posição. É respeitável. Porque você não se limita a três, talvez cinco? É um trabalho duro o suficiente, tentar ver se uma mulher irá satisfazer você. Minha cabeça dói só de pensar no esforço.

Jonas acenou, descartando isso. — Sim, bem. Tenho gostos exigentes. E se a número um bufa quando ri? E se a número seis não se cuida? E se a número oito não gostar de mim?

— Não gostar de você? — As sobrancelhas de Toford se elevaram. — Grantham, eu acho que você não entendeu. — Ele olhou em volta e, em seguida, baixou a voz para um pouco acima de um sussurro. — Veja bem — disse ele. — Nós somos homens. Não temos de nos casar. Essas meninas, aqui? Elas viram as suas irmãs, suas amigas colocadas firmemente na prateleira. Elas conhecem as probabilidades do que acontecerá se não apanharem um homem. Elas não estão em posição de gostarem ou não gostarem. É papel delas se casar de qualquer maneira possível, e a escolha é nossa.

— Seja como for. Nunca se sabe o que uma mulher pode avaliar. Eu prefiro lançar a minha rede amplamente do que perdê-la completamente. E, acontece que eu tenho alguns defeitos no meu caráter.

Por exemplo, ele estava bastante certo de que sua lista de belezas locais, organizadas por grau de atratividade física, não era algo que os membros do sexo oposto iriam encontrar particularmente atraente. Além disso, ele tinha decidido que seria melhor não mencionar sua principal razão para querer se casar, que ele pensava que era oportuno adquirir uma fonte regular de relações sexuais sem o risco de sífilis.

— Defeitos? — Toford olhou de soslaio para ele. — Huh. Estranhas criaturas irracionais, as mulheres são. A senhorita Charingford é qual número em sua lista?

Ali estava o problema. — Onze. Bem, dez, algumas vezes, mas apenas uma parte do tempo. A senhorita Perrod é geralmente a dez. Mas em alguns ângulos, em certas iluminações... — Ele deu de ombros. — Você vê o meu dilema. Se eu quiser falar com as dez mais belas moças, eu posso precisar incluir a senhorita Charingford. Mas se eu fizer isso, eu vou ter onze, não dez. Ambos os resultados fazem as minhas mãos coçarem. — Ele esfregou-as, mas não ajudou. Essa sensação desagradável que sentia nas palmas de suas mãos era uma ilusão, um mero eco da mesma coceira de algum lugar em seu cérebro.

— Bem — Toford disse, — talvez você devesse falar com ela, e não pela lista, você sabe, mas apenas como uma maneira de vê-la de perto. Avaliar se ela deve ser incluída ou não.

— Ah — ele disse, aliviado. — Bem pensado.

E foi assim que ele se viu andando em torno de um parque, alguns dias depois, com a senhorita Lydia Charingford em seu braço, se perguntando o quão rápido ele poderia livrar-se da conversa. Um exame mais detalhado revelou que ela era a número onze. Definitivamente onze, com essas sardas que ele não tinha notado de

longe e aquele sorriso muito largo. Além disso, ela mexia com as fitas de seu vestido e respondia a suas tentativas de conversas com monossílabos.

— É um bom tempo para setembro — ele tentou.

— É? — ela olhava para frente, a boca comprimida de uma forma que poderia ter rebaixado-a para a doze.

— Sim — respondeu ele. — É.

Eles caminharam em um silêncio pernicioso.

— Muita coisa mudou em Leicester desde a minha ausência — ele tentou novamente. — Essa é uma nova fachada no empório do chapéu, não é?

Ela nem sequer olhou na direção que ele apontou. — É? — ela perguntou.

Suas respostas concisas trouxeram o diabo nele à superfície. Ele não tinha mentido quando disse que tinha alguns defeitos em sua personalidade. Ele se virou para ela e falou sem nenhum esforço para ser educado. — Você sabia que antes de falar essa frase, você só havia dito vinte por cento das palavras na conversa? Agora estamos muito mais perto de dez por cento. Isso não vai funcionar, senhorita Charingford. Não vai.

Ao lado dele, ela inclinou a cabeça. — Não vai?

Ele cerrou o punho, irritado além da medida. Ele já tinha usado a sua cota bastante limitada de conversa educada, e ela não estava sequer tentando. Na verdade, ela estava olhando para ele com ressentimento.

— Eu acho que *vai* funcionar — disse ela. — Eu acho que vai funcionar muito bem. Eu sei o que você está pensando, doutor Grantham. Você está pensando que eu sou uma presa fácil.

— Eu estou pensando isso? — ele torceu o nariz.

Ela olhou em volta, como se para verificar que ninguém estava por perto. — Isso porque você sabe dos meus defeitos, do que aconteceu comigo, e acha que eu vou estar suscetível à sua chantagem e bajulação.

— Chantagem! — ele repetiu, surpreso.

— Eu não me importo com o que você acha da minha *decadência moral* — ela sussurrou. — Eu ainda estou viva, e eu pretendo continuar assim. Eu me recuso a ser arruinada. Se você tentar alguma coisa, você vai se arrepender.

Foi o olhar em seu rosto que despertou seu reconhecimento, aquele desafiante, brilho acusador dirigido a ele mais uma vez. Isso o fez recuperar o fôlego, lembrando-se da menina de cinco anos atrás. Ele tinha se preocupado com ela depois que ele a deixou. Toda vez que ele tinha visto uma mãe solteira ou uma prostituta nos anos seguintes, ele se perguntou que horror seu silêncio tinha trazido para ela.

A resposta, aparentemente, era... nada. Segurar sua língua não tinha tido qualquer consequência. Porque ela estava aqui, aceita por todos. Ela não só tinha sobrevivido, ela tinha conseguido fazer isso com sua reputação intacta.

E ela estava olhando fixamente para ele. — Então pare de me medir para a sua cama, Grantham — ela disse a ele. — Você não vai me ter.

Ele olhou para ela, recolhendo seus sentimentos confusos. Ele não a tinha reconhecido, mas ela o reconheceu, a diferença entre quinze e vinte, aparentemente, era muito maior do que a diferença entre vinte e um e vinte e seis. Ela estava sendo grosseira com ele de propósito. Ela pensou... oh, Deus, ela pensou que ele estava tentando...

— Relaxe, senhorita Charingford — disse ele. — Eu não estava tentando seduzi-la. Eu não tinha chegado a nenhuma conclusão sobre a sua virtude. Eu só estava falando com você porque você era a décima primeira moça mais bonita em Leicester.

Pontos fracos de rosa apareceram em suas bochechas. — Oh? — Havia um tom perigoso em sua voz agora. — Eu sou a onze?

— Isso é... eu quis dizer... — Ele olhou para longe. — Merda. Eu não quis dizer isso.

Ela não ofegou diante daquela obscenidade. — Pois passe para a número doze — ela explodiu. — A número onze não quer ter nada mais a ver com você.

Ela ergueu o nariz no ar, o décimo primeiro nariz mais bonito de toda a cidade e se afastou. Ele observou-a ir, suas entranhas uma confusão total.

Ela tinha sobrevivido. Ela tinha sobrevivido. Sua reputação não tinha sofrido. Ela atravessou o parque até outra mulher que tinha estado esperando por ela em um banco. Suas cabeças inclinaram-se em conjunto sob seus chapéus, cabelo preto tocando louro escuro, e, em seguida, elas riram.

Ele nunca tinha visto nada tão vibrante, tão cheio de vida.

— Merda — ele exalou novamente.

Sua risada parecia um repúdio completo das superstições do século passado. Era uma grande luz lançada sobre os sombrios miasmas da medicina do século passado.

Viva, a senhorita Charingford. Viva.

Ela uniu os braços com sua amiga, uma jovem dama que não tinha classificação, e se afastou.

Ele sentiu como se tivesse sido atingido em cheio com um tiro de canhão. Um dos defeitos de sua personalidade era um gosto pelo perverso. Dizer que ele não poderia ter algo só o fazia querer mais aquilo. E, no momento, ele a queria. Ele a queria muito.

Toford veio por trás dele. — Bem? Qual número é ela?

— Onze — ele respondeu.

— Não está na lista, então. — Toford deu de ombros.

— Não. — Ele ainda não conseguia tirar os olhos dela. — Não, ela está. Esta lista vai até onze.

Era uma mentira. Ele sabia que era uma mentira, mesmo quando ele disse isso. Sua mente racional, normalmente tão predominante, lançou um protesto. Ele tinha a esperança de se estabelecer em sua casa dentro dos próximos meses. E ele *realmente* tinha estado ansioso para garantir essa fonte de segurança, relação sexual regular. Havia literalmente dezenas de mulheres que estariam dispostas a fornecê-lhe isso, algumas adoráveis, que, na verdade, sorriam para ele encorajando-o em vez de acusá-lo de sedução.

A senhorita Charingford nem sequer queria falar com ele. Não fazia sentido considerá-la.

Mas já era tarde demais. A senhorita Lydia Charingford não estava apenas *na* lista.

Ela *era* a lista, e ele esperava que Deus tivesse piedade de sua alma.

Capítulo Dois

Dezesseis meses depois.

Lydia Charingford se levantou de seu assento no *Nag's Head Hostelry*, e começou a recolher suas coisas.

— Bom de sua parte, Senhorita Charingford — disse o Corporal Dalling ao lado dela. — Muito bom mesmo, assumir o papel de secretária em tão pouco tempo.

Lydia sorriu para ele enquanto colocava a rolha em sua garrafa de tinta. — Eu disse a Minnie que eu ficaria feliz de ter a sua posição na Comissão de Higiene dos Trabalhadores — disse ela. — E você merece ao máximo os elogios que eu faço, enchendo os sapatos de quem... não está mais aqui.

— Realmente — disse Dalling, com um arco sóbrio. — Realmente, nós merecemos.

No último mês, a senhorita Wilhelmina Pursling — a melhor amiga de Lydia, de quem ela sentia falta terrivelmente — se casou e partiu para Londres. Pouco tempo depois, o Capitão Stevens — o ex-noivo de Lydia, de quem ela não sentia falta nem um pouco — tinha sido condenado a seis meses de trabalho forçado. *Boa viagem.*

Lydia não queria pensar em Stevens. Em vez disso, ela soprou em seu caderno uma última vez, colocou o papel mata-borrão entre as páginas, e verificou a rolha em sua tinta.

— Você está um pouco mais animada do que a senhorita Pursling — o velho Sr. Crawford disse do outro lado da sala.

— E menos prática — respondeu Lydia. — Feliz Natal, Sr. Crawford. Sua filha está chegando de Buford?

O rosto do Sr. Crawford vinhou-se em um sorriso. — Imagine, você lembrando de uma coisa dessas! Sim, ela está chegando, e trazendo seus pequeninos.

— Que adorável! E por que você acha que eu não deveria me lembrar, eu não sei. Eu brinquei com Willa até os nove anos. Por favor, diga que eu poderia parar lá e levar uma cesta para ela e as crianças. Você não vai me negar esse prazer.

Enquanto ela falava, Lydia recolhia suas coisas e colocava-as cuidadosamente em sua bolsa, guardando o recipiente de tinta em um bolso lateral para que ele não fosse esmagado. Ela estava ciente de que ela estava cantarolando um trecho de “*Good King Wenceslas*” enquanto fazia isso.

O Natal estava quase sobre eles, e ela não poderia estar mais feliz. O ar cheirava a canela e gengibre. Ramos de pinheiro decoravam *lintels*¹, mesmo aqui no Nag's Head. Era um tempo para banquetes e alegrias.

— Acontece que todos nós sentimos falta da senhorita Pursling, isto é, da duquesa de Clermont — disse Crawford suavemente. — Sim, minha Willa adoraria sua companhia.

O sorriso congelou no rosto de Lydia.

Banquete, alegria, e o ligeiro vazio egoísta que ela experimentava quando se lembrava que sua melhor amiga já não estava a uma mera hora de viagem, mas a centenas de milhas.

Mas ela forçou os lábios em um sorriso mais largo. — Bobagem — disse ela. — Eu vou vê-la novamente no próximo outono, logo que as seções do Parlamento

1

Na arquitetura, um “lintel” é uma peça dura de materiais diversos «madeira, pedra, ferro, concreto etc.» que assenta nas ombreiras ou jambas e constitui o acabamento da parte superior de portas e janelas; sendo também chamado de dintel, padieira ou verga.

terminarem. Como eu poderia sentir falta dela? — Se ela desse um sorriso largo o suficiente, ele poderia preencher esse espaço em seu coração. Ela vestiu as luvas. — Feliz Natal.

O grupo espalhou-se em uma chuva de cumprimentos para o feriado. Lydia esperou até que eles fossem embora, acenando alegremente, desejando a todos o melhor para o feriado.

Quase todo mundo. Suas bochechas doíam de tanto sorrir, mas ela não quis olhar para sua esquerda. Ela não ia lhe dar essa satisfação.

— Bem — disse uma voz obscura ao lado dela quando a porta fechou-se atrás do Sr. Crawford — você está cheia do espírito do feriado, senhorita Charingford.

Lydia olhou diretamente para frente dela na decoração de hera e pinho sobre a mesa. — Oras, sim — disse ela. — Eu suponho que eu estou. Feliz Natal, Doutor Grantham.

Ele não agradeceu-a pela consideração. Ele certamente não retornou com um cumprimento educado. Em vez disso, o Doutor Grantham riu suavemente e sua espinha arrepiou-se.

Lydia se voltou para ele. Ele era alto, tão mais alto do que ela que ela tinha que inclinar o pescoço em um ângulo pouco natural para olhar para ele. Seus olhos brilharam com uma intensidade obscura e sua boca enrolou-se em um canto, como se ele apreciasse sua própria diversão privada. Ele era bonito de uma forma mista de raças, com aqueles olhos, o nariz forte, irregular. Todas as outras meninas riam quando ele olhava na direção delas. Mas Grantham fazia Lydia se lembrar de coisas que ela não gostava de pensar.

Ele particularmente a fez lembrar-se dessas coisas agora. Ele olhou para ela por cima do nariz e deu-lhe um leve sorriso zombeteiro, como se ela tivesse cometido um erro terrível, oferecendo-lhe os cumprimentos do feriado.

Lydia se endireitou. — Feliz Natal — ela repetiu, sua voz apertada. — Você está autorizado a dizer isso de volta, mesmo se você *realmente* não deseja que a outra pessoa seja feliz. É educado. Mesmo quando você sabe que eu não me importo realmente se você está feliz.

— Eu não achei que você estava desejando-me felicidades — respondeu Grantham. — Eu pensei que você estava simplesmente descrevendo eventos como você os via. Diga-me, senhorita Charingford, esse é *realmente* um feliz Natal para você?

Lydia ruborizou-se. Ela nem sempre gostava de lembrar-se do Natal. Na verdade, o Natal trazia à sua mente os piores momentos de sua vida. Sair de casa com seus pais e sua melhor amiga, seis anos antes. Uma casa sombria deixada em Cornwall, e aquela horrível, horrível noite, quando as cólicas tinham vindo...

— Sim — disse ela com força. — Sim. O Natal é uma época para a felicidade.

Ele riu novamente, suavemente, ironicamente, ela pensou, como se soubesse não só o segredo que ela protegia de toda Leicester, mas o que ela mantinha escondido em seu coração. Ele riu como se ele tivesse estado lá naquela noite terrível que parecia o oposto absoluto do Natal, uma noite quando uma garota que não era mais uma virgem tinha fracassado. Tinha havido sangue e lágrimas ao invés de coros celestiais.

— Você... — ele disse a ela — Você de todas as pessoas... você deveria abrandar estes incessantes bons-desejos. — Ele deu de ombros. — Você sabe que não faz nenhuma diferença, se você me quer bem ou eu desejo-lhe felicidades.

As sobrancelhas de Lydia levantaram-se. — Eu, de todas as pessoas? — Ele tinha tão intimamente ecoado os pensamentos dela. Às vezes, parecia que ele sabia exatamente o que ela estava pensando, e quando ele falava, as palavras eram projetadas para fazê-la se sentir mal. Lydia mostrou os dentes para ele com um

sorriso. — O que você quer dizer com isso? Tenho menos direito ao bom ânimo do que uma pessoa comum?

— Menos direito? Não. Menos razão, no entanto...

— Eu não sei o que você pretende com tais afirmações veladas.

Seus olhos se encontraram, e ele levantou uma sobrancelha de forma sardônica.

— Então deixe-me esclarecer. Estou, naturalmente, referindo-me ao homem que a engravidou quando você ainda era uma criança.

Ela engasgou.

— Estou sempre espantado, senhorita Charingford, quando você consegue ter uma palavra feliz para qualquer membro do meu sexo. O que você faz e faz muitas vezes, nunca deixa de me surpreender. — A sala estava vazia, além deles, e ele estava a dois passos dela. Ele tinha falado em voz baixa, e não havia o menor perigo de serem ouvidos. Não importava. Lydia fechou as mãos em punhos. O sorriso que ela mal tinha sido capaz de formar momentos antes foi esquecido completamente.

— Como você se atreve! — ela sussurrou. — Um *cavalheiro* faria o seu melhor para esquecer que ele sabe uma coisa dessas.

Ele não parecia muito preocupado com sua acusação. — Mas você vê, senhorita Charingford, eu devo ser um médico antes de eu me permitir ser um cavalheiro. Não me lembro de uma coisa dessas, a fim de segurar isso contra você para a condenação moral. Afirmo isso como um simples fato médico, que seria relevante para a continuação do tratamento. Certas queixas do sexo feminino, por exemplo.

Lydia se eriçou. — Esqueça isso. Você nunca vai me tratar como paciente. *Nunca.*

Doutor Grantham não pareceu ofendido por isto. Em vez disso, ele balançou a cabeça lentamente para ela, e deu-lhe um sorriso que parecia... perverso. — Nunca? — perguntou. — Então, se você for pisoteada por um cavalo fugitivo, seria de

esperar que eu expressasse meus sinceros pesares aos seus pais. 'Não, não,' eu vou dizer. 'Eu não poderia parar sua filha de sangrar até a morte nos paralelepípedos, pois minha ética profissional me proíbe de tratar qualquer pessoa que tenha inequivocamente me recusado seu consentimento.'

Ele estava rindo dela novamente. Bem, tecnicamente, ele não estava realmente rindo. Mas ele estava olhando para ela como se ele quisesse, como se ele não pudesse esperar por ela disputar e reverter seu devaneio anterior. Lydia deu-lhe um aceno de cabeça firme em vez disso. — Isso está extremamente correto. Eu prefiro sangrar até a morte do que ter suas mãos em mim. — Ela colocou as luvas debaixo do braço e pegou seu xale.

Ele ainda estava sorrindo para ela. — Eu vou demonstrar meus respeitos no seu funeral.

— Eu não quero você lá. Se você ousar vir, eu vou assombrá-lo em seus sonhos.

Mas isso só provocou um brilho malicioso nos seus olhos. Ele deu um passo mais perto, forçando-a a inclinar a cabeça para cima em um ângulo antinatural. Ele se inclinou sobre ela, dobrando seu pescoço. E então sussurrou.

— Por que, senhorita Charingford. — Aquele sorriso dele inclinou-se, alongando. — Não há necessidade de esperar até que você esteja *morta* para visitar minha cama. Na verdade, eu estou disponível agora, tanto quanto antes quando nós terminamos.

Ela não pensou. Ela afastou seu braço e lhe deu um tapa tão forte quanto podia, lhe deu um tapa tão forte que ela pôde sentir o golpe reverberando por todo o seu ombro.

Ele esfregou o rosto e se endireitou. — Acho que eu merecia isso — disse ele, um pouco triste. — Peço seu perdão, senhorita Charingford. Eu estava errado. Eu nunca deveria ter falado daquela maneira. — Ele olhou para baixo. — Em minha defesa e eu sei que isso é uma fraca defesa nós estávamos falando sobre a morte, e

isso sempre traz à tona o pior de meu humor. Que, como você, sem dúvida, descobriu, é abominável para começar. Eu rezo para que eu não veja um dia sangrar até a morte nas ruas. — Sua voz era solene, e pela primeira vez, aquele brilho desapareceu de seus olhos. — Eu espero que não seja você. Mas vai ser outra pessoa.

Por um momento, ela sentiu um pouco de simpatia. Lidar com a morte todos os dias, ter apenas humor para manter o fantasma da escuridão afastado... Mas então ela se lembrou de tudo o que ele tinha dito a ela: aqueles lembretes apontavam que ela era uma mulher arruinada. Lembrou-se de seus olhos por demais sabedores, seguindo-a através da sala quando ela o encontrou. Ela poderia ter sido capaz de esquecer seu erro por meses a fio, se não fosse por ele.

Ela apertou seu cachecol em volta do pescoço. — Agora você me fez lamentar bater em você.

— Realmente? — Aquela sobrancelha subiu novamente.

Ele ficou perto, tão perto que, quando ela pegou o casaco, ele foi capaz de intervir e segurá-lo para ela. Legal da parte dele agir como um cavalheiro *agora* — agora, quando isso significava que ela sentiria o calor de suas mãos contra as dela, seus dedos nus tocando-lhe o pulso. Seu toque deveria ter sido frio como seu depravado coração, podre. Em vez disso, uma onda de calor a percorreu.

— Realmente. — Ela colocou o chapéu na cabeça e ajustou os punhos de seu casaco para cobrir as luvas. — Você vê, eu o interrompi antes que você me dissesse quanto tempo você estava dando a si mesmo para terminar a ação. Eu não teria lhe dado acima de trinta segundos.

Seu riso seguiu-a para fora da porta. Ela podia ouvir aquilo ecoando em sua mente — aquela risada soava alegre e divertida, sem um pinga de maldade nela, o tipo de riso que ela esperaria ouvir ao lado do badalar enérgico de sinos de Natal. Não era justo que o doutor Jonas Grantham de todas as pessoas, pudesse rir assim.

Ainda assim, ela ouviu aquilo tocando em sua mente — viu ele, sua cabeça jogada para trás, deliciado — até as ruas varridas pelo vento engolirem o som de sua alegria.

Capítulo Três

Não foi à sua casa confortável em Belvoir Street, que Jonas foi após o encontro. Ele tinha uma viagem muito mais longa até Fosse Road, abrindo caminho cuidadosamente através das pedras da pavimentação que estavam escorregadias de gelo. As casas se tornaram menores quanto mais ele se distanciava do centro da cidade: espremidas em uma linha, encolhidas entre três e quatro andares de pedra, cercadas de chalés de dois andares guarnecidas por paredes de tijolos que cercavam apenas espaço suficiente para as hortas mais escassas.

A única brecha entre essas pequenas, moradas deprimentes era um espaço de terra seca, cercado por um muro baixo de pedra. No verão, servia como um parque onde as crianças podiam brincar. No inverno, com o clima tão frio, normalmente ficava vago. A estrutura áspera tinha sido erigida há vários anos no meio, pouco mais do que um tablado com um telhado e três paredes, rodeado por bancos de madeira. Ele era utilizado para uma congregação ocasional, principalmente para as produções amadoras feitas pelas crianças. A estrutura em torno do tablado tinha sido engessada há muito tempo, tornando-o uma desamparada construção sombria e branca quebrando a monotonia da sujeira.

Hoje, porém, ele viu alguns homens posicionando uma árvore no tablado, uma tão grande que dificilmente se encaixaria sob o telhado. Era um monstro, com talvez quinze ou dezesseis pés de altura, e o som de risos soou conforme os homens arrastaram-na para ficar ereta.

*Yule logs*² e azevinhos, as tradições da infância de Jonas, tinham saído de moda em favor de novas práticas alemães popularizadas pelo falecido príncipe Albert. Para seus olhos, a árvore parecia muito grande, uma presença imponente que exigia atenção. No momento em que a árvore fosse decorada com cornetas de vidro e quilled stars³, esse espaço seria transformado em algo estrangeiro. Isso o deixava sentindo-se estranhamente desconectado do natal cada vez mais próximo. Talvez ainda seria natal se houvesse árvores em vez de hera, se o Boxing Day⁴ fosse substituído com a visita de Kris Kringle⁵, mas não parecia o mesmo para ele.

Nunca mais seria o mesmo, não sem seu pai tocando uma série de sinos na porta de seu quarto às seis da manhã. Não sem seu pai colocando as luvas e arrastando-o para fora para examinar a neve — se houvesse alguma — ou para mostrar-lhe o campo. Este Natal prometia nenhuma das coisas que o fazia se lembrar da infância. Seu pai não podia sair da cama por muito tempo, e Jonas não tinha certeza de que podia suportar ouvir os sinos, sabendo que não era seu pai que estava tocando. Ele

2

Um bolo de chocolate em forma de cilindro, consumido no Natal, que é decorado para parecer como um log [uma tora de madeira]

3

<http://3.bp.blogspot.com/-1wT4TrbA2VY/UMMeTz0c3oI/AAAAAAAAAMfI/0P69Tl0FqSs/s1600/2012-12-07+11.41.21.jpg>

4

“Boxing Day” é o termo utilizado em numerosos países anglófonos para designar o dia seguinte ao dia de Natal, geralmente o 26 de dezembro, exceto quando 26 cai em um fim de semana, sendo o “Boxing Day” adiado para segunda-feira. Nesses tempos longínquos, patrões e senhores presenteavam os trabalhadores.

5

Nos Estados Unidos e no Canadá esse termo refere-se ao Papai Noel, mas popularmente conhecido como Santa Claus, na Inglaterra porém esse termo também refere-se aos "amigos secretos". Mas como na frase acima o Jonas frisou "visitar", ele deve referir-se ao Papai Noel mesmo. E esse termo é de origem alemã.

virou a cabeça para longe da árvore, dos homens que arrastavam-na para ficar ereta, e as mulheres que olhavam, saindo para fora com canecas fumegantes em meio a muitas risadas. Eram trinta pés de distância, mas poderia muito bem ter sido uma milha.

A casa que ele estava procurando estava no canto mais distante. Um rastro de fumaça saía pela chaminé. O jardim na frente não era nada além de lama, pedras e algumas ervas daninhas decrépitas. Quando Jonas abriu o portão de ferro, ele olhou para algum sinal de vida além da fumaça. Mas as cortinas, como sempre, estavam fechadas.

Ele se curvou, pegou um papel amassado que tinha passado pelo portão, e fechou-o.

Então, ele bateu na porta.

Como sempre, a resposta levava minutos para vir.

O papel estava molhado e sujo e suas mãos estavam frias. Suas mãos estavam perpetuamente frias nos dias de hoje; ele esfregou-as para aquecê-las, mas lembrou-se no último momento que ele não deveria soprar sobre elas. Ele estava prestes a bater de novo quando a porta finalmente se abriu.

O cheiro sempre golpeava-o primeiro. Era um cheiro de mofo da terra, o cheiro de lugares úmidos escondidos da luz solar, de ar que ainda estava assentado e imóvel. Ele sempre tomava algumas respirações antes que se acostumasse com o odor.

— Boa noite, Henry — disse Jonas. — Ele está aqui? — Ele mal podia ver a figura na porta, de tão escuro que era o interior. Henry era uma silhueta, com quase um metro e meio, magro e desengonçado.

— Aye — Henry disse, movendo-se para trás. — Onde mais ele estaria?

Jonas abriu os braços, as mãos frias, em súplica ao universo e olhou para cima. — Onde mais — ele suspirou — de fato.

Toda vez que ele vinha aqui, ele dizia a si mesmo que não poderia ficar pior. Toda vez que ele voltava, era provado a ele que estava errado.

A sala — alguém poderia chamar aquilo de *sala* quando não havia espaço? — estava completamente cheia. Um pouco de iluminação acenava; uma pitada de fogo refletia-se filtrada por um corredor estreito.

Parecia um corredor estreito, à primeira vista. Em um segundo olhar, poderia ter-se concluído que a passagem era um túnel natural feito em uma caverna subterrânea. As paredes pareciam irregulares, pedras descontínuas.

Era só quando alguém chegava perto que se podia ver que esta caverna não era feita de pedra calcária. Ela era feita de pedaços descartados de móveis, painéis de cobre velhas que haviam sido quebradas e atiradas no monturo⁶. Havia pedaços de ferro curvados que pareciam ter sido tirados das rodas quebradas de carros e barris que haviam sido mitigados. Todos foram empilhados precariamente. Vagamente, ele reconheceu o mais recente artigo que se juntou à coleção: um fogão velho, uma caldeira rompida. Ele adicionou um pequeno pedaço de ferro enferrujado ao buquê da sala.

— Henry — Jonas disse — você percebe que para chegar ao quarto, eu vou ter que realmente afundar este lado.

A silhueta de Henry deu de ombros na escuridão.

— Não há espaço para mais nada. Você vai ter que dizer a ele que não há espaço para a próxima vez que alguém trazer algo. Ele deve parar de comprar lixo.

Outro dar de ombros. — Foi o que você disse da última vez. Mas, na verdade, se você puder enfiar algumas das coisas menores nos barris, haverá um bom espaço aí.

— Claro. Sob os barris. — Jonas esfregou a testa. — E rezar para não causar uma avalanche. Não importa. Se há espaço agora, não importa.

Henry deu de ombros novamente. — Se eu não dizer que ele pode, ele vai me demitir como fez com os outros.

Talvez não fosse tão ruim quanto parecia. Talvez...

Jonas sabia que ele tinha falhas suficientes, e uma tendência ao excesso de asseio e da ordem era uma delas. Seus dedos tremiam se visse um único quadro distorcido fora do alinhamento. A desordem da casa dava-lhe uma coceira de corpo inteiro, uma que se instalava logo abaixo das têmporas e não poderia ser aliviada.

Ele pegou algumas colheres do chão conforme andava através dos escombros e posicionou-as, perfeitamente em ordem, no topo de uma caixa de metal. Era como se ele estivesse tentando fechar uma ferida mortal com dois pedaços de barbante.

A sala que estava atrás, graças a Deus, não estava tão terrível. Isso só significava que o lixo que rodeava as paredes só tinha alcançado uma altura mediana, e que a área ao redor da lareira estava basicamente limpa. Havia algumas caixas cheias de pedaços de metal sujos espalhados. Mas pelo menos havia uma bacia e sabão e uma mesa onde um garoto como Henry poderia preparar uma refeição simples.

Jonas lavou as mãos antes de subir as escadas. Quando ele era jovem, sempre havia lixo ao redor. Inevitável, realmente, quando seu pai era um comerciante de sucata. Mas ela tinha sido cuidadosamente ordenada então, e tinha sido mantida nos galpões de trás e no quintal. Mais importante ainda, as pilhas de sucata tinham partido tão rapidamente quanto elas tinham vindo. Mas a saúde de seu pai tinha começado a falhar, e ele gradualmente tinha parado de vender. Ele parou de vender, mas ele não tinha parado de pegar coisas. No momento em que Jonas tinha terminado seu último ano na King's College, as coisas tinham chegado a esse ponto.

Ele caminhou até as escadas para o quarto superior. O telhado era baixo o suficiente sobre a escada para que ele tivesse que se inclinar até que ele chegasse ao centro do quarto. Havia uma segunda lareira aqui, e um bom fogo de carvões em brasa. Sr. Lucas Grantham se sentou na cama e apertou os olhos na direção da escada.

— Bem? — perguntou ele. — O que você tem?

Jonas estendeu as mãos para fora. — Sou eu, pai.

— Hmmp. — O homem cruzou os braços, colocando as mãos nas axilas. — Bem, não fique muito tempo — ele lamentou. — Eu estou fazendo negócios hoje.

Jonas olhou ao redor do quarto com ar de dúvida. — Entendo.

Uma caixa de madeira estava em um lado da cama, cheia de pedaços de metal enferrujados. Aos seus pés, pedaços de madeira lascada e papel estavam espalhados.

— Tive alguns barris velhos ontem — disse seu pai. — Bons fechos naqueles, se você sabe o que procurar. Fiz minha primeira fortuna em fechos, procurando aqueles pequenos pedaços de metal que outros homens não poderiam se incomodar em encontrar.

Jonas olhou ao redor procurando uma cadeira, mas qualquer uma que estivesse aqui ontem tinha sido desmontada por causa de seus pregos, ou ela tinha sido engolida pelo lixo que lotava o lado norte do quarto, derrubado no chão.

— Foi assim que eu ganhei sua mãe. Fechos. — Ele fez um ruído feliz.

Jonas sentou-se cautelosamente na beira da cama. — Pai — disse ele. — Você não precisa mais fazer isso.

Anteriormente, o Sr. Grantham tinha possuído um império de sucata rentável. Ele tinha negociado não apenas fechos, mas pedaços maiores, maquinário obsoleto das fábricas, trilhos de ferro de trilhos de trem que tinham caído em desuso, comprado em parcelas de estradas de ferro falidas. Ele sempre tinha sido

escrupulosamente frugal, uma das primeiras lembranças de Jonas era de seu pai arrancando um prego da ferradura de um cavalo no meio da rua, ignorando a sujeira, enquanto Jonas permanecia a três pés de distância e orava desesperadamente para que nenhum dos outros meninos visse-o. Mas isso... isso era diferente.

— Claro que eu tenho que fazer isso — respondeu o pai. — Sempre tem isso. Sempre vai ter. Nunca é tarde demais para salvar um centavo. Eu tenho que fazer isso. — Ele olhou para Jonas. — Eu sei o que você está prestes a dizer, menino... não quer nada mais do que me ter dependente de você, dançando ao som de sua música. Mas esta é a minha vida, rapaz. Ninguém me afastará daqui.

— Eu não teria nenhuma objeção, se você vendesse o que você pega. Mas...

— Assim que eu estiver me sentindo bem novamente, eu vou começar mais uma vez — o Sr. Grantham respondeu.

— Já faz mais de um ano. E você tem dinheiro suficiente no banco, não há necessidade de se preocupar.

— Um ano? Besteira — Sr. Grantham resmungou. — Em algumas semanas, no máximo, eu já estarei me sentindo melhor.

Essa foi uma das coisas que tinham começado a dar errado. Nos primeiros dias após o ataque cardíaco de seu pai, ele parecia confuso e ferido. Mas ele sobreviveu, e mesmo que Lucas tenha encontrado-se com falta de ar na maioria das vezes, Jonas tinha abrigado esperança. Essa esperança morria mais a cada dia. Não era apenas o corpo de seu pai que estava falhando, mas sua mente também. Seu senso de tempo se derreteu. Ele não se lembrava mais que tinha sido meses desde que ele foi capaz de sair da cama. E ele tinha focado em trazer sucata de ferro, mais e mais. Talvez uma parte dele acreditava que se pudesse trazer o suficiente, se ele pudesse encher a casa com o lixo como tinha feito em seu passado, o futuro não viria.

Jonas tinha tentado tudo. Uma vez, ele até contratou um par de homens para entrar e limpar a casa à força. Mas seu pai tinha gritado e continuado. Ele chamou a polícia, de fato, e quando chegaram, eles tinham lamentavelmente informado a Jonas que, como a casa era do Sr. Grantham, e como ele de fato possuía o lixo, seria roubo se Jonas o tirasse.

Esse tinha sido um belo dia, seu pai ameaçando processá-lo se ele continuasse. Agora, ele simplesmente tentava não perturbar o homem.

Neste ponto, Jonas poderia ter recitado a seção relevante no *Indicações de Conolly sobre a Demência* da memória. “Quando o indivíduo sempre foi excêntrico, a excentricidade provavelmente será aumentada com a idade. Para um ignorante dos hábitos anteriores do paciente, ele pode parecer louco, embora, talvez, ele seja apenas um humorista, que na vida em declínio tornou-se um pouco mais infantil em seus humores.”

Sr. Grantham ainda era o mesmo homem que sempre tinha sido, um pouco melancólico, um pouco desconfiado, e extremamente frugal. Era só que essas qualidades tinham sido refinadas mais e mais até que ele pudesse pensar apenas em sucata e ferro velho, até que sua casa havia se tornado um verdadeiro lixão, com ele próprio designado como Rei do Lixo.

Tudo o que Jonas tinha que fazer para parar isto, era ter seu próprio pai declarado como incapaz.

— Você teria de estar casado agora, eu suponho — disse o pai — e me dando netos já, se você ainda guardasse os fechos. — Isto foi dito com um ar triste. — Agora você está sozinho.

Jonas poderia ter apontado que ele só tinha vinte e seis anos de idade, que seu pai havia se casado muito mais tarde do que ele, que ele ainda poderia ter sua escolha de uma dúzia de mulheres. Mas havia alguma verdade no que seu pai disse.

Oh, não o besteiro sobre fechos. Quanto ao resto...

Ele poderia ter se casado no ano passado, mas não o fez por causa de seu fascínio por Lydia Charingford.

As manhãs quando ele tirava o chapéu para ela na rua eram sempre as mais brilhantes. Ele sorria quando a via. Ele via tão pouca esperança no mundo, e ela via tanta. Havia dias em que ele queria sentar e observar ela, para descobrir de onde todo aquele bom ânimo vinha.

Ele sabia que ele tendia a melancolia. Isso o fazia considerar envenenamento do sangue e ataques cardíacos quando alguém poderia ver um toque de indigestão. Esses cenários de pior caso cuidadosamente considerados o fazia um bom médico, mas também fazia com que se sentisse como uma pequena nuvem nebulosa.

Quando Lydia Charingford estava por perto, porém, ele se sentia como uma pequena nuvem nebulosa *sorridente*. Ele gostava da forma como ela via as coisas, mesmo quando ela confundia-o. Ele gostava do jeito que ela via todo o mundo... exceto a parte dele que continha-o.

Ele era a única pessoa da qual ela não gostava. Ele deveria ter desistido.

Mas de vez em quando, ele pegava seu olhar por acidente, e o rubor em seu rosto quando ela se virava... Apenas isso tinha impedido-o de seguir em frente.

Ele sabia que deveria ter dito alguma coisa, — algo diferente de dispersas, observações contundentes, que nunca acabavam bem — mas era difícil falar com uma mulher que sempre pensava o pior dele. Além disso, ela ficou noiva do Capitão Stevens há seis meses, e Jonas não era o tipo de homem que iria invadir onde ele não tinha o direito.

Meses se passaram. Ele chamou a si mesmo de tolo. Apaixonado pela noiva de outro homem? Agora aquilo tinha sido verdadeiramente insuportável. Mas, então, ela terminou o noivado.

— Você está certo sobre isso — ele disse ao seu pai. — É hora de pôr minha mente nisso. Devo supor que você concordaria em limpar este lugar se eu me casasse dentro de um ano?

— Limpar isso? — Seu pai repetiu, olhando em volta. — Eu suponho que eu irei, então.

Jonas olhou para cima bruscamente. — Você irá?

Era hora de tentar conquistá-la, apesar de todos os muitos defeitos de sua personalidade. O acordo do seu pai a esse respeito era tudo o que ele tinha estado esperando. Se conseguisse, ela iria fazê-lo feliz. E se ele falhasse... levaria muito tempo para ele escolher outra pessoa.

— Claro que eu vou — disse o pai. — Eu disse a você, a única razão pela qual está acumulando um pouco agora é que eu não estou podendo me levantar. Uma vez que eu estiver bem de novo, eu vou cuidar de tudo.

Jonas suspirou, e considerou que aquela promessa seria tão inútil quanto o lixo que saía de caixas em torno dele. — Claro que você vai — disse ele, olhando para cima. Ele tinha ouvido aquilo de seu pai todos os dias durante o ano passado, e todos os dias, ele pôde marcar mais um sinal da sua fragilidade crescente. — Claro que você vai.



— Bem, senhorita Charingford — disse Jonas, — Eu suponho que você está se perguntando por que estou aqui.

A senhorita Charingford traçou a borda de seu lenço com seu dedo. Não podia mais ser chamado de sol da manhã, aquela luz brilhante que se derramava através

da janela de vidro na sala de estar da casa dos pais dela, mas isso só aconteceria após o meio-dia. A luz beijou o rosto da décima primeira mulher mais bonita de toda Leicester, e Jonas sentiu ciúmes.

Mas ela não olhou para ele. Ela simplesmente deu de ombros. — Nem um pouco, Doutor Grantham — disse ela. — Eu não estou me perguntando. Perguntar requer pensamento; pensamento requer preocupação. — Ela olhou para ele e levantou uma sobrancelha. — E a preocupação, Doutor Grantham, me obriga a me preocupar com seus motivos em primeiro lugar.

Que eu não sei. Ela deixou aquilo implícito, mas não dito.

— Estou constantemente espantado com você — disse ele. — Dizer que você vê o mundo através de óculos cor-de-rosa seria a maior das atenuações. Você não apenas vê as coisas coloridas em rosa; você vê um mundo que é todo rosa.

Ela lhe deu um sorriso forçado.

— Quando eu a pressionei sobre isso, você não sorriu afetadamente ou perturbou-se ou deu desculpas. Você defende o que você vê com uma surpreendente capacidade de lógica.

— Uma *surpreendente* capacidade — disse ela, sem rodeios. — Nossa, os elogios que você dá a uma mulher. Diga mais.

Jonas sentiu-se ruborizar. Ele tinha, de fato, destinado isso como um elogio. — Isso saiu mal. Eu só queria dizer que você vê o mundo inteiro em termos elogiosos. O mundo inteiro, isto é, exceto eu.

A senhorita Charingford não olhou para ele. Na verdade, Jonas pensou que ela estava evitando seus olhos. Os dedos dela flexionaram-se. — Eu não vejo o mundo em termos elogiosos, Doutor Grantham. Eu teorizo, e nem todas as minhas teorias são positivas.

— Eu não acredito nisso nem por um segundo.

— Claro que *you* não acredita — disse ela. — Mas eu me permito considerar as possibilidades boas e as más. Eu simplesmente opto por concentrar-me nas boas, quando elas estão lá para serem encontradas.

— Você faz mesmo isso?

— Você, por outro lado, só está consciente das más.— Ela olhou para longe.

— Não creio que você me conhece bem o suficiente para julgar isso — ele respondeu suavemente.

— Bem o suficiente. Dê-me um exemplo.

Ele gostaria disso, na verdade. Ele teria gostado muito de tomá-la⁷. Mas ele se virou para ela e fez um gesto por atenção.

— Você acha que porque eu sou otimista, sou frívola e insensata, um verdadeiro lírio do campo, incapaz de labutar, criar algo, ou ler o *London Quarterly* quando surgir à oportunidade. — Ela se inclinou e cochichou. — Deixe-me lhe contar um segredo. Eu não sou estúpida.

— Na verdade, Senhorita Charingford — disse ele, inclinando a cabeça em direção a ela, baixando a voz a um tom tão baixo quanto podia. — Eu já sabia disso sobre você. Eu nunca pensei que você fosse estúpida. Ou tola. Ou ignorante. — Ele colocou sua mão sobre a dela. — Apenas diferente.

Sua respiração ficou presa e seus olhos se arregalaram. Ela olhou para seus dedos, ele podia sentir os nós de seus dedos contra a palma da sua mão.

— Você me surpreende, porque você sabe exatamente as mesmas coisas que eu sei, e você chega às conclusões exatamente opostas — disse ele. — Toda vez que você abre a boca, estou convencido de que você deve ser a garota mais ingênua

sobre a face do planeta. E, no entanto... — Ele balançou a cabeça. — E, no entanto cada vez que você abre a boca, você demonstra que você não é.

Ele não moveu sua mão o tempo inteiro. Ela sentou-se, olhando em seus olhos, e ele sentiu-se positivamente hipnotizado. Seus olhos eram tão escuros, sua pele tão clara. Seu cabelo foi colocado em um coque, com pequenos cachos escapando para cair em seu rosto.

A senhorita Charingford sempre estava bem vestida. Havia uma atenção ao detalhe elegante em seu asseio que até mesmo seu cérebro ignorante de moda poderia identificar. Mas hoje, vestida com um vestido avermelhado que destacava o rosa de seu rosto, ela parecia particularmente adorável. Aquelas sardas em seu nariz praticamente imploravam para serem tocadas.

Ela puxou a mão de debaixo da dele, cerrando-a em um punho ao seu lado. — Isso é porque, como eu disse, eu vejo tanto o bem quanto o mal em tudo o que vem na minha direção. Dessa forma, eu nunca estou despreparada. — Ela lhe lançou um olhar, que o fez engolir em seco. — Em torno de você, eu preciso de um grande esforço de preparação.

— Ah. Então, você pode não se *perguntar* sobre por que eu vim. Mas talvez você tenha teorizado sobre isso.

Ela apertou os lábios e desviou o olhar. — Não seria educado dizer.

— A única coisa que nunca fomos para o outro é educados. Mas não importa, senhorita Charingford, vou preencher os lados mau e bom. Ou eu sou um companheiro indizivelmente rude, do tipo que exala sua ira e má disposição em jovens senhoras perfeitamente inocentes, ou... — Seu olhar deslizou pelo seu perfil. Ela ainda estava olhando para o outro lado da sala, recusando-se a encontrar seus olhos. — Ou — ele disse suavemente — Estou loucamente apaixonado por você. E eu tenho estado desde o ano passado.

Seu coração pareceu parar em seu peito enquanto falava. Os segundos que deveria ter passado congelaram-se em uma agonia de espera, observando para ver se seus olhos se arregalariam. Se ela iria voltar-se para ele e ver a verdade em suas feições. Se ela iria mesmo se importar.

Mas ela não olhou para ele. Ele não podia ler o que ele viu em sua expressão, um aperto de sua mandíbula, um enrijecimento de sua mão antes que ela pressionasse-a sobre a mesa.

— Bem — ela finalmente disse — você está fazendo isso errado. Supostamente você pegaria duas possibilidades, uma terrível e uma adorável. — Ela virou-se então, deliberadamente, encontrando seus olhos. Havia uma centelha de diversão neles. — Confesse, Doutor Grantham. Essas *duas* são terríveis.

Era uma sensação tão curiosa, aquela sensação de constrição que se instalou sobre ele. Ele sentiu como se seu coração fosse feito de garrafas de vidro verde, frio e ondulado, distorcendo a luz que passava através dele, até mesmo a emoção mais brilhante foi despojada de toda a iluminação. Ele empurrou os cantos de seus lábios em um sorriso.

— Ah, senhorita Charingford. Você me mata.

Talvez algum indício da verdade vazou, porque a luz desapareceu de seus olhos, e ela olhou para ele. — Eu não feri seus sentimentos, não é? Eu quis dizer isso...

— De uma forma descontraída — disse ele bruscamente.

— Sim.

Fechos, ele podia imaginar seu pai dizendo. *Eu cortejei sua mãe com fechos*. Jonas tentou imaginar o rosto da senhorita Charingford se ele a presentearse com um prego de ferradura recuperado de alguma boulevard suja. Ela provavelmente iria olhar para ele... aproximadamente do mesmo jeito que olhava agora, como se ele tivesse oferecido a ela um buquê com excrementos de cavalo.

Ele fez isso para si mesmo. Ele tinha um senso de humor terrível, uma língua demasiado contundente, e ele nunca tinha visto motivos para segurá-la. Mas ela nunca o levaria a sério agora. Ele lhe tinha dito abertamente que ele a amava, e ela não tinha visto isso como qualquer coisa, além de outra saraivada, outra brincadeira irrefletida. A totalidade de seus sentimentos haviam se tornado uma piada. Ela nem sequer via-o como um amigo, e muito menos como um pretendente.

Se ele fosse outra pessoa, ele poderia estourar em um discurso florido. Se ele fizesse isso, ela provavelmente iria rir dele. Além disso, ele não acreditava em fingir ser alguém que não fosse quem ele era. Mesmo que ela desmaiasse por qualquer tolice poética que ele conseguisse jorrar, ela só ficaria desapontada, uma vez que eles ficassem confortáveis um com o outro e ele voltasse a fazer piadas sobre a morte e gonorreia.

— Não se preocupe, minha querida — disse ele, um pouco mais bruscamente do que pretendia. — Eu sou um médico. Nós não estamos autorizados a ter sentimentos; eles interferem com o nosso julgamento profissional. Estou aqui para fazer uma proposta.

— Oh? — Seu queixo enquadrou-se. — Em uma escala de chato a impróprio, onde ela cai?

— Ligeiramente escandalosa. — Ele bateu na mesa. — Eu tenho uma aposta para você, se você tiver estômago para isso.

Seu queixo levantou-se novamente. — Não há nenhuma razão para uma aposta — disse ela. — Não há nada que você tem que eu poderia querer.

Ele ignorou isso. — Aposto — disse ele — que eu poderia mostrar-lhe uma situação antes do Natal que estaria além até mesmo de sua capacidade de bom ânimo.

Ela franziu a testa. — O que você quer dizer?

— Eu vejo o pior de Leicester. Em cinco minutos, vou partir para o meu próximo compromisso. Você sorri e você deseja e você vê todo um mundo estabelecido nos termos mais otimistas. Aposto que eu posso te encontrar uma situação que carece de um lado positivo.

Ele não tinha fechos, mas tinha sua versão deles, chamados de casa.

Ela refletiu sobre isso por alguns momentos. — O que você ganha se você ganhar?

— Nós vamos chegar a isso em um momento, por favor. A questão mais saliente é, o que você deseja se você ganhar? Você poderia me pedir qualquer favor. Você poderia me fazer ficar no meio da feira durante vinte minutos, se você quisesse. Pense, senhorita Charingford, em todas as maneiras que você pode me humilhar. Certamente que isso vale *alguma coisa* para você.

Ela franziu a testa e bateu os dedos contra seus lábios. Ela não olhou para ele conforme pensava; ela apenas inclinou a cabeça e estreitou os olhos. Finalmente, ela deu um aceno de cabeça. — E se eu disser que queria que você nunca falasse comigo de novo?

Seus pulmões pararam de funcionar. — Isso é... isso é o que você quer?

— Nada de comentários sarcásticos. Nada de humor cortante. Nada de lembranças de meus erros do passado. — Sua voz abaixou-se. — Sim, doutor Grantham. Isso me seduz. Isso me tenta muito.

Ele engoliu em seco. Cada palavra que ela falou machucou. Ela não apenas não gostava dele. Ela o odiava. Mas se esse era o jeito de como seria as coisas... Melhor que ele descobrisse agora.

— E se você mudar de ideia mais tarde? Será que eu estaria impedido de falar?

Ela considerou isto um momento. — Eu suponho que se eu perder a cabeça ao ponto de querer ouvir o tom rangente de sua voz mais uma vez, eu deveria ser

permitida a ter a oportunidade de reverter à aposta. Não precisa ser uma condição permanente. — Ela inclinou a cabeça para ele. — Mas será, é claro.

— A menos que eu ganhe.

Ela acenou descartando essa possibilidade. — E qual humilhação você vai impor sobre mim se você ganhar? — perguntou à senhorita Charingford.

— Eu quero um beijo.

Sua cabeça virou-se para ele. Seus olhos se arregalaram. Ela olhou para ele. Ele queria alcançar e tocar as pontas de seus dedos em sua bochecha, passar sua mão para baixo da linha de sua mandíbula até que seus lábios se suavizassem.

— Um beijo — ela repetiu. — Você quer um beijo. De *mim*.

— Suas orelhas parecem funcionar com precisão tolerável. — Suas próprias palavras pareciam ásperas e cortantes. — Se você deixar, eu recebo um beijo seu. Um beijo de verdade, e não algum casto beijinho na bochecha.

Enquanto ele falava, suas sobrancelhas levantaram-se. Seus lábios apertaram-se. — Você acha que sou facilmente vencida, Doutor Grantham?

— Eu acho que é tão fácil quanto conquistar uma cidadela. Por que mais eu inclinaria-me a fazer apostas elaboradas com você em troca do menor sinal de sua afeição?

Ela não pareceu ouvir isso. Em vez disso, com a sobrancelha franzida ela olhou para cima. Finalmente, ela balançou a cabeça para si mesma como se ela tivesse resolvido um problema difícil. — Eu vejo o que você está pretendendo, Grantham. Você acha que vai me ensinar uma lição. Você quer me mostrar que o mundo é mais assustador, e mais obscuro, do que eu acredito que seja.

— Talvez eu esteja apenas procurando uma desculpa para passar o tempo em sua companhia. — Talvez ele queria que ela visse-o fora dos contextos sociais onde ele se saía tão mal. Ele queria uma chance para ela ver *ele*, uma chance de romper a parede impenetrável de sua antipatia. — Talvez — ele disse — Eu estou pensando

que os dias são escuros e longos, que o solstício de inverno está se aproximando. Talvez, senhorita Charingford, tudo o que eu realmente quero é um beijo.

Se ela chegasse ao fim do seu tempo juntos e sentisse qualquer afeição por ele, ela nunca teria que impor a penalidade ridícula que ela tinha pedido. Se vencesse, ele iria beijá-la. E se ela não gostasse dele após passar um tempo em sua companhia...

Sim, era definitivamente preferível pensar naquela oportunidade agora.

— Quanto mais eu penso sobre isso — disse ele — mais eu percebo que é impossível para mim perder.

— Temos mais de duas semanas até o Natal, e eu me recuso a seguir você o tempo todo. Três visitas serão suficientes, você não acha?

Três visitas. Eles caminharão até as visitas e voltarão. Isso poderia elevar-se a um punhado de horas em sua companhia. Se ele não conseguisse convencê-la a considerá-lo durante esse tempo, nunca iria acontecer.

— Três visitas vão ser suficientes. — Ele fez uma pausa. — Se você for me acompanhar a visitas na época do Natal, você pode considerar...

— Eu vou fazer uma cesta — disse a senhorita Charingford. — Claro que eu vou.

— Amanhã, então, nós estaremos indo ver uma mulher que tem oito filhos e mais um a caminho. — Ele olhou para ela. — Leve algo apropriado.

Capítulo Quatro

Havia uma tradição que começou há seis anos, que sempre era importante para Lydia. Nesses dias, ela nunca se sentia como se o Natal estivesse chegando, até ela ter decorado o escritório de seu pai.

Outro homem poderia ter franzido a testa e ordenado-lhe que saísse enquanto se inclinava sobre os livros de contabilidade. Mas, então, Lydia tinha sido sempre consciente de que seu pai era um pouco fora do comum.

Ele se sentou em sua mesa quando ela acabou de colocar a fita vermelha sobre a base da lamparina a óleo que estava em uma mesa lateral. Ele não olhou para ela. Ele não disse uma palavra. Ainda assim, quando ela cortou o tecido e começou a adicionar o azevinho, ele se inclinou e, quase distraidamente, apertou a mão dela.

— Posso arranjar-lhe alguma coisa? — perguntou ela. — Chá? Uma taça de vinho?

— Mmm — ele respondeu. — Algo. Eu estou perdendo algo.

Ela olhou por cima de seu ombro. — Você deixou isso passar na última página — disse ela depois de um momento de estudo. — Quando você somou o montante.

Ele olhou para ela, espiando por cima dos aros dos óculos. — Onde, então?

Ela correu o dedo pela página e apontou.

Ele franziu a testa, não uma carranca real; ela conhecia seus estados de espírito bem o suficiente para saber quando ele estava descontente. E agora, ele não estava. — Então eu fiz isso — disse ele. — Eu fiz.

Mas, em vez de voltar para seus livros, ele olhou para ela, para o vestido rosa escuro que ela vestia, inadequado para uma tarde em casa.

— Você vai sair — disse ele suavemente.

Ela encolheu os ombros, sentindo-se subitamente estranha. Lydia sabia com toda certeza que ela podia dizer qualquer coisa ao seu pai. Ela disse a ele sobre aquela provação terrível com Tom Paggett, depois de tudo. Seu pai sabia do pior sobre ela, e ele a amava de qualquer maneira. Ela não entendia o por quê.

E ela não queria contar a ele sobre sua aposta com o Doutor Grantham. Ele confiava nela, e mesmo que ela soubesse por que ela concordou com aquilo — por nenhum outro motivo do que para se livrar dele — ela estava consciente de que a situação poderia parecer um pouco imprópria se ela fosse revelar as apostas.

Um beijo? De Grantham? A própria ideia a fez estremecer. Não, tinha feito todo o sentido se certificar de que Grantham nunca falasse com ela novamente. Ela nunca teria que sentir aquela antecipação nervosa subindo por sua espinha. Tudo o que tinha a fazer era aguentá-lo por algumas tardes, e ela estaria livre dele.

— Eu vou sair — disse ela, sem jeito.

Ele olhou para baixo, viu de relance suas botas. — Indo para uma caminhada. Com um homem?

Lydia fez uma careta. — Não é um homem — ela murmurou. — Pelo menos, não dessa forma.

Mesmo que não houvesse nada de excepcional em andar com um cavalheiro, um outro pai — sabendo o que ele sabia de Lydia — teria restringido os movimentos dela, recusando-se a deixá-la fazer o que as outras jovens faziam. Ele poderia ter dito que ela não era mais confiável.

O Sr. Charingford não era aqueles outros pais. Quando Lydia tinha dito a seu pai que estava grávida, ele a abraçou por longos minutos, sem dizer uma palavra. Ele chamou sua mãe, deixando Lydia em seu abraço reconfortante. Então ele saiu de casa. Ela não tinha ideia do que ele tinha dito ou feito, mas Tom Paggett havia

deixado a cidade dois dias depois. Seu pai não falava muito, mas ela nunca duvidou dele.

Uma das primeiras lembranças de Lydia era estar brincando no chão do escritório do pai. Sua aia tinha vindo, agarrando-a com uma enxurrada de desculpas e uma reprimenda para Lydia.

— Você não pode ver que seu pai está ocupado? — ela tinha repreendido. Mas o pai dela tinha simplesmente dado de ombros.

— Se você levá-la cada vez que eu estiver ocupado — ele tinha dito calmamente — Eu nunca vou vê-la. Ela pode ficar.

Ele não tinha estado muito ocupado para levá-la a Cornwall quando ela estava grávida, escondendo sua condição de quem a teria menosprezado. E na manhã de Natal, quando ela não teve certeza se ela iria viver, ele veio ao seu quarto com fitas e azevinho. Ele não tinha dito uma palavra; ele só colocou-as ao redor do quarto, mexendo com as fitas que ele mal sabia como amarrar porque ele queria fazer algo.

Às vezes, quando ela pensava em seu pai, ela sentia como se houvesse algo vasto e impossivelmente grande dentro de sua figura esguia, algo grande demais para palavras. Ele certamente parecia muito grande para ela.

E agora, ela colocava fitas em seu escritório conforme o Natal se aproximava. Era a única maneira que ela poderia devolver essas grandes emoções.

— Você não sairá com um homem? — Seu tom era congenialmente suspeito. Ele olhou diretamente para ela.

Aquele era seu vestido de passeio favorito, aquele que ela guardava para ocasiões especiais. Ele notou a alteração que ela fez nas mangas na noite passada, substituindo os luminosos punhos azuis por duas polegadas de linho branco que ela mesma bordou.

Lydia sentiu-se corar. — Eu gosto de parecer bem, não importa com quem esteja. — Ela não tinha certeza do por que ela vestiu-se com tal cuidado particular. Talvez ela só não queria dar a Grantham outra oportunidade de zombar dela.

— Sr. Charingford. Senhorita Charingford. — Uma criada colocou a cabeça na porta, interrompendo a conversa.

Atrás dela estava a figura alta de Jonas Grantham. Seu casaco estava pendurado em um braço; ele mantinha uma grande bolsa preta no outro.

— Você vê? — disse Lydia, lamentavelmente. — Não é um homem. É um médico.

Grantham olhou para um lado, mordendo o lábio, e seu pai levantou uma sobrancelha para ela.

— Isso não é o que eu quis dizer — Lydia murmurou.

Mas o pai dela simplesmente tirou os óculos e os colocou sobre a mesa.

Grantham não olhou para ela. — Eu acredito que sua filha queria dizer que ela concordou em me acompanhar em uma visita aos Halls, em Lipham Road.

— Halls, Halls. — Seu pai franziu a testa. — Eu conheço esses Halls?

— É improvável. Ela trabalha na lavanderia — disse Grantham. — Seu marido morreu, deixando-a com a responsabilidade exclusiva de oito filhos. Quando falamos com a Comissão de Higiene dos Trabalhadores, Lydia concordou em levar aos Halls uma cesta para as férias.

Seu pai olhou para Lydia com um pequeno sorriso em seu rosto.

— Será uma visita perfeitamente normal — disse Grantham. — Ruas públicas por todo o caminho até lá, e a Sra. Hall estará lá para acompanhar sua filha, quando entrarmos na casa.

— É isso que você estava fazendo nesta manhã? — perguntou seu pai. — Juntando uma cesta para esta Sra. Hall?

Lydia acenou com a cabeça.

Seu pai fixou o Doutor Grantham com um outro olhar. — Bem, doutor, apesar dos protestos da minha filha, você parece ser um homem. Eu gostaria de uma palavra com você, se você permitir.

O Doutor Grantham entrou no escritório; com um movimento de cabeça, seu pai fez um gesto para Lydia sair. Ela bufou e saiu, fechando a porta atrás dela. Ele não impediu-a de ficar de pé na soleira, porém, e colocar o ouvido na porta.

— Então — ela ouviu o pai dizer sem preâmbulos. — Você está saindo com a minha Lydia. — Seu tom deixou poucas dúvidas sobre o que ele quis dizer com aquelas palavras.

Ela esperou ouvir Grantham negar a implicação, que ele tinha algum tipo de interesse romântico em Lydia. Mas se ele deu uma resposta audível, ela não pôde ouvi-la.

Por tudo o que ele disse, tudo o que ele gesticulou, seu pai resmungou. — Sim, sim — disse ele — eu entendo. Mas eu quero deixar algo bem claro. Se você machucar minha filha por fala ou por escrito...

— Sr. Charingford — Doutor Grantham disse — em primeiro lugar, não haverá danos. Essas não são apenas palavras que eu murmurei para que eu pudesse obter algumas letras extravagantes antes e depois do meu nome. Elas são uma crença. Eu não machuco as pessoas. Eu pretendo prejudicar a sua filha menos do que todos.

Lydia voltou-se para trás, um pouco confusa, e olhou para a porta. Ela esperava que Grantham fizesse algum tipo de comentário cáustico sobre como o dano para Lydia já havia sido feito. Mas ela não tinha ouvido uma nota de sarcasmo em sua voz.

— Ela é muito mais delicada do que parece — seu pai estava dizendo. — Não pense que você pode falar com ela em sua forma habitual. Ela é sensível.

— Sua filha — respondeu Grantham — é mais forte do que você pensa. Eu não iria levá-la para ver a senhora Hall se ela fosse do tipo que se aflige por algumas

palavras duras. Confie em mim, Sr. Charingford; eu sou bastante capaz de julgar o que cada um pode suportar.

Isto foi recebido com silêncio. Lydia se sentiu franzindo a testa. Desde quando Grantham pensava nela como forte? Desde quando ele pensava nela, exceto para rotular-lhe de frívola?

Desde que ele fez uma aposta por um beijo. Suas mãos formigaram; Lydia balançou a cabeça, tentando conduzir esse sentimento para longe.

— Você vê isso, não é? — disse finalmente seu pai. — Eu não acho que muitos homens veem. Ainda assim, seja bom para minha filha, Grantham, ou você vai se ver comigo.

— Qualquer coisa que você fizer não poderia ser tão desagradável como eu iria me sentir — ele respondeu.

Essa foi uma resposta ainda mais intrigante, e ela incisivamente *não* estava pensando no que isso poderia significar quando a porta se abriu. Grantham estava a um passo dela, os dedos enrolados em torno da maçaneta da porta. Ele levantou as sobrancelhas ao vê-la.

— Senhorita Charingford — disse ele. — Você está muito perto. Estava vindo me buscar?

Em sua escrivaninha, seu pai balançou a cabeça. — Ela estava ouvindo na porta, Grantham — disse ele.

As sobrancelhas do médico subiram mais. — Senhorita Charingford — disse ele. — Eu não sabia que minha conversa seria interessante para você.

— Ela sempre escuta — disse seu pai. Ele não sorriu enquanto falava, mas havia um toque de humor em sua voz, um indício de que ele sabia algo de Lydia, e que ele a perdoava por todos os seus piores defeitos.

— Eu sempre ouço — disse Lydia com firmeza. — Você não é nenhuma exceção, então não ache que você é. Doutor Grantham, se você estiver pronto para ir, eu estou pronta para terminar logo com isso.



— Então — o médico disse, apontando para a cesta que Lydia segurava. — O que você trouxe? Pudins de Natal? Doces para as crianças?

Houve um pequeno sorriso em seu rosto enquanto ele falava, um que Lydia não teve dificuldade de desvendar. Ele imaginava que ela não tinha ideia de como era viver na pobreza, que ela havia trazido o tipo de coisas insubstanciais de que ela poderia dar a seu jovem sobrinho.

— Há algumas coisas úteis, tecido pesado — ela respondeu. — Um presunto. Três libras de farinha, uma libra de arroz, algumas frutas, e várias geleias. — Seu braço doía com o esforço de segurar aquilo tudo.

Ele olhou para ela mais um pouco antes de se virar. — Isso não é uma má escolha.

— E sim — disse ela, olhando para o seu perfil — Eu trouxe um saco de *horehound*.

Ele sorriu. — Eu sabia.

Mas antes que ela tivesse falado o conteúdo de sua cesta, ele pensou que ela tinha trazido nada além de doces. Ele deveria realmente achar que ela era uma idiota, para levar mais nada além daquilo para crianças que não tiveram uma boa refeição em meses. Ela endireitou sua mandíbula e seguiu em frente, recusando-se a olhar para ele. Era sempre assim com ele. Ele insinuava e deixava algo implícito,

sem realmente vir a público e dizer o que ele pensava dela. Bem, ela tolamente concordou com esta tarefa, mas isso não queria dizer que ela teria que sofrer seus insultos sutis ao longo de todo o processo.

— Doutor Grantham, eu me pergunto se em seu tempo gasto comigo você encontra minha personalidade tão censurável.

— Pelo contrário. Acho a sua presença particularmente revigorante.

Revigorante era uma dessas palavras como "interessante" e "agradável". Unicamente usadas para implicar críticas.

— Você acha que eu sou ingênua — afirmou. O ar estava frio no rosto.

Ele fez um som que saiu como metade bufo, metade gargalhada, uma forma de denegrir ela sem deixar escapar as palavras. Apesar do frio no ar, Lydia sentiu o calor nas bochechas. De todos os homens no mundo, *ele* era o último que queria rindo dela. Esse homem sabia seus segredos. Ele olhava para ela com muito conhecimento, julgando sua ruína com altivez e mantendo a responsabilidade dela nisso nos cantos sombrios de sua mente.

Ela olhou para ele com veemência. — Não há nada errado em pensar que as crianças, todas as crianças, devem ter um tratamento privilegiado nos feriados. O fato de que eles têm tão pouco significa que são *mais* merecedores de um momento de prazer, e não menos. Tenho certeza que o *horehound* não é prático no sentido de alimentar o corpo, mas vai alimentar o espírito e adicionar alegria a eles. Então não ria de mim por trazer isso.

— Senhorita Charingford — disse ele com aquela voz sarcástica dele — Eu não ousaria rir de você. Além disso, eu não acredito que eu ri.

Ah, não. Do lado de fora ele não tinha. Mas por dentro... Seus olhos estavam escuros e eles brilhavam com uma luz profana, que sugeria que ele achava aquilo muito divertido, na verdade. E isso, por sua vez, provocou algo profundo dentro dela, algo vermelho e irritado espalhando sobre sua visão.

— Eu *não* sou ingênua. — Ela plantou seus pés e colocou sua cesta no chão.

Ele parou e inclinou a cabeça para ela.

— Eu sei o que é ser ingênua — ela disse a ele. — Você sabe o que é ingênua? Ingênua é quando, aos quinze anos, um homem dez anos mais velho diz que a ama, que ele vai se casar com você assim que você tiver idade suficiente para o seu pai aprovar o arranjo. — Ela apontou o dedo para ele. — Ingênua é quando você ama-o de volta. Ingênua é quando você diz a ele que você está disposta a fazer tudo, menos aquele ato final reservado para o casamento, porque você não quer ser estúpida e ficar grávida fora do casamento.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu, e ela quase podia ouvi-lo insultando-a. *Não funcionou tão bem, não é?*

— Ingênua é quando ele concorda, e você faz tudo, menos aquela única coisa, aquela coisa que faz correr o risco de gravidez, aquela coisa que você está guardando para a sua noite de núpcias. Ele diz-lhe que ele não pode esperar para fazer essa última coisa — Seus olhos ardiam, apenas o frio do vento; definitivamente não lágrimas, mas ela levantou as luvas para os olhos e retirou o líquido de lá. — Ele diz-lhe que há mais para fazer e que ele sabe como essas coisas são, coisas que não fazem sentido para você. Eu sei o que significa ser ingênua. É acreditar em um homem quando ele diz que isso não é a forma como ocorre a gravidez. Porque você confia nele, e ninguém nunca lhe disse o que esperar.

Seus olhos se arregalaram enquanto ela falava. — Senhorita Charingford.

— Ingênua é quando ele vem para jantar com três meses de seu noivado secreto. Você está querendo saber se esta noite ele vai contar a seu pai. — Lydia cerrou os dentes. — Eu vou te dizer quando você para de ser ingênua, doutor. É quando o seu pai pergunta ao homem que você acredita ser seu noivo quando ele estará trazendo sua esposa para a cidade.

Doutor Grantham deu um passo em direção a ela. — Oh Deus.

— Então, não me diga que eu sou ingênua. Nem sequer pense nisso. — A voz de Lydia tinha um tremor nela, e ela odiava aquele sinal de fraqueza, essa mostra da emoção sobre eventos que tinham passado. — Depois... depois que tudo acabou, depois que eu percebi o quão tola eu fui, quão ignorante eu tinha sido, eu quis odiar tudo e todos. Mas se eu fizesse isso, ele teria vencido. Ele teria me arruinado. Eu não iria ser um pedaço de lixo só porque ele tinha me descartado. — Ela olhou para Grantham. — E eu me *recusei* a quebrar. Eu não daria a ele essa honra.

Ele estava respirando quase tão fortemente como ela. Seus olhos ardiam nos dela. Seus lábios estavam apertados, e ela podia ver aquele olhar em seu rosto — aquele conhecedor, olhar julgador. Como se ele precisasse de *mais* de uma razão para olhar abaixo para ela.

Aquela onda de calor passou, e Lydia se sentiu quase instável em seus pés. Ela respirou fundo, recuperando seu juízo, e de repente não conseguiu olhar para ele. Ela tinha acabado... ela tinha acabado...

Lydia pôs a mão na testa. — Deus — disse ela. — Eu não sei por que eu disse isso.

— Eu sei. — Ele falou lentamente, hesitante. — É porque você está com raiva, e você é amável. Você não pode estar zangada com as pessoas que você ama... seu pai, sua mãe. E você nunca poderia gritar desse jeito com as pessoas que não sabem o que aconteceu. Assim, resta eu. — Ele fez um meio-arco. — Eu sei, embora eu não deveria. Eu sou o melhor alvo que você tem. Eu sou a única pessoa com quem você pode gritar em todo o mundo.

Havia um outro meio sorriso irônico.

— Eu não estou com raiva — disse ela, indignada. — Eu quase não penso nisso depois de todo esse tempo.

— Você não está com raiva? — ele bufou. — Eu não acredito nisso nem por um instante, minha querida. Eu não sou você, e eu *estou* furioso. Se você me dissesse o nome dele, eu iria caçá-lo e...

— E o que?

Ele deu de ombros. — E eu não sei. Eu nunca fui o tipo de menino que recorre a socos quando criança, e eu não acabei sendo esse tipo de homem. Mas você pode ter certeza, minha querida senhorita Charingford, que nada me irrita mais do que um homem que mente para uma mulher sobre o seu próprio corpo. — Seus lábios se curvaram.

Lydia mordeu o próprio lábio. Doutor Jonas Grantham dizia muitas coisas para ela, geralmente com aquele brilho sardônico nos olhos. Esta foi à primeira coisa que ele disse que ela achou que era totalmente séria. Seus dedos apertaram-se em torno das alças de sua bolsa, e ele olhou para longe.

— Que coisa estranha de se dizer. — Ela pegou sua cesta. — Eu revelei tantas coisas que poderiam afastá-lo, minha loucura, minha confiança equivocada, minha incapacidade de proteger minha virtude. E você está mais irritado por ele ter mentido para mim do que por ele ter tido relações sexuais comigo?

— Sim — disse ele ferozmente. — Se eu aprendi alguma coisa, é que sabemos quase nada. A doença é um mistério. Saúde é inescrutável. O próprio corpo é mal compreendido; só podemos examinar os segredos dos mortos. E em toda essa ignorância escura, nos é concedido às vezes um raro momento de iluminação, de compreensão. A verdade é um presente.

Ela se sentiu bastante peculiar. Seu peito estava muito apertado; seus olhos ardiam. Lydia balançou a cabeça violentamente; ela não quis inspirar esse tipo de veemência.

No entanto, ele fez um pequeno movimento em direção a ela, estendendo a mão antes de afastá-la. Ele apertou seu maxilar, e desviou o olhar.

— Eu acredito — disse ele — que há um lugar especial no inferno para aqueles que roubam a verdade. E esse homem, seja ele quem for, espero que ele esteja queimando lá.

Capítulo Cinco

A Sra. Hall estava passando pelos oito meses.

Jonas não tinha certeza se a senhorita Charingford seria pega de surpresa pela gravidez muito visível da outra mulher ou ficaria satisfeita com ela, ele nunca poderia adivinhar como mulheres reagiriam.

Mas Lydia cumprimentou a Sra. Hall como ela cumprimentava todos, com um caloroso sorriso feliz, com conversa e elogios brilhantes.

— Eu amo fazer essas cortinas — disse Lydia fervorosamente. — Elas são funcionais e muito bonitas. Não me diga... você fez mesmo sozinha essas cortinas?

Jonas nunca tinha sido capaz de gerir esse tipo de pequena conversa. As regras labirínticas ligadas a palavras amáveis geralmente o deixavam perplexo. E a senhorita Charingford era tão boa nisso. Ele poderia ter assistido-a fazer as pessoas sorrirem por horas.

Quando ele via a Sra. Hall, ele não via uma mulher que fazia cortinas. Ela não era magra para o seu olho. Ela era desnutrida. Em seu corpo magro, a colisão da gravidez em seu ventre parecia como um nódulo grotesco.

Havia uma doença que era peculiar às mulheres, e a senhora Hall a tinha. Não era uma doença que vinha da exposição ao contágio. Ela não tinha um nome. Era uma doença que levava anos para vir, e aproximava-se de forma tão gradual que as pessoas raramente percebiam o que estava acontecendo. Ela devastava os ricos e os pobres, embora, como acontece com todas as doenças, ela desembarcava mais pesadamente sobre os pobres.

A senhorita Charingford mudou sua atenção da senhora Hall para seus filhos, nem uma vez olhando para Jonas. Ela não olhou para ele desde sua explosão.

Não que isso importasse agora; ele tinha trabalho a fazer. Jonas começou a examinar sua paciente.

— Eu perdi outro dente — disse a Sra. Hall calmamente. — Eu o perdi duas noites atrás.

Sua pele estava seca e escamosa ao toque; ela tinha bolsas escuras sob seus olhos. Seus filhos se reuniram em torno de Lydia em um grupo. Da cesta da senhorita Charingford, ela tinha pegado um amontoado de meias de lã, que ela distribuiu.

— Bondade de sua parte, trazê-la — disse a Sra. Hall. — Antigamente, eu não aceitaria caridade. Agora... — ela encolheu os ombros, como se dissesse que ela tomaria qualquer coisa que pudesse conseguir.

— A sua frequência cardíaca está aceitável — disse ele, soltando seu pulso. — Apenas aceitável. Há um pouco de fluído nos pulmões. Eu acho que, enquanto você tiver a chance de descansar e se recuperar, você não deve sofrer muito no próximo mês.

Ela acenou para isso. — Eu fiz oito já — disse ela. — Eu sei como isso é feito, doutor.

— Não é o parto em si que me preocupa.

Ele não sabia o nome da doença que ela tinha, mas ele conhecia seus sintomas. Um homem não iria reproduzir sua égua por duas temporadas consecutivas com receio de causar-lhe uma lesão, assim seria com uma esposa dentro de semanas do parto. Ele plantaria sua semente em um campo que não tinha ficado em repouso durante anos, e como um campo desgastado, a esposa inevitavelmente falhava. Suas costas encurvavam-se. Sua pele mudava. Seus olhos amarelavam-se. Dentes caíam; ossos que antes eram fortes agarrariam ao menor deslize o pavimento

gelado. Carregar uma criança era duro para o corpo de uma mulher e oito filhos, entregue dez meses após o outro, deixava uma mulher sem espaço para se recuperar.

Toda vez que ele tentava fazer aquele argumento, porém, ele descobria que as mulheres não gostavam de ser comparadas a éguas e campos, não importava o quão certa a analogia era.

Quanto aos homens, um campo em repouso, aparentemente, não dizia nada sobre a virilidade de um homem. Mas uma mulher que dava à luz a filho após filho formando a vida, andando inchada, era uma que ele poderia desfilar na frente de seus compatriotas. *Olhe para mim! Eu sou um homem!*

— As coisas das quais bebês são feitos vem de seu corpo, senhora Hall. — Ele endireitou-se e guardou o estetoscópio. — Se a criança precisa do material para ossos, pegará de você. Se precisa do material para a pele, pegará de você. Há uma razão para você estar perdendo seus dentes, senhora Hall.

Ela desviou o olhar.

— Você precisa ter um descanso de gerar crianças. Este bebê provavelmente não vai matá-la. O próximo poderia.

A senhora Hall olhou para Lydia, agora distribuindo laranjas para as crianças. Ela baixou a voz. — E como vou alimentá-los, se eu tomar um descanso? Eu sei que eles podem não parecer muito para os gostos de vocês, mas eles são preciosos para mim. — Sua voz falhou.

— Como é que você vai alimentá-los, se você morrer? — ele respondeu. — Não é uma questão de *se*, senhora Hall. Isso vai acontecer. Você está mal o suficiente até para comer. Em algum momento, uma criança virá, e o ato de sua produção será superior a sua força. Se você quer viver, se você quiser permanecer saudável para os seus filhos, você deve parar de ter filhos.

Lydia podia ouvir o que ele estava dizendo, mesmo que ela não olhasse em sua direção. Quando a senhora Hall tinha dito que seus filhos eram preciosos para ela, ela sorriu e olhou para baixo. Mas quando Jonas falou, seu queixo subiu alguns graus, e seu sorriso se transformou em um show de dentes.

— O que mais devo fazer? — disse a senhora Hall.

— Sem desculpas — disse ele. — Há um meio. — E ele se inclinou e disse a ela.



— Eu não acho que você está tentando muito — disse Lydia ao Doutor Grantham quando eles partiram. — Na verdade, eu não acho que você está tentando. Ela tem uma família amorosa e filhos lindos. Você notou que ela tinha sapatos para *todos* eles? — Eles estavam alinhados em uma fileira ao lado da porta, limpos, embora desgastados. — Daquilo há uma grande dose de amor. Enquanto estou certa de que os assuntos são difíceis para ela, com o marido falecido e sua tão recente gravidez...

— Senhorita Charingford. — Grantham estava balançando a cabeça e olhando para baixo, um pequeno sorriso em seu rosto. — Seu marido faleceu há cinco anos.

— Oh. — Ela engoliu em seco. — Nossa. O homem que a fez estar nessa situação se casará com ela, então? — Ela sabia conforme ela disse, porém, que ela tinha acabado de parecer ingênua novamente. Solteira por cinco anos? Devia ter quatro filhos pequenos na casa. Se o homem que estava fazendo ela ter crianças não havia se casado com ela ainda, era pouco provável que ele fizesse isso agora.

Mas Grantham não apontou esses fatos óbvios. Ele olhou para ela e disse, deliberadamente — É provável que ela não saiba quem ele é.

Lydia ficou em silêncio. Isso implicaria que havia... um bom número de homens. — Mas ela faz um trabalho honesto. Ela vai à lavanderia, costura e...

— Ela não anda pelas ruas, se é isso que você quer dizer. E eu não tenho dúvida de que, com oito filhos, ela está em de pé trabalhando, contanto que ela possa, o mais forte que puder, todos os dias.

Fazia Lydia ter dor simplesmente pensar nisso. — Eu acho — ela finalmente disse — que ela merece... conforto, também. Não importa o que aconteceu com ela.

Grantham deu um suspiro. — Conforto? Senhorita Charingford, você sabe exatamente o que está acontecendo, mesmo que você não vai dizer isso em voz alta.

Lydia sentiu suas bochechas corarem.

— A sra. Hall está de pé cada minuto que ela pode para trabalhar durante o dia, e quando ela não pode mais ficar de pé, ela trabalha de costas. É um arranjo bastante comum nos corredores dos conjuntos habitacionais, tais como estes. Provavelmente ela tem dez ou doze homens que a visitam regularmente, que ajudam a fazer a diferença em suas despesas. Os homens não podem bancar uma mulher e uma família; ela não pode deixar de ter um homem.

Lydia ficou em silêncio por mais um momento. Ela pensou naqueles sapatos alinhados, nas cortinas na janela. O tom na voz da mulher, e ela disse que seus filhos eram preciosos para ela.

Lydia agora sabia exatamente como ela valorizava-os.

Ela pensou em Grantham, inclinando-se no final da visita e sussurrando, e ela sentiu uma onda quente de raiva.

— Quando você sussurrou para ela, você estava avisando-a do perigo da decadência moral?

Ela ainda podia lembrar o olhar de Parwine sobre ela conforme ele previu sua condenação e morte.

Mas o Doutor Grantham simplesmente revirou os olhos. — Diga-me, senhorita Charingford. Pareço um reitor?

Ela olhou para ele. Um reitor tinha costeletas descuidadas e sempre cheirava a repolho. O colarinho de Grantham era branco debaixo da gravata preta, mas a semelhança terminava ali. Ele usava marrom escuro, que destacava a cor escura de seus olhos. Ele estava barbeado, e ele cheirava levemente a *bay rum*⁸. Ele parecia... muito bem, parecia bonito. Não que ela se preocupasse com isso.

Ela desviou o olhar e não respondeu.

— Eu sou um médico; não é meu trabalho olhar para a alma de qualquer um, mas ver o seu bem-estar físico. Eu disse a ela que ela deveria estar usando uma *carta francesa* ou um dos novos capotes feitos de borracha vulcanizada. Falhando isso, eu sugeri que ela considere se equipar com um *tampão holandês*. A despesa seria considerável para ela, mas não em comparação com o custo de uma criança.

Lydia virou-se para olhar para ele. — O que são essas coisas?

— Preservativos.

Ele inclinou a cabeça para olhar para ela e deve ter visto o olhar confuso em seu rosto.

— Para a prevenção de gravidez e, no caso dos dois primeiros, doença social — ele enunciou. — A carta francesa vai sobre o pênis de um homem e impede a transmissão de esperma; o tampão holandês sobre o colo do útero de uma mulher. Nenhum é perfeito, mas eles são certamente melhor do que nada.

“Bay Rum” é uma loção pós-barba; no século XVI, os marinheiros misturavam rum e bay [folha de louro das Índias Orientais] para criar uma colônia. Séculos depois, esta mistura se tornou um pós-barba famoso e difundido. Enquanto o rum tem propriedade cicatrizante, o louro dá um toque aromático. Juntos, eles ajudam a fechar os poros, revitalizar a pele e absorver a oleosidade.

As imagens que aquilo trouxe à sua mente... Lydia mal podia respirar, imaginando uma bainha de borracha a ser encaixada sobre um... homem. Suas bochechas inflamaram-se. — Estou certa de que este não é um assunto apropriado de conversa entre uma dama solteira e um cavalheiro.

Ele revirou os olhos novamente. — Diga-me, senhorita Charingford. Eu pareço um consultor de etiqueta?

— Nem um pouco.

— Eu não sou virgem. Nem você. E mesmo se você fosse, não há necessidade para qualquer um de nós estar incomodado sobre o assunto. Se uma mulher tem idade suficiente para empurrar uma criança de dez libras através de seu canal de parto, ela pode ouvir palavras como "pênis" e "colo do útero." Estes são termos médicos, senhorita Charingford, não obscenidades.

Ele falou de uma forma tão simples, como se o pênis e o colo do útero fossem partes do corpo não mais censuráveis do que os dedos dos pés ou mãos, como se envolvê-los em borracha fosse tão simples como colocar as luvas. Ele não falou do que se poderia fazer depois que a luva especial fosse colocada.

Lydia lambeu os lábios e se recusou a olhar para ele. — Você já usou algum deles?

Ele não riu daquela questão altamente imprópria. — Cartas francesas, com bastante regularidade. Enquanto eu estava na faculdade de medicina, eu tive um acordo com uma viúva que sentia falta da relação sexual, mas não queria um marido.

Ela não podia acreditar no que ela perguntou. Ela não podia acreditar que ele tinha respondido. Ela realmente não queria pensar sobre o fato de que o doutor Grantham era do sexo masculino, que possuía as peças padrões de um macho. Isso a fazia se sentir estranha por dentro. Estranha, e consciente de seu próprio corpo de uma maneira que a incomodava.

— Cartas francesas amortecem a sensação um pouco — disse ele. — Se eu fosse casado, eu ia perguntar a minha esposa se ela consideraria se equipar com um tampão holandês. Mas isso não vai impedir doenças sociais como gonorreia e sífilis. — Ele olhou para ela diretamente, como se desafiando-a a ficar perturbada com as palavras que ele usou.

— Eu realmente... — O protesto parecia uma formalidade, mas era algo que ela tinha que dizer. — Eu não acho que eu deveria ter essa conversa com você.

Ela estava certa de que não deveria ter. Ele tinha acabado de contar a ela sobre seu arranjo ilícito com uma viúva disposta. Os homens não diziam às mulheres essas coisas. E ele não tinha se vangloriado sobre a conquista. Ele declarou aquilo como um fato, como se a relação sexual fosse apenas mais uma coisa que as pessoas faziam, que tinha implicações médicas.

Ela piscou e balançou a cabeça furiosamente.

Mas sua mandíbula tinha enquadrado-se, e ele se virou para ela. — Quando eu deveria ter essa conversa com você, senhorita Charingford? Eu devo esperar até que você esteja casada e seu corpo esteja caindo aos pedaços com o desgaste de levar seu sétimo filho? Devo esperar até que uma menina de quinze anos de idade fique grávida, porque ela foi seduzida por um homem mais velho?

Ela não conseguia respirar. — Não, Grantham. Não se atreva a falar sobre isso.

— Por que, porque você pode ficar com raiva de novo? — Ele colocou sua bolsa no chão e se virou para ela deliberadamente. — Eu prefiro enfurecer você, dizendo-lhe que o esperma faz com que a gravidez aconteça e que existem métodos para ajudar a prevenir a sua transmissão. A verdade é um *presente*, senhorita Charingford, e essa conversa é uma visão bem melhor do que dizer que você vai morrer como uma vagabunda, e, em seguida, envenenar você na esperança de que você perca o bebê.

Ele estava furioso, tão furioso que levou a ela um momento para compreender o que ele tinha dito.

— Envenenar-me? — ela ecoou.

— Eu te disse antes, eu pensei que você estava com raiva de mim. Você deveria estar com raiva. Eu nunca poderei dizer se Parwine prescreveu aquele remédio, porque ele era ignorante, porque ele estava tentando induzir um aborto, ou porque ele queria você morta.

Ela não conseguia respirar. Ela não podia pensar. — Eu te disse. Eu não quero falar disso. Eu gostaria que você esquecesse. Eu fiz isso.

— Diga-me, senhorita Charingford, antes de abortar, você se sentiu confusa e desmaiou? Você estava tonta? Sua pele estava mais corada do que normalmente era?

— Como você sabe? — Ela exalou. — Como você sabe que eu abortei?

— Um bom palpite. Ácido cianídrico é também conhecido como o cianeto de hidrogênio, e é um dos venenos mais letais conhecidos pelo homem. Naturalmente, a diferença entre um veneno e uma cura é a dose, mas... ao nível que Parwine sugeriu? Não era uma cura.

Lydia olhou para frente, com os olhos sentindo-se secos como um deserto. Todo o seu corpo parecia estar em agonia lembrando-se das cólicas que tinham vindo. Ela balançou a cabeça, mas a negação não ajudou.

— Então, não — ele continuou — Eu não vou esquecer esse dia. Eu segurei minha língua porque Parwine era mais velho e ele sabia mais. Eu segurei minha língua, porque ele tinha me dito para ficar quieto, e eu pensei que o acordo era mais importante do que o seu bem-estar. E eu me arrependi. Eu me arrependi em cada dia da minha formação médica. Lamento isso a cada dia que eu pratico. Eu lamento isso agora mais profundamente do que você poderia imaginar. Eu deveria ter falado na época, e para o inferno com o que Parwine me disse de antemão. Não deveria ter

importado que ele era o mais velho, e eu era o filhote de cachorro novo seguindo-o. Eu queria ser um médico. A regra é que eu devo fazer nenhum mal, não que eu deveria fazer o que é considerado apropriado.

Ela nunca o tinha visto tão exaltado. Ela nunca se sentiu tão perto de cair, como se ele tivesse roubado toda a vida dela. Como se ele fosse um receptáculo para cada emoção escura que ela tinha sentido e empurrado de lado.

— Então, se você gostaria de saber, senhorita Charingford, por que falo de pênis e útero, eu coloco a culpa em sua porta. Não há nenhuma maneira que eu possa pedir desculpas pelo que eu poderia ter evitado simplesmente falando. Tudo o que posso esperar é que eu nunca vou cometer o mesmo erro novamente. Eu preferiria abrir a boca e dizer o que é verdadeiro do que fechá-la por uma questão de decoro. Você afirma que não está com raiva de mim, senhorita Charingford, mas você deveria estar. Você deveria estar.

Ela não sentia absolutamente nada. Ela não faria isso. Ela se recusou a deixar a raiva se enraizar.

— Você... você não concordou com Parwine?

— Nem um pouco. E para que fique claro, senhorita Charingford, quando pela primeira vez eu me aproximei de você no ano passado... eu não tinha ideia de quem você era até que você me disse. Eu simplesmente pensei que você fosse uma jovem razoavelmente atraente. Quando eu descobri quem você era, eu percebi que você era uma das mais valentes.

— Mas você é sempre tão rude comigo. Tão... tão...

Ele deu de ombros. — Senhorita Charingford — disse ele — você pode ter notado que eu tenho um pequeno número de defeitos no meu caráter. Vou dizer-lhe quando eu acreditar que você está sendo afetada, ou boba, ou excessivamente alegre, e, sim, eu não faço nenhuma tentativa de cobrir as minhas opiniões em um

cobertor de açúcar branco. Mas eu há muito tempo acredito que debaixo dessa adorável fachada excessivamente alegre, você é realmente uma pessoa de valor.

Ele estava olhando para ela daquele jeito dele, o que fez seus dedos curvarem-se. *Uma pessoa de valor* não era um grande elogio, mas ainda era muito. — Eu também sou a décima primeira moça mais bonita de toda a Leicester. — Ela jogou aquilo para se lembrar do quão pouco ela significava.

Suas bochechas realmente se coloriram diante daquilo, ela tinha pensado que ele era totalmente impermeável à vergonha, e ele desviou o olhar. — Como eu disse — ele murmurou. — Você tem um bom motivo para estar com raiva de mim.

Ela não podia pensar sobre o que ele tinha dito. Ele tinha que odiá-la. Ele tinha que pensar como Parwine. Ele não podia pensar bem dela, porque se o fizesse...

Era como se ele tivesse acabado de cutucar uma ferida exposta, e ela se recusasse a estar ferida. Não *iria* machucar. Não faria isso.

Ela rangeu os dentes e balançou sua cesta vazia e pensou em coisas boas, no bolo de gengibre cozinhando na cozinha, enchendo a casa com o aroma de especiarias e açúcar, de galhos cortados e colocados sobre a lareira. Ela encheu sua mente com tudo de melhor da temporada do feriado, afastando as memórias antigas que a faziam lembrar-se de coisas que não queria, de um Natal em que não tinha havido bom ânimo.

Apenas cólicas e mentiras e... e cianeto de hidrogênio. Ela se encolheu diante daquele pensamento.

— No primeiro dia de Natal — ela cantou — meu amor verdadeiro deu-me...

Ele não participou. Mas, conforme ela cantava para cortar toda uma discussão mais aprofundada, pensava sobre o que ele tinha dito, e podia ouvi-lo rindo dela. Não literalmente, é claro. Mas ela *sabia*.

Ele sabia que ela estava afastando-o, silenciando todas as conversas que poderiam ter tido. Ele sabia que ela estava sofrendo calada. Ele sabia, e não gostou.

Era uma canção longa, e ela cantou-a lentamente.

Ele só interrompeu quando ela chegou perto do fim.

— Quem quer cavalheiros pulando? — perguntou. — Se o meu verdadeiro amor me trouxer um bom número de cavalheiros saltando com suas taças no Natal, eu vou ter conversas com ela. Alguém vai quebrar uma e cortar a mão, saltando desse jeito, e, em seguida, adivinha quem vai ser despertado de seu lar acolhedor no feriado para costurá-lo? ‘Oh, Doutor Grantham, é melhor vir depressa!’ — Ele fez um barulho indelicado.

Lydia simplesmente olhou para ele. Mas ela estava grata pela sugestão de leveza, que retirou a intensidade que tinha vindo antes. Quando ela continuou com a música, seu verdadeiro amor trouxe cavalheiros pulando nos dias décimo primeiro e décimo segundo de Natal também.

Quando eles chegaram a casa dela, um menino levantou-se dos degraus. Ele parecia ter cerca de seis anos de idade, muito jovem para estar fora no frio, mas ele parecia vibrar com uma urgência que enfatizava as faixas de lágrimas em seu rosto.

— Peter Westing — disse o doutor Grantham. — O que você está fazendo aqui?

— É sobre o meu irmão.

— Bom Deus. Aconteceu alguma coisa com Henry?

— A caldeira entrou em colapso — o menino disse — e houve um deslizamento de lixo na casa.

Lydia não podia imaginar o que significava uma caldeira entrando em colapso — como na terra poderia metal *colapsar*? — ou um deslizamento de lixo dentro de uma casa. Grantham no entanto, aparentemente, poderia, porque ele fez uma careta com essas palavras.

— Ele não pode andar, doutor, e ele pode ser despedido. — O menino caiu em prantos na última frase, como se for despedido fosse uma consequência mais grave do que a perda de mobilidade.

Doutor Grantham ficou quieto, olhando diretamente para frente dele. Ele fechou os olhos. — Ah, Deus. Ele está sangrando?

— Não.

— Ele pode mover os dedos dos pés? Os braços dele?

— Uh, sim, eu acho. Mas sua perna está torta, e ele está com uma dor terrível.

— Graças a Deus que isso foi tudo o que aconteceu, então. — Ele se virou para Lydia. — Conseguindo o consentimento de Henry, senhorita Charingford, eu vou levá-la para vê-lo amanhã. Você vai ver uma criança de doze anos de idade, que quebrou a perna porque seu empregador não pode limpar a sua casa. — Havia uma nota de amargura em sua voz. — E quando ele ficou incapacitado, aparentemente, seu empregador não sentiu nenhum remorso em despedi-lo. Afinal, ele teve a ousadia de desencadear deslizamentos de lixo. Eu te desafio a encontrar algo de bom nisso.

Ele colocou sua bolsa na varanda, abriu o fecho, e olhou para dentro. — Peter, eu vou ter que parar em casa para buscar algumas coisas, se eu vou estar cuidando de uma fratura, mas vamos estar lá assim que pudermos.

— Sim, senhor.

Mas, em vez de partir imediatamente, ele fez uma pausa. — Senhorita Charingford. — As palavras pareciam sem vontade, arrancadas de seu peito.

— Sim?

— Você só é a décima primeira mulher mais bonita de toda Leicester até que você abre a boca.

Sua boca caiu aberta. Insultá-la, depois de todos os outros insultos tais como terríveis, descortês, horríveis coisas inaceitáveis que ele já tinha dito, não era suficiente? — Muito obrigada por essas palavras amáveis, Grantham — ela explodiu. — Estou feliz em saber que meus maneirismos me rebaixam.

Mas desta vez, ele não sorriu para ela; seus olhos não brilharam com aquela travessura familiar. — Quando você fala — disse ele — você não tem igual.

Ele virou-se enquanto seus olhos ainda estavam arregalados de surpresa. Ela encontrou-se congelada no lugar.

Seu corpo parecia estranho para ela, cheio de dores e dores, por um lado, e por outro... uma faísca. Uma que chiou através dela. Lydia engoliu em seco e balançou a cabeça, mas ela não podia se livrar desse sentimento.

Ele ergueu sua bolsa, flexionou a mão livre, ele não estava usando luvas — o que fazia absolutamente nenhum sentido, porque estava muito frio — e se afastou, o jovem Peter Westing andando ao seu lado. Ele caminhou rapidamente, e quando chegou à esquina, não olhou para trás.

Ele não precisava. Ela ainda estava de pé observando-o partir.

Capítulo Seis

Era quase sete da noite no momento em que Jonas encontrou-se na casa de seu pai. Seus braços doíam, cuidar de ossos era um trabalho cansativo, e a ruptura de Henry tinha sido particularmente complicada. Mas isso não era nada em comparação com o cansaço que sentia em sua alma.

Nenhum servo respondeu a porta, é claro; Henry tinha sido o único que seu pai havia permitido. Estas noites foram as mais longas do ano. O sol já tinha partido. Por agora, a casa estava escura como breu. Jonas não podia sequer ver a lacuna no lixo quando a porta rangeu ao abrir. Ele caminhou através dos escombros pelo tato. Em direção ao fundo da sala, ele realmente teve que lutar contra os detritos empilhados.

Tudo isso teria que ser colocado em ordem. Mas... não esta noite. Não sem a luz do dia.

Jonas balançou a cabeça e encontrou uma vela sobre o fogão e conseguiu acendê-la. Essa escassa luz, movendo-se ao longo dos montes de metal descartado, só o fez balançar a cabeça em consternação. Nada a fazer, além de lavar as mãos e preparar o jantar de seu pai.

Ele ainda não tinha descoberto o que dizer, o que fazer, no momento em que ele subiu as escadas. Ele já tinha tido uma dúzia de conversas com seu pai em sua mente, e nenhuma tinha terminado particularmente bem. Mas mesmo elas não prepararam-no para o que ele viu subindo a escada. Seu pai estava sentado em sua cama, com os braços cruzados, e ele olhou na direção de Jonas.

— Você está atrasado — foi o que ele disse.

— Perdoe-me. — As palavras saíram sarcásticas e duras. — Eu estava inevitavelmente detido, tratando o prejuízo causado por sua negligência.

— *Minha* negligência! Se Henry não tivesse sido tão desajeitado...

Jonas colocou a bandeja na frente de seu pai. — Não fale de Henry para mim neste momento. O que eu vou fazer com você? Eu não posso pedir a mais ninguém que entre nesta casa para cuidar de você. É francamente perigoso.

— Perigoso? Para aqueles que são incapazes de andar em linha reta, talvez, mas...

— Eu diria que é um chiqueiro, mas o maior perigo que um chiqueiro apresenta é a possibilidade de lama. Este lugar é uma armadilha mortal, e eu deveria ter feito algo sobre isso mais cedo. A única maneira que você poderia torná-lo mais ameaçador é se você instalasse spring-guns⁹ e man-traps¹⁰.

Lucas Grantham enquadrrou os ombros o melhor que pôde.

— Você deveria ter feito alguma coisa? — ele repetiu, sua voz ártica. — Esta é a *minha* casa, *minha* responsabilidade. Será que eu ensinei você a falar comigo nesse tom de voz? Diga-me, eu ensinei?

Jonas colocou uma tigela de sopa e um pedaço de pão na frente de seu pai. — Você me ensinou a não medir palavras em face da estupidez.

— Eu ensinei você a respeitar os mais velhos — seu pai cuspiu. — Respeitar a sabedoria e experiência deles. Tratá-los com a cortesia que merecem.

9

Armadilha usada principalmente para apanhar animais, normalmente ficam no chão a espera do descuido de um animal.

10

Man-traps são armadilhas mais sofisticadas mantidas normalmente em portas para capturar intrusos.

Ele tinha. Seu pai havia lhe ensinado a respeitar os mais velhos. Se Jonas fizesse isso, porém, seria como estar prescrevendo ácido cianídrico e perambulando alegremente da autópsia para examinar recém-nascidos. Os idosos eram tanto um receptáculo de mitos veneráveis como eram os detentores da sabedoria. Eles apenas tinham aprendido a expressar suas convicções com maior autoridade.

E o que isso significava em relação ao seu pai nestas circunstâncias? Isso significava que ele deveria fazer como lhe foi dito, manter sua boca fechada e as mãos atrás das costas, não importando quais fossem as consequências?

— Você também me ensinou a fazer o que eu acredito ser certo. — Ele pegou uma colher. — Eu irei trazer algumas pessoas amanhã — ele declarou. — E eles irão limpar este lugar.

Seu pai quase engasgou. — Eu... eu vou chamar a polícia de novo, eu vou. Ladrão... isso é o que você é, nada mais que um ladrão! — Seu rosto ficou corado, e ele ergueu um punho no ar, agitando-o. — Você só quer que eu seja dependente de você, não tenha nada próprio. Que tipo de filho é você?

— Acalme-se. — Jonas pegou o pulso de seu pai um pouco alarmado. O pulso estava irregular, correndo em um ritmo preocupante. Ele teve um ataque cardíaco, uma vez, e ele havia deixado-o em sua atual condição enfraquecida. Outro...

— Acalmar-me! Como posso me acalmar quando meu único filho está ameaçando retirar o meu sustento?

Antes, Lucas Grantham teria gritado essas palavras. Agora, ele mal podia respirar para falar elas em voz alta. Mas seu rosto refletia sua fúria, vermelho e manchado.

Ele reagia desta forma toda vez que Jonas sugeria tirar algo. Ia além da explicação racional. Ele simplesmente se tornou obcecado por sua sucata. A pessoa que tinha conhecido em sua vida ainda estava lá, mas tinha endurecido e solidificado em torno deste núcleo irracional. Mesmo que Jonas alugasse o trabalho

de certos homens, mesmo que os policiais permitissem que isso acontecesse, ele suspeitava que seu pai iria ter um colapso apenas assistindo. Como ele poderia fazer isso com ele?

Mas as alternativas — deixar aquilo se estender, ou pior, roubar seu pai de toda a sua dignidade e realmente eterizá-lo, como se a limpeza de sua casa fosse um ato de cirurgia mental era igualmente intragável. Não havia nenhuma boa maneira de sair desta situação.

— Não, não — disse ele suavemente. — Você me entendeu mal. Eu não irei remover qualquer coisa da casa. — Ele não estava mentindo. Apenas mudou de tática. — Eu apenas...

Ele suspirou, e pensou em Lydia. Ele não tinha certeza de como seu projeto estava indo. Ela falou com ele hoje. Ele não achava que a tinha feito ficar muito chocada.

— Há uma moça que eu gostaria de trazer para vê-lo — ele finalmente disse. — Seu nome é senhorita Lydia Charingford, e ela é muito importante para mim.

Seu pai baixou o punho. Sua respiração desacelerou. — Uma jovem dama? — ele ecoou. — Isso é bom, Jonas. Ela é bonita?

— Muito bonita.

Bonita nem sequer começava a descrever Lydia.

— Eu quero que você a conheça. Tudo que eu quero é trazer algumas pessoas para... reorganizar as coisas. — Ele estremeceu com o pensamento. — Para colocar alguns dos itens soltos em caixas. Você conhece as damas papai, com suas saias largas. Após o acidente de Henry, eu odiaria que alguma coisa acontecesse com ela se ela encostasse contra a pilha errada.

— Apenas organizar? — disse seu pai com uma voz queixosa. — Não... não se livrar de nada, não é?

— Apenas organizar. Eu prometo. Talvez algumas das caixas podem ser postas para fora, para trazer um pouco de espaço. E então poderemos encontrar alguém para entrar e cuidar de você até que Henry esteja de pé novamente.

O pulso de seu pai havia retornado ao normal. Sua pele não estava mais tão perigosamente corada. Por enquanto, a crise havia sido evitada. Ele pegou a colher e tomou um pouco de sopa. — Está bem — disse ele. — Então, me diga sobre a sua senhorita Charingford. Como vocês se conheceram?



Lydia passou a noite em um torpor. Ela mal ouviu o pai e a mãe falarem durante o jantar. Ela contou a sua mãe sobre a saúde da senhora Hall com um número mínimo de palavras — ali havia crianças; Lydia tinha-lhes dado laranjas e tentado não pensar sobre todas as coisas que o doutor Grantham tinha dito.

Ela não foi bem sucedida. Homens e mulheres não podiam falar de relações assim. Se pudessem, isso significava que toda a dor que ela sofreu pela ignorância tinha sido dolorosamente evitável. Ela não podia pensar nisso.

E com raiva dele sobre o que tinha acontecido? Ela não estava com *raiva* dele. Que ideia ridícula. Ela não se importava com ele, nem um pouco.

Ela pensou nisso, quando se sentou com sua mãe após o jantar, para bordar. Ela sentou-se muitas vezes com a mãe durante as noites; nas noites em que ele não tinha mais nada para fazer, seu pai se juntava a elas. Naquela noite, porém, era apenas ela e sua mãe, sentadas em silêncio sociável.

Ela não se importava com Grantham. Talvez, cada vez que o via, ele a fazia querer desviar o olhar. Mas não tinha nada a ver com o que Tom Paggett lhe tinha feito todos aqueles anos atrás. Era simplesmente que ela não gostava de seu sorriso sincero, seus olhos conhecedores. Seu olhar a seguia do outro lado da sala e ela podia senti-lo contra sua pele. Ele fazia sua barriga se sentir insegura e oscilante, e ela odiava essa mistura de medo e antecipação, aquele momento em que ela não poderia dizer se ela queria que ele olhasse mais para ela ou nunca olhasse novamente.

Ele a fazia se sentir *ingênua*, como se tivesse voltado naquele momento horrível quando Tom tinha feito dela uma tola.

Não, ela não estava com raiva dele.

Mas você deveria estar.

Não. Ela não pensaria no que ele havia dito, ou ela teria de pensar em todas as outras coisas que ele disse a ela.

Ácido cianídrico é também conhecido como cianeto de hidrogênio, e é um dos venenos mais letais conhecidos pelo homem.

Ela se recusava a aceitar isso. Ela tinha que acreditar que a véspera de Natal foi um horrível acaso. Ela enfiou a agulha cegamente na toalha que estava bordando. A alternativa era horrível demais para contemplar. Ela tinha estado tão confusa, mal conseguia respirar. No meio de dezembro, o bebê parou de se mover. Ela começou a se preocupar. E então aquelas câibras haviam chegado.

Ela se levantou e colocou as mãos sobre seu abdômen. — Mãe — ela disse — Eu não estou me sentindo bem. Se você deixar, eu vou me deitar mais cedo.

— Claro. — Sua mãe franziu a testa preocupada. — Você quer que eu mande alguma coisa para você?

Lydia balançou a cabeça e subiu as escadas para o quarto dela.

Não podia ser verdade. Nada disso podia ser verdade. Este era algum tipo de esquema da parte de Grantham. Ela não estava com raiva. Ela não podia estar. Ora, ela não sentia nada. Nem uma única coisa. E o que ele disse lá no final...

Quando você fala, você não tem igual.

Ele tinha feito sua respiração ficar presa e seu pulso correr, lembrando-a dos piores dias com Tom. Naquela época, ela tinha se pendurado em cada palavra sua, fingindo aperfeiçoar o decoro, enquanto outros estavam ao redor. Ela tinha estado ansiosa para tê-lo sozinho novamente para que ele pudesse dizer aquelas coisas de novo e de novo. Ele a fazia sentir como se ele colocasse o sol e a lua no céu por causa dela.

Lydia, querida, ele gemeu quando ele a tomou, *Lydia, querida, eu não posso esperar para fazer você ser minha.*

Mentiras. Tudo mentiras. Doutor Grantham saberia o termo médico para a loucura que fazia uma mulher querer acreditar em um homem quando todas as evidências apontavam para sua insinceridade, mas Lydia sabia o que parecia. Parecia estupidez. Parecia como câibras. Era a pior sensação no mundo, o sentimento de traição absoluta quando você sentava-se à mesa em silêncio chocada. Ela sabia o que parecia, e nunca, nunca mesmo, iria acontecer com ela novamente.

Quando você fala, você não tem igual. Ela podia ouvir suas palavras em sua cabeça. Ela devia ter imaginado aquele olhar em seus olhos, aquela força tranquila em sua voz. Devia ter havido um toque de inflexão sarcástica em sua voz, um rolo de seus olhos que ela tinha perdido. Ele quis dizer isso sarcasticamente.

Ele tinha que ter querido dizer isso dessa forma, ou aquelas faíscas que se acumularam em sua barriga iriam explodir em chamas, e ela nunca estaria queimando novamente. Não por qualquer homem, não importa o que ele disse.

Ela foi para a cama e puxou o travesseiro sobre sua cabeça.

Não. Ela pensou nem um pouco sobre Jonas Grantham. E ela *não* estava absolutamente com raiva dele.

Capítulo Sete

Ela estava *definitivamente* com raiva dele, Jonas pensou, enquanto Lydia Charingford marchava ao lado dele no caminho para visitarem Henry. Ela tinha fechado os punhos e se recusado a encontrar seus olhos. Suas tentativas de conversa tinham sido recebidas com fungadas e uma rejeição fria. Eles tinham viajado até a metade de Fosse Road, e ela mal tinha dito uma palavra.

Até o momento que o parque ficou à vista, ele estava começando a perder a paciência. Ele tentou novamente. — Senhorita Charingford, eu poderia carregar sua cesta?

— Essa é uma gentileza social, de sua parte? — Ela olhava para frente dela. — Doutor Grantham, estou positivamente surpresa. Eventualmente, você pode tornar-se apto para deixar de estar apenas na própria companhia.

— É apenas o egoísmo, minha querida senhorita Charingford. — Ele soltou um suspiro interior. — Quando você balança ela dessa maneira, você continua batendo-a na minha perna.

— Oh. — Ela não disse mais nada, mas ela parou de balançar a cesta.

Henry não vivia longe da casa de seu pai. Bastava cortar em frente ao parque e caminhar algumas ruas. Mas isso trouxe Jonas descendo o caminho de terra em direção ao tablado em que se situava aquela enorme árvore. Ela ainda não tinha sido decorada, e seus ramos brilhavam como um verde estragado sob o sol do meio-dia.

De alguma forma, ele pensou que isso seria... bem, definitivamente nada *fácil*. Mas ele esperava que seria, no mínimo, possível. Ele tinha imaginado que ele iria

passar um bom tempo na companhia de Lydia. Ela era sempre além de imparcial com todos menos com ele.

Um amigo certa vez disse-lhe que ele era como um café amargo, aceitável, uma vez que se adquiria um gosto para a bebida através do hábito, mas inaceitável nos primeiros goles. Então ele não nutria ilusões de que ela iria amá-lo instantaneamente. Mas ela poderia ter sido movida pelo ódio para aprovar este acordo, e a partir daí, ele esperava que ela não fosse fazer muita careta ao pensar nele.

Agora, outra coisa além da antipatia que ela despejava sobre sua cabeça parecia inconcebível.

— Então — ele tentou novamente ao se aproximarem da árvore — seu pai me deu outra palestra hoje, quando eu vim buscá-la. Se ele pensa tão mal de mim, eu estou surpreso que ele permite que você saia comigo.

Pequenas manchas de cor de rosa floresceram em seu rosto. — Não fale sobre o meu pai — disse ela em voz baixa. — E como você se atreve a sugerir isso sobre mim? Não há nada de censurável em andar em público com um homem, mesmo que ele insista que ele é um médico e não um cavalheiro.

Ele olhou para o céu, que respondeu apenas com nuvens. — Eu só disse...

— Eu sei muito bem o que você quis dizer, Doutor Grantham. Você acha que depois da minha indiscrição, ele deveria ter me trancado, nunca permitindo que eu ficasse na companhia de outro homem.

— Eu não acho isso. — Ele cuspiu essas palavras. — Eu nunca disse isso. Eu nunca vou dizer.

Ela não quis olhá-lo nos olhos.

— Não faria sentido pensar isso, pois eu gosto de estar em sua companhia.

— Pare — disse ela, balançando a cabeça. — Por favor pare.

Assim Jonas fez. Ele parou de andar na frente do tablado, os ramos verdes escuros da árvore pairando sobre ele como uma criatura ameaçadora feita das festividades do feriado.

— Ouça-me, Lydia — ele retrucou. — Se você vai me desprezar, faça-me o favor de me odiar pelas coisas que eu disse, não pelas que você imaginou.

— Eu estou imaginando coisas? — Uma luz selvagem apareceu em seus olhos. — Você acha que eu estou imaginando que você olha para mim como se eu fosse um erro que deveria ter sido afastado? Você acha que eu estou imaginando a maneira que você me pesa em sua escala de superioridade moral e encontra-me inferior? Eu sei exatamente o que você pensa de mim.

Ele realmente se ouviu rosnando para ela. — Eu não tenho uma escala de superioridade moral. Você sabe que isso é tudo bobagem. Você pode dizer a si mesma que eu estou pensando em mim como superior a você o quanto você quiser, mas isso não tem relação com a verdade. Você vê o bem em todo mundo, todo mundo, Lydia, exceto em mim. Por que você acha que isso acontece?

— Porque você...

— Você não quer saber o que eu realmente penso de você. É mais fácil para você definir-me como um bode expiatório para todos os seus sofrimentos...

Ela fez um som indignado e balançou a cesta que ela carregava em sua bolsa preta. Ela apontou a cesta para ele como se ela fosse uma esgrimista, e suas respectivas bagagens fossem suas espadas. Ele ficou tão surpreso que mal teve tempo de sair do caminho.

— Cuidado!

— Continue. Diga-me que não é típico de uma dama recorrer à violência. Diga-me que isso confirma o que você acredita de mim, que eu sou impulsiva, impetuosa, e tola.

— Bata em minha pessoa tanto quanto quiser — respondeu ele — mas por Deus, Lydia, se você bater na minha bolsa, você pode quebrar a garrafa de láudano. Vai molhar todo o meu estetoscópio, e eu terei de ficar acordado a noite toda limpando. Você tem alguma ideia de quantas peças pequenas e tubos existem para um estetoscópio binaural?

Para não mencionar a bagunça que faria em seu livro de registro. Ele detinha três meses de visitas, os sintomas cuidadosamente registrados e levaria mais de uma noite debruçado tentando trazer à tona todas as causas e curas. Além disso, seria impossível de limpar a bolsa nos cantos e costuras. Ela ficaria pegajosa por *meses*.

Ele estremeceu e pôs a sua bolsa com cuidado no tablado. — Bata-me, mas deixe o meu medicamento fora disso.

— Eu não irei golpeá-lo em público — disse ela com desdém.

Ele pulou no tablado e, em seguida, antes que ela pudesse protestar, puxou-a até ficar ao lado dele. A árvore era gorda e alta, mas havia alguns pés de espaço por trás dele, protegido da vista do público pelos ramos afiados.

Ele ergueu as mãos, palmas das mãos voltadas para ela. — Vá em frente — disse ele, e desta vez, ele deixou uma nota de escárnio infectar seu tom. — Bata em mim. Ou você acha que você é fraca demais para causar danos?

Ela cerrou o punho e bateu em sua mão. O choque do golpe viajou até seu braço, claro até seu cotovelo. Ela arrumou um poder surpreendente para seu tamanho, juntamente com um bom golpe, melhor do que ele esperava.

Enquanto ele ainda estava piscando em surpresa, ela bateu em sua outra mão, os dentes cerrados. — Deus amaldiçoe você, Doutor Grantham.

— Ele provavelmente vai. — Ele estava fazendo isso agora, apresentando-a diante dele com seu cabelo deslizando de seu penteado, os cachos pendurados em suas bochechas, pedindo para serem afastados.

Ela virou para ele de novo, um pouco mais descontroladamente. — Eu te odeio.
— Tenho certeza que sim.

Ela olhou para ele. — Eu não... eu repito... eu não estou *absolutamente*... com raiva de você. — Isto foi pontuado por outro golpe. Se ela realmente estivesse tentando machucá-lo, ele suspeitava que ele estaria com dor. Mas ela se concentrou em suas mãos, batendo nelas com toda a força de sua fúria.

O cheiro de pinho cercava-os; ramos faziam cócegas na parte inferior de suas costas. Ela mudou sua postura, e a árvore vibrou quando as saias roçaram seus ramos.

— Longe de mim contradizer você, mas você parece estar muito furiosa comigo.

Ela olhou em seus olhos. — Eu não posso ficar com raiva de você — ela rosnou. — Você não fez nada de errado, e se eu ficasse com raiva de você, seria *irracional*.

— Não é irracional. Apenas não muito justo.

— Se eu ficasse com raiva, isso significaria que ainda dói, que ainda me preocupo com o que aconteceu comigo. Isso significaria que eu não coloquei tudo atrás de mim. E eu coloquei.

Ela abaixou os olhos e olhou para os punhos, como se tivesse acabado de perceber que ela tinha estado batendo nele. Suas mãos flexionaram-se. Seu rosto voltou-se para o seu, aflito, enquanto recordava o que ela tinha acabado de dizer. — Eu coloquei — ela repetiu. — Eu não penso sobre isso.

Ele não podia dizer nada.

— Sabe o que eu mais odeio sobre seus olhos? — Sua voz caiu para um sussurro, e ele não podia fazer com que ele afastasse o olhar. — Quando eu olho para eles — disse ela — Eu vejo meu próprio reflexo neles. Espelhando de volta todas as coisas... — Ela sufocou as palavras.

Sua pele ficou branca. Isso significava que os capilares em sua pele estavam constritos. Ele quase podia adivinhar seu pulso através de sua respiração trabalhosa. Ela estaria sentindo frio e com a cabeça leve agora.

— Respire fundo — ele sugeriu.

Ela não o fez. Em vez disso, ela se dobrou, como se ela fosse à única que tinha sido atingida. Ela segurou seu estômago.

— Oh, Deus — ela sussurrou. — Eu não deixei isso para trás.

Ele deu um passo para mais perto dela. Ela fez um afiado som entre os dentes. Ela colocou os braços em volta de si. Ele queria tocá-la, colocar a mão no ombro dela. Mas, quando ele estava à beira de alcançá-la, ela endireitou-se e olhou em seus olhos.

— Eu estou com raiva. — Ela disse essas palavras com cuidado, testando-as como ela faria com um chapéu em uma loja. Ela devia ter encontrado um ponto de controle, porque ela deu um pequeno aceno de cabeça. — Estou furiosa. Absolutamente furiosa. Eu poderia *matar* Tom Paggett, se ele estivesse aqui.

Tom Paggett. Jonas fez uma nota mental do nome. Ele estava se perguntando o que fazer com o homem, quando Lydia começou a chorar.

Era a última coisa que ele esperava. Ela não chorou delicadamente. Ela ficou no lugar, mexendo nas suas saias à procura de um lenço. E, finalmente, Jonas se permitiu se mover. Ele caminhou os passos finais para ela e fez o que ele desejava fazer por tantos meses.

Ele colocou seus braços ao redor dela. E para seu imenso alívio, ela não só deixou-o fazer isso, como enrolou as mãos em torno dele e puxou-o para mais perto.

Nesse momento, ele poderia deixar-se glorificar na sensação dela, a suavidade doce dela, a sensação de seu calor contra seu corpo. Ele poderia simplesmente abraçá-la e rezar.

Ele quase poderia ter chorado ao lado dela.

Aqueles angustiantes soluços, mesmo se ele não se importasse com ela, eles teriam puxado seu coração.

— Shh — ele sussurrou. — Shh. Me desculpe.

Ele sabia que ela não se importava com quem ele era, que ela estava muito angustiada naquele momento para fazer qualquer coisa senão chorar, e aproveitar o pouco conforto que ele podia dar. Ele não era nada mais do que um ombro para ela.

Ainda assim, ele estava feliz que era seus braços envolvendo-a, sua lapela tomando o peso da sua dor. Ele foi o único que ficou lá enquanto ela chorava, aquele que sentiu quando esses tremores começaram a diminuir. Cada minuto que passava parecia precioso. Quando os soluços desbotaram para fungadas, ele enxugou os olhos dela com seu lenço.

— Eu não sei por que você está fazendo isso — ela fungou, conforme ele enxugou suas bochechas. — Você está sendo gentil, mas você sempre zomba de mim.

Ele passou a mão para baixo de seu ombro. — Eu nunca zombo de você.

— Você diz coisas horríveis sobre mim.

— Eu nunca digo coisas horríveis sobre você — ele a contradisse. — Eu digo a você exatamente o que eu penso de você, e você nunca acredita em mim.

— Você é sarcástico e contraditório.

Ele suspirou e respirou o cheiro dela, doce e descomplicado. — Bem, sim. Isso, eu devo admitir. Mas metade das coisas que eu digo a você com sarcasmo, Lydia, eu realmente quero dizê-las. Eu simplesmente não posso suportar deixá-las sem serem ditas.

— Mas se você não pensa mal de mim...

Ele não respondeu. Ele queria que ela levantasse a cabeça neste momento. Ele queria que ela olhasse-o nos olhos e percebesse que ele a amava. Ele queria que ela

amasse-o de volta. Por enquanto, ele se contentaria com isto — Lydia em seus braços, Lydia finalmente falando com ele como um homem, em vez de como um monstro a ser desprezado. Pela primeira vez, o tamanho da árvore de Natal parecia bem-vindo, dando-lhes esta pequena quantidade de privacidade. Ele podia abraçá-la, e ninguém iria ver.

— Você me disse — disse ela em tom de acusação em seu peito — que eu era bem-vinda em sua cama.

Ele olhou para o topo da árvore. Por um breve momento, ele contemplou dar-lhe uma resposta educada. Mas... não adiantava fingir que era outra pessoa que não ele quem disse aquilo. — Você é — disse ele calmamente. — Qualquer homem que diga o contrário, provavelmente, não está sendo verdadeiro. E os meus defeitos normalmente aparecem em demasia quando eu sou sincero, ao invés de muito pouco.

Ela suspirou; ele podia sentir seu movimento contra o seu peito. Adorável sensação aquela.

— Eu só noto as coisas um pouco mais que a maioria — disse ele. — Como eu disse antes, eu me pergunto, por vezes, como você pode ter uma palavra amável para qualquer homem. Você me escolheu. Eu prefiro ser especial de alguma forma do que de jeito nenhum.

— Isso é ridículo — disse ela.

— Eu sei.

Ela escondeu o rosto em seu ombro. Ele nunca tinha percebido antes o quanto uma respiração poderia dizer. Parecia mais do que o transporte de ar para os pulmões. O ato de respirar com outra pessoa, de aceitar o silêncio juntos, de simplesmente viver em sintonia com o ritmo de alguém, era profundamente íntimo. Eles disseram mais um ao outro com a respiração tranquila do que tinham conseguido em dezesseis meses de brigas.

Lydia falou primeiro. — Eu acho que, Doutor Grantham, eu fui injusta com você.

Ele fechou os olhos. Não era amor, mas por Deus, ele ia aceitar isso. Era a esperança, um pequeno raio de esperança, de que havia uma chance para ele. Que ela poderia saber o pior dele e querer ele de qualquer maneira. E ele não a deixaria ir. Ele gostou da sensação dela contra ele. Ela era quente e do tamanho correto para seus braços.

— Você não fez nada de errado — ela finalmente disse. — Você era... com quantos anos estava quando acompanhou Parwine? Pouco mais velho do que eu sou agora. Você estava lá para aprender, não para falar. Eu nunca deveria ter culpado você.

Ele soltou um suspiro.

— Aí. — Ela deu um pequeno soluço e, em seguida, de todas as coisas, um sorriso tocou seu rosto. — Agora você não pode dizer que eu nunca tive uma palavra amável para você. Você realmente disse antes que você preferiria que eu batesse em você do que perturbar a limpeza de sua bolsa?

Ele não pôde deixar de sorrir de volta. — Eu disse. E é verdade. Eu sou um homem terrivelmente falho, Lydia.

Outro momento muito longo passou. Ela descansou sua bochecha contra seu ombro, e naquele momento o mundo era perfeito.

— Eu nunca deixei você usar meu nome de batismo — ela ressaltou.

— Sim, você deixou — ele respondeu. — Eu não sou nenhum expert nesses assuntos, mas quando uma dama chora no meu ombro, eu tomo isso como uma permissão tácita para me dirigir a ela pelo nome.

— Hmm — ela disse, mas não discordou.

Segurá-la em seus braços estava tendo um efeito inevitável. Ele mudou de posição contra ela. — De jeito nenhum eu gostaria de sugerir que acabasse esse abraço... mas provavelmente seria uma boa ideia isso.

— Seria?

Jonas fez uma pausa, desta vez um pouco mais longa. Ele não ia dizer isso. Ele realmente não iria dizer isso. Ele iria... Oh, inferno. Ele iria dizer isso.

— Passaram-se dezoito meses desde a última vez que tive a oportunidade de fazer uso de uma carta francesa, e eu estou me tornando fisicamente excitado. Vai tornar-se aparente em um minuto ou algo assim, e isso vai se tornar embaraçoso.

Lydia suspirou contra seu peito. — Meu Deus. Você é sempre tão sincero?

— É uma reação fisiológica natural — ele retrucou.

Ela afastou-se, mas apenas o suficiente para que ela pudesse olhar para o rosto dele. — Doutor Grantham, não me diga que você está envergonhado de uma reação fisiológica natural.

Ela não tinha soltado ele. Ela não tinha partido. A esperança não estava apenas presente, era incandescente. Ele encontrou-se sorrindo para o rosto dela. — Sim, eu estou. Eu não esmaguei completamente as restrições que os costumes sociais colocam sobre mim, por mais absurdo que sejam — ele respondeu. Sua mão acariciou seu cabelo enquanto falava. — Eu estou trabalhando nisso.

— Então, trabalhe nisso por mais dois minutos — disse ela calmamente. — Eu não acabei.

— Ah, senhorita Charingford. — Isso foi tudo o que ele disse, mas ele colocou os braços ao redor dela, puxando-a para mais perto, respirando sua velha dor, e expirando as emoções que ele ainda não tinha conseguido dar voz.

— A parte que me faz mais raivosa — ela sussurrou em seu peito — é que eu sinto falta disto. Eu sinto falta de ser segurada. Eu sinto falta da sensação de lábios nos meus, de braços em torno de mim. Eu sinto falta da sensação de calor. Às

vezes, eu até sinto falta de todas aquelas coisas que ele fez para mim. É uma fome palpável, uma que me come por dentro. Eu não deveria querer isso. Há algo de errado comigo.

Jonas limpou a garganta. — Na realidade...

Ela fez um pequeno barulho.

Não era como se ele de repente fosse enganá-la para acreditar nele. — Esta não é minha área de especialização, senhorita Charingford, mas há especialistas em Londres, que não fazem nada, além de tratarem mulheres que não gostam de relações sexuais. É fisiologicamente normal sentir-se como você se sente.

Sua ereção estava se tornando por demais evidente. Ela tinha que ter notado agora. Mesmo se não houvesse essa barra espessa crescente entre suas pernas, pressionando levemente contra o seu corpo, houve a mudança na sua respiração.

— Sério? — perguntou ela.

— Sério.

Ele poderia detectar as alterações nela. Ele estava de pé muito perto dela, muito em sintonia com ela, para perder os sinais. Aqueles indicadores capilares em sua pele se expandiram, e sua pele corou-se de rosa com o fluxo de sangue. Seus cílios tremularam para baixo; sua boca se abriu um pouco. Ela segurou-o com muita força, precisamente.

— Às vezes — disse ela — parece que existem algumas feridas que só podem ser curadas por isso. Por calor. E toque.

Ele colocou dois dedos sobre o pulso dela, tomando-lhe o pulso. Ele sabia muito bem a diferença entre uma frequência cardíaca em repouso e uma despertada, e o conhecimento da resposta de seu corpo só alimentou seu próprio desejo.

Ele se inclinou sobre ela um pouco mais, os lábios exalando calor contra sua orelha. Apenas um pequeno beijo. Ele poderia dar-lhe um beijo, agora.

Mas ele não o fez. Ele sabia muito bem que a excitação física não significava necessariamente que ela gostava dele. Ela tinha acabado de decidir que deixaria de odiá-lo. Ela precisava de um ombro para chorar, algo para golpear, um repositório genérico para todas as emoções que ela não poderia colocar em sua vida. Ela não precisava do beijo de um homem específico, não importava o quanto ele queria especificamente dar-lhe um.

— Senhorita Charingford — disse ele — Henry nos espera, e eu não deveria atrasar por mais tempo. Temos de ir em frente. — Ele se afastou dela. Ela olhou para ele, as sobrancelhas elevadas em confusão interrogativa.

Mas quando ele lhe ofereceu o braço, ela o tomou. Ele colocou os dedos sobre seu pulso e tomou conforto na batida de seu pulso um pouco mais rápida do que poderia ser explicada pelo leve exercício da caminhada.

Capítulo Oito

Jonas tinha reajustado e posto na tala a perna de Henry à noite anterior. Ele tinha dado ao menino uma dose de éter quando ele reajustou sua perna, o suficiente para que ele não tivesse estado em seu juízo perfeito pelo tempo que ele partiu. Henry lhe acenou, sorrindo bobamente. Foi seu pai que pareceu sombrio.

Esta manhã, o efeito da droga tinha passado. Henry estava apoiado em uma cadeira com nada a fazer senão olhar para fora da janela. Suas pupilas haviam retornado ao tamanho normal; seus olhos estavam afundados e escuros.

Lydia veio para frente e se sentou em uma cadeira ao lado do rapaz. Enquanto Jonas verificava seus sinais vitais, ela se apresentou.

— Eu sou a senhorita Lydia Charingford — disse ela calorosamente. — O Doutor Grantham me pediu para vir, porque ele pensou que eu precisava ver um exemplo de alguém que se mantém no decoro em circunstâncias difíceis.

Henry, que tinha sido desleixado a cada minuto desde que Jonas o conhecia, se endireitou sutilmente. — Ele disse isso?

— Sim — disse Lydia, com absolutamente nenhuma consideração para com a verdade. — E eu posso ver que ele escolheu um bom sujeito.

— Certo. — Henry assentiu. — Falando em circunstâncias difíceis. Doutor, eu acho que você não pode me dar mais do que... seja lá o que foi que você me deu na noite passada, não é? Minha perna dói terrivelmente.

— Não — disse Jonas. — Eu não posso. Eu não dou o éter geralmente. E eu prefiro não administrar láudano, a menos que seja absolutamente necessário. Ele contém morfina, o que provoca prisão de ventre e impotência.

— Uh. — Henry olhou para Lydia, e suas bochechas ruborizaram-se. — Você acabou de dizer... uh...

Jonas deu a ele um olhar repreensivo, e Henry mordeu seu lábio.

Lydia simplesmente sorriu angelicalmente. — Algum dia, você vai agradecer ele por isso.

Se possível, Henry ficou ainda mais rosado. — Não preciso de láudano — ele murmurou. — Não dói muito de qualquer maneira. Eu estou praticamente curado. Eu vou estar andando logo.

Ele provavelmente pensava que era verdade. E em poucos dias, o pior da dor desapareceria. A noite anterior, ele não tinha tido muita chance de explicar as coisas.

Jonas se sentou em uma cadeira ao lado de Lydia. — Henry — disse ele — você fraturou a extremidade inferior de sua tíbia direita. Se você andar antes de estar curado, você irá deslocar a fratura, e qualquer peso subsequente que você suportar depois disso poderia muito bem fazer uma fratura de um composto um.

Henry franziu a testa. — O que isso significa?

— Se você andar, você pode quebrar sua perna novamente em vários pontos. Uma fratura exposta tão perto de sua recuperação provavelmente significaria amputação. Você não deve andar até que esteja curado.

Henry deu-lhe um aceno estoico. — Quanto tempo vai levar? Uma vez que já parou de doer?

— Você não vai ser capaz de mover a perna por três semanas.

— Três semanas! — Os olhos de Henry se arregalaram. — Doutor Grantham, eu não posso ficar três semanas sem remuneração.

— Henry — disse Jonas — não só você não vai se mover por três semanas, depois você vai usar uma tala, e você não vai colocar peso excessivo sobre o seu membro.

O queixo de Henry enquadrou-se e ele olhou para longe. — Digamos que eu fique uma semana sem me mover — disse ele emburrado. — E depois...

— Isso não é uma negociação, Henry. Se você quiser manter sua perna, você deve ficar sem usá-la.

Henry não disse nada, mas sua mandíbula continuou definida.

Ao lado dele, Lydia se inclinou para frente. — Certamente, algo pode ser gerenciado. Talvez, como você foi ferido no trabalho, o empregador pode estar disposto a pagar alguma coisa...

— Ha — Henry olhou para o chão. — Você não encontrou o velho... — Ele olhou para Jonas, e depois desviou o olhar, lembrando que a sua entidade patronal tinha uma posição especial na vida de Jonas. — Você não o viu. Eu não sou inteligente, mas Peter e Billy são. Se eu não tiver nenhum salário, meus irmãos terão de começar a trabalhar. E se eles derem seus lugares na escola... — Henry cutucou morosamente a tala em sua perna. — Quanto tempo, você acha que vai levar antes que eu possa arriscar? Uma semana e meia, talvez?

— Eu disse que você não está autorizado a se mover — Jonas disse a ele. — Eu nunca disse que não podia trabalhar. Quando isso acontece, é uma sorte para você que a sua lesão é complicada. Eu estou escrevendo um artigo sobre a recuperação do uso de um membro após uma fratura difícil, e eu me encontro necessitando de um alguém. Alguém que vai fazer exatamente o que eu digo e nada mais. Se você concordar em permitir-me escrever sobre você, eu vou pagar pelo seu tempo.

— Eu não preciso da sua caridade.

Jonas lhe tinha encontrado o emprego com o pai. Ele tinha sido o único a deixar as coisas acontecerem, ignorando o que precisava ser feito, simplesmente porque ele era seu pai. Não era caridade, não mesmo. Era dinheiro de sangue.

— Você acha que eu estou fazendo isso para seu benefício? — ele retrucou. — Você teria que permanecer durante todo o dia sem correr, sem brincar com os

outros meninos até que eu diga que você é capaz. Qualquer homem pode estar de pé durante todo o dia. Mas é preciso verdadeiro talento para permanecer sentado.

Henry franziu a testa. — Verdade?

— Sim. Na verdade, eu não tenho certeza que você pode fazer isso. Sentado o dia todo sem nada para fazer, além de mexer os polegares. E não pense que eu vou pagá-lo se você não puder cumprir os requisitos rigorosos que eu tenho.

Ao lado dele Lydia se contraiu, inclinando-se para abrir a sua cesta.

— Como você está com quase nada para fazer — disse ela. — Eu trouxe um bandalore¹¹. Posso mostrar-lhe como usá-lo?



— Você não está nem tentando ganhar essa aposta — disse Lydia, conforme eles deixaram a pequena casa para trás. — Você não pode me levar em suas visitas sobre a garantia de que não há lado positivo a ser encontrado, quando você está planejando ser um bom samaritano e contratar o pobre menino.

Ele olhou para ela e sorriu, e aquela expressão a fez se sentir...

Não, isso não a fez sentir nada. Ela desviou o olhar.

— Eu nem sequer tenho que olhar para o lado positivo! Eu estava preparada para falar sobre a maneira como ele cuida de seus irmãos, qualquer um pode ver que ele os ama, mas, então, você foi e arruinou as coisas por si mesmo. Você quase tinha me contrariado pelas coisas mórbidas e repressivas que você disse. Henry

sofreu um terrível acidente, mas por um ato de generosidade, ele vai passar muito bem. Suas ações não fazem sentido.

Ele simplesmente sorriu. — Pelo contrário. Eu estou fazendo exatamente o que eu planejei.

— Você não quer ganhar?

— Eu quero ganhar. Eu quero ganhar muito. — Ele ofereceu o braço novamente no caminho de volta e ela o tomou. Alguns homens dobravam a mão sobre a de uma mulher quando andavam com ela. Ele colocou dois dedos contra o pulso dela, ainda que o contato menor parecesse íntimo de uma forma que ela não conseguia explicar.

Ela olhou para baixo.

Ou talvez ela poderia explicar por que ele parecia tão diferente. Ele insinuou a mão nesse pequeno intervalo entre suas luvas e seu punho, e seus dedos estavam nus. Ela podia sentir o calor de sua pele diretamente sobre a dela.

— Você não está usando luvas — disse Lydia em estado de choque.

Ele simplesmente bateu os dedos contra o pulso dela e continuou andando. — Muito atenta, senhorita Charingford.

Pequenos flocos de neve caíam.

— Por que você não está usando luvas? Suas mãos devem estar quase congeladas. Está extremamente frio.

Mas seus dedos estavam quentes, extremamente quentes.

— Eu nunca uso luvas quando eu atendo nas casas. — Seu dedo indicador traçou uma linha pequena para baixo de seu pulso enquanto falava. — Na verdade, eu quase nunca uso luvas.

Ele olhava para frente enquanto falava.

— Eu hesito em perguntar... mas há alguma razão para isso? Você não é rico o suficiente para ser excêntrico.

Um leve sorriso tocou seus lábios. — Talvez você deve ter notado isso, senhorita Charingford — disse ele — mas eu tenho um pequeno número de defeitos no meu caráter. Este deriva da ignorância científica.

— Agora você despertou minha curiosidade.

— Há um estudo do Dr. Semmelweis na Áustria — disse ele. — Ele tem sido muito criticado por isso, mas eu não vejo nenhuma falha com a metodologia. Semmelweis trabalhou em um hospital em Viena, e ele decidiu fazer uma pequena mudança em sua prática. Depois de realizar uma autópsia e antes que ele fizesse o parto de uma criança, ele lavou as mãos em uma solução de cal clorado. — Ele olhou para ela. — Ele descobriu que quando ele fez isso, a incidência de febre puerperal foi reduzida em surpreendentes noventa por cento.

— Céus.

Havia um brilho em seus olhos, uma vivacidade em seus passos. Seu discurso ficou mais rápido, mais confiante. — Pense nisso, em conexão com a descoberta de John Snow. No meio de uma epidemia de cólera, Snow removeu a bomba de um poço e com essa única ação, parou a propagação da doença. Todos os anos trazem uma nova descoberta médica, uma nova forma de olhar o mundo. Há mais acontecendo que nós não entendemos e não podemos ver. Mas essas duas coisas, tomadas em conjunto... Se Semmelweis estiver certo, os médicos estão transmitindo a doença. Isso nos faz ser a bomba do poço, levando doenças de paciente para paciente. Comecei a lavar as mãos depois de ver qualquer paciente que tinha uma doença contagiosa.

— Que pensamento terrível.

— E então eu iria colocar minhas mãos em minhas luvas, e começaria a me perguntar. E se eu não estou completamente limpo do contágio? Se eu não tivesse, minhas luvas estariam contaminadas. Eu estaria andando com minhas mãos em luvas que estariam se contorcendo positivamente com o que é que transmite uma

doença. — Ele olhou para longe. — Um erro, e eu poderia contaminar minhas luvas para sempre. Desnecessário dizer, mas eu parei de usar luvas.

Ele franziu os lábios enquanto falava.

— Isso é...

Ele lhe deu um olhar triste. — Estranho? Eu me envolvi nos diálogos mais surpreendentes com outros médicos sobre a prática. Médicos são cavalheiros. Lordes tem as mãos limpas. — Ele apertou sua mandíbula. — A maioria dos jovens da minha idade concordam, mas os mais velhos... eles vão da autópsia ao parto por anos, e se recusam a admitir que eles podem ser a fonte de contágio. Para ser honesto, eu acho que a profissão médica só irá instituir totalmente a prática de lavar as mãos quando nossos anciãos pararem de praticar.

— Eu não ia dizer que era estranho — disse Lydia. — Eu realmente acho que é sim uma coisa extraordinária de se fazer. Estou impressionada.

Ele soltou uma risada. — Confio em você, senhorita Charingford, para transformar meu mundo de cabeça para baixo. Você pega minhas características mais admiráveis e torce-as em falhas. Mas quando eu admito algo que estou certo de que me expõe como o estranho homem que eu sou, eu recebo o primeiro elogio que eu já recebi de você.

— Certamente não é o primeiro!

— O primeiro, com certeza. Eu contei.

Ela engoliu em seco. O jeito que ele estava olhando para ela... ela se sentia como um bule de chá em cima do fogão, aquecendo a uma fervura lenta sob o seu olhar.

— Há algo que você disse mais cedo que eu não entendo — disse Lydia.

— Senhorita Charingford. — Ele cruzou os braços e olhou para ela ameaçadoramente. — Eu tenho certeza que eu disse muita coisa com que você não está familiarizada — Sua boca definiu-se em uma linha reta. — Suponho que seja

demais esperar que você tenha uma pergunta sobre gonorreia. Estas questões são muito mais fáceis de responder.

Ela fez uma pausa e inclinou a cabeça. — Eu acho — disse ela — que você é o homem com o senso mais terrível de humor que eu já conheci.

Ele não protestou. — Estou bastante certo de que sim. — Ele olhou para baixo para ela. — E ainda assim você não correu gritando. Conto isso como progresso; eu estou tornando-me positivamente aceitável. Agora, o que era que você ia perguntar?

— Eu ia perguntar sobre o que você disse anteriormente. Que você... que você... não usou uma carta francesa por dezoito meses. — Ela engoliu em seco. — Eu sei que não deveria falar sobre isso, mas... mas você realmente responde às minhas perguntas. Diga-me se isso for muito impertinente.

— Não é tal coisa. — Mas sua voz tornou-se ainda mais ameaçadora.

Ainda assim, Lydia se sentiu encorajada. — É aceitável que os homens... visitem as mulheres sem estarem casados. Como com a Sra. Hall, que você comentou no outro dia. Você está me dizendo que você não quis dizer isso?

— Não tem nada a ver com o que é aceitável e o que não é. Eu não uso luvas porque tenho medo que elas possam manter contágio. Eu não irei ter relações com uma mulher que poderia me passar uma doença. Quando eu me estabeleci aqui em Leicester, eu determinei que eu não iria ter relações sexuais até que eu me casasse. — Houve um pequeno sorriso no seu rosto. — Eu não achei que iria demorar tanto tempo, ou tenho certeza que eu não teria feito um voto tão precipitado.

— Então você está procurando uma esposa? Bom, Deus, Doutor Grantham. Dezesesseis meses atrás, você alcançou a garota de número onze de Leicester. Em que mulher você está agora, na número quarenta?

— Não... não tem sido bem assim. — Ele fez uma careta.

Lydia deu a ele seu olhar mais inocente. — Eu percebo que a busca vai ser difícil, mas certamente em algum lugar de Leicester, deve haver pelo menos uma

mulher que está tão sem escolhas que ela estará disposta a aceitar alguém, mesmo você.

— Pelo menos uma? — Ele sorriu largamente para ela, compreendendo sua provocação. — Nossa. Elogios como esse vão direto para minha cabeça.

— Leve isso ao coração. Mesmo alguém como você deve ser capaz de encontrar uma esposa.

— Obrigado — disse ele. — Mesmo alguém como eu, aprecia o sentimento.

— Talvez se você fosse um pouco menos circunspecto em exhibir sua renda, você poderia convencer a número cinquenta.

Ele riu alto. — Sua víbora — disse ele, mas as palavras não tinham verdadeira cólera para eles. — Aí estão esses defeitos de meu caráter novamente. Se você quer saber, eu ia ser o diabo de um marido; sempre acordando às duas e meia da manhã para ir ver alguém que está doente, dizendo a minha esposa a verdade não importa o quão inconveniente ou pouco lisonjeiro poderia ser. — Ele sacudiu a cabeça e sorriu para ela. — Cuidando mais do asseio do que do meu bem-estar pessoal. Fazendo piadas terríveis.

— Você não é tão terrível.

— Obrigado. Terei que gravar isso em uma placa e apresentar às futuras candidatas sua recomendação. O verdadeiro problema é que eu sou, infelizmente, constante em meus afetos. Eu estive contemplando uma mulher em particular por mais de um ano. Não seria justo me casar com alguém com a minha atenção ocupada.

— Oh, muito ruim — disse Lydia, sacudindo a cabeça. — E ela não é alguém sem escolha?

— Ai de mim — disse ele, olhando diretamente para ela. — Ela é terrivelmente inteligente, e eu não desejo ela de outra maneira.

A maneira como ele olhou para ela fez seu coração acelerar, sua respiração ficar presa. Por um segundo, seus olhos escuros pareceram não ter fim, como se ela estivesse olhando para uma sala de espelhos e vendo reflexo sobre reflexo ecoando até o infinito.

Por apenas um segundo, ela sentiu um puxão de desejo.

— Eu acho — disse Lydia lentamente — que você pode ter que mudar seu ponto de vista.

— Eu tentei. — Ele deu um sorriso triste. — Deus sabe que eu tentei. Mas a vista é tão inspiradora que cada vez que eu me convenço de que eu preciso seguir em frente, estou encantado de novo.

Isso era quase impossível de conceber. Apesar de todo o seu humor negro, o Doutor Grantham era atraente. Esses aveludados olhos negros pareciam capturá-la e puxá-la para ele. Ele olhava para ela com uma perigosa intensidade. Seus lábios eram cheios e estavam curvados em um sorriso. Se ele não tivesse estado tão determinado a ter outra mulher, ela poderia ter se visto perigosamente atraída por ele.

— E você? — ele disse. — Qual é a sua desculpa? Sim, sim, eu sei; você apenas descartou Stevens no mês passado. Mas eu teria pensado que, para a décima primeira mulher solteira mais bonita de toda Leicester, haveria uma corrida de homens para tomar o lugar dele.

— Fique sério, doutor Grantham, e pense no que você sabe de mim. — Sua voz baixou. — Eu não engravidei por meio de uma concepção imaculada. Tive relações sexuais. Eu sou a coisa mais distante de uma virgem.

Ele ergueu a sobrancelha para ela. — Eu sou médico, senhorita Charingford, e mesmo eu não posso sempre dizer em um exame atento se uma mulher é virgem. Além disso, o hímen é apenas uma membrana mucosa situada na entrada da vagina.

Isso é de relevância fisiológica substancialmente pequena para um homem no auge da paixão do que a própria vagina.

— Sim, mas... — ela gaguejou. — Não é apenas o próprio hímen, é...

— Eu também *tive* relações sexuais. E embora tenha sido também condenadamente há muito tempo desde a última vez, eu não fiquei alardeando o fato. Você não fez isso, tampouco. Isto é irrelevante, senhorita Charingford.

Ela simplesmente fungou em resposta a isso. — Você está sendo difícil. Eu sou inconstante, e eu tenho temperamento. Eu não só descartei meu noivo, eu joguei dois copos de vinho em seu rosto em um jantar.

— Eu gostaria de ter estado lá para ver isso. Concordar em casar com Stevens, a propósito, não diz muito do seu gosto. Ele era um jumento. — Ele deu de ombros. — Mas isso só me confunde ainda mais. Possuir mau gosto para homens não impede uma mulher de obter maridos. Isso geralmente ajuda.

— Meu Deus, você é obtuso. — Lydia balançou a cabeça. — Para um homem tão franco, você é muito obtuso. Eu não sou uma boa opção.

— Assim é como você se vê?

— Oh, eu esqueci. Eu sou a décima garota mais bonita de toda Leicester. — Seu queixo levantou-se. — Eu suponho que com isso, eu deveria ser capaz de capturar pelo menos o vigésimo segundo homem mais desejável para a minha perfídia e meu passado contaminado.

— Eu nunca disse isso. Certamente, em toda Leicester, incluindo as áreas circundantes, em algum lugar deve haver algum homem que está sem escolhas o suficiente para casar com você.

Lydia se sentiu curiosamente alegre. — Eu tenho certeza que existe — disse ela, muito silenciosamente. — E o que eu mais temo é que eu estarei sem escolhas o suficiente para deixá-lo fazer isso.

Ele não disse nada.

— Veja o Capitão Stevens, meu ex-noivo. Não só ele ameaçou minha melhor amiga, mas ele estava pressionando meu pai. E eu sabia disso quando ele pediu minha mão. Eu concordei em me casar com ele, porque eu pensei que se eu fizesse, isso iria parar. Eu me convenci de que faríamos um bom par, que ele gostava de mim, que ele daria um bom marido. Eu sabia que eu não me importava com ele dessa forma, e esse era o seu maior ponto a favor. Pensei que estaria segura.

Grantham não disse nada diante disso.

— Ouça o que estou dizendo. Eu me convenci de que George Stevens era seguro quando ele estava pressionando meu pai. — Lydia jogou as mãos no ar. — E Tom Paggett... eu não fui a única garota com quem ele se envolveu. Poucos meses depois que ele deixou a cidade, os moradores de sua nova cidade o pegaram com uma criança de treze anos de idade. Eles não podiam provar... de qualquer forma, suas ações ficaram impunes, mas as pessoas estavam tão irritadas que elas jogaram mais do que frutas, e ele... — Lydia não queria terminar a frase, mas ela não precisou. Grantham provavelmente sabia o que acontecia a um homem que era atingido com pedras. — E então sim, doutor, eu tenho certeza que há algum homem que vai estar suficientemente interessado. Mas o que eu mais temo é que eu vou me convencer de que ele é seguro. Eu vou casar com ele porque ele vai fazer a vida da minha família mais fácil, e direi a mim mesma uma e outra vez que ele é a melhor coisa para mim. — Sua mandíbula apertou-se. — Todo o tempo, ele vai ser nada mais do que um criminoso comum. Você estava certo sobre pelo menos uma coisa. Eu sou excessivamente alegre, e não merecem os meus elogios homens que estão interessados na...

Ela mordeu o lábio. Ela não podia dizer essa palavra, não para um homem. Ela *não* podia. Mas ele estava olhando para ela, e de alguma forma ela encontrou a coragem.

— Não merecem meus elogios homens que estão interessados na minha vagina. Mas nós não estávamos falando de mim. Nós estávamos falando sobre você. — Ela olhou para baixo. — Agora que eu descobri que você não é tão ruim quanto eu pensei, eu estou surpresa de novo. Como é que você poderia ter estado fixado em uma pessoa por tanto tempo? Eu posso entender que ela não retorna suas afeições, isso faz todo o sentido.

— É claro — disse ele repressivo.

— Não que eu quero ser cruel, mas você é um pouco...

— Estou bem ciente das minhas falhas — disse ele. — Podemos adiar sua enumeração para mais tarde, se lhe agradar.

— Então, ela o recusou. Inequivocamente. E você ainda a quer? Isso parece surpreendentemente ilógico de sua parte.

Grantham olhou para ela. — Ela não me recusou. Se você quer saber, eu não perguntei.

— Você não perguntou a ela? Doutor Grantham, você pode dizer a uma paciente que ela deveria fazer um molde de borracha do colo do útero. Você não pode me fazer acreditar que você é incapaz de fazer uma proposta a uma mulher.

— O momento nunca pareceu certo. — Ele cruzou os braços. — Havia outras pessoas, ou ela não parecia estar de bom humor, ou eu arruinei tudo por fazer uma piada estúpida sobre gonorreia. Eu não esmaguei completamente o meu senso de obrigações sociais. Em qualquer caso, eu tenho medo. Tenho medo de que ela vai me rejeitar. E uma vez que ela fizer isso de forma inequívoca, será o final de tudo.

— Será que ela sequer *sabe* que você se sente assim sobre ela?

— Ela sabe — disse ele calmamente. — Neste momento, ela teria que ser uma idiota para não saber, e ela não é isso. Eu suspeito que, por suas próprias razões inescrutáveis, ela não quer admitir para si mesma. Eu sou intratável e difícil, mas

eu não sou uma pessoa particularmente sutil, e não pode haver outra explicação para a minha atenção por ela.

Ele olhou nos olhos dela enquanto falava, e ela sentiu uma emoção indesejável no fundo de sua barriga, como se essas palavras tivessem encontrado seu alvo no fundo do seu plexo solar. Ela sacudiu aquele sentimento estranho e afastou-se da intensidade direta de seu olhar.

— Acredite ou não, Doutor Grantham, estou começando a gostar de você. Sua personalidade pode ser... bem, um pouco abrasiva, mas me acostumei. Eu quero ajudá-lo, dar-lhe um empurrão. Mesmo difíceis, homens abrasivos merecem a felicidade. Eu devo ser capaz de descobrir por quem você está apaixonado sem muita dificuldade.

— Sim, você deveria — disse ele.

Cada frase enviava um pequeno impulso de excitação através dela.

Obrigou-se a olhar para ele com um sorriso no rosto. — Talvez eu possa ajudá-lo. Falar bem de você, esse tipo de coisa.

Ele sorriu levemente. — Quando você descobrir — disse ele — eu ficaria muito grato. Diga a ela que eu posso ser difícil, mas sou notavelmente constante em meus afetos, que eu pensei nela em todos os dias destes últimos dezesseis meses. Mesmo quando não fazia sentido.

E isso a deixou estremecida, todo o seu corpo vibrando com uma urgência inexplicável.

Capítulo Nove

Pela segunda noite consecutiva, o Doutor Grantham tinha deixado Lydia em um estado de perplexidade. Depois que ele levou-a de volta a sua residência, sua confusão tinha se recusado a se dissipar. Ela tinha pensado no que ele disse quando ela entrou na casa, durante o jantar. Ela ainda estava pensando sobre isso quando ela se juntou a seus pais na sala de estar.

Ele admitiu que tinha estado apaixonado por uma mulher há mais de um ano. Era uma coisa tão romântica de se dizer. Razão pela qual ela mal podia tolerar isso dele.

Se alguém lhe perguntasse antes de hoje, ela teria imaginado que ele era o tipo que dizia que todas as mulheres eram iguais. Ele usaria termos médicos. Uma vagina, ele poderia dizer, era muito parecida com outra. Ambas forneciam o mesmo estímulo para os centros de prazer. Ela mordeu o lábio, imaginando-o dizendo aquilo em sua voz sombria e grave.

Mas ele não disse isso. E hoje, atrás da árvore...

Ela nunca seria capaz de explicar o quanto tinha significado ter seus braços em torno dela. Ele a fez sentir que tudo estaria bem, mesmo que ela nunca tinha chorado assim antes. Apesar do cheiro de pinho ter lembrado-a de sua antiga dor. Ele ajudou-a, apesar de seu embaraço pessoal. Era justo que ela tentasse avançar a sua causa.

Quando ela se sentou ao lado da mãe, bordando uma toalha, sua mente continuava recuando de volta para Grantham.

— Mãe — disse ela, finalmente — o que você sabe de Grantham?

— Você vai a alguns atendimentos em domicílio com ele, não é? Existe algum interesse aí?

Lydia ruborizou-se. — Não, não. Claro que não. — Ela não era tão tola a ponto de tornar-se interessada em um homem que queria outra. Mesmo que ela *quisesse* saber quem era.

Sua mãe olhou para ela por um longo tempo, até que Lydia baixou os olhos. Não havia qualquer interesse da parte dela. Apenas... curiosidade, isso era tudo. Ela queria saber que tipo de mulher iria capturar a mente daquele tipo de homem.

Ele era singularmente simples. Sua consideração seria um elogio de uma forma que não seria vindo de outro homem. Ele não seria o tipo de imaginar uma garota perfeita, porque ele estava confuso com o seu desejo físico. Ele iria vê-la — todos os seus defeitos — e decidiria que a queria de qualquer maneira. Lydia simplesmente queria saber quem era esse modelo que tinha ganhado seu afeto.

Quem quer que fosse, ela tinha que ser bonita. Ele não teria feito uma lista de mulheres bonitas se não valorizasse a característica. Talvez fosse Joanna Perkins. Ela era completamente adorável, com aquele cabelo dourado brilhante e o luminoso riso. Ele gostaria de uma mulher que risse, eles poderiam rir juntos.

Mas ele disse que tinha dado atenção a moça, e ela não conseguia se lembrar de Grantham andando com a senhorita Perkins e cortejando aquela risada dela. Ela tentou se lembrar de vê-lo conversando com outra mulher. Ele era tão alto que ele teria que se dobrar para murmurar palavras doces.

Essa imagem mental — a ideia de Grantham inclinando-se sobre uma outra mulher do jeito que ele fez com Lydia hoje, dando-lhe aquele sorriso perverso que parecia ser destinado apenas para ela — a fez cerrar os punhos de um modo que ela não se importava em examinar. Ela teria se lembrado de vê-lo falar com outra mulher dessa maneira. Ela não poderia ter colaborado, mas se lembraria disso.

Talvez ele fosse mais cauteloso do que ela imaginava. Ela diria a ele amanhã que ele precisava ser mais acentuado em suas afeições.

Seu pai havia se juntado a sua mãe hoje. Eles sentaram-se ao lado um do outro, ela bordando, ele lendo uma lista de relatórios, os óculos empoleirados na ponta do nariz.

— O que você acha de Grantham? — Seu coração disparou enquanto ela falava.

Seu pai olhou por cima dos aros dos óculos para ela. — Eu vou ter que ter outra conversa com ele?

— Não. Não. Eu estou apenas acompanhando-o em alguns atendimentos em domicílios. — E batendo nele, e explodindo em lágrimas, e deixando-o abraçá-la. E depois havia os temas de suas conversas. Seria seguro dizer que ela não iria contar ao pai que Grantham instruiu-a sobre o uso de cartas francesas. Ele poderia levar isso para o lado errado.

Lydia olhou para o teto. — Ele é um homem interessante. Eu só quero entendê-lo.

— Hmm — disse o pai. Ele olhou para sua mãe, que lhe deu uma sacudida repreensiva de sua cabeça.

Grantham tinha dito que ela poderia descobrir quem era, e Lydia não seria capaz de dormir até que ela descobrisse. Não podia ser que ele tinha estado apaixonado por *Minnie*, podia? A melhor amiga de Lydia tinha se casado recentemente, e faria todo o sentido se ele gostasse dela. Ela era inteligente e bonita, talvez não do tipo de beleza que iria pousar em listas, mas o tipo que qualquer pessoa com olhos poderia ver, apenas se olhasse por muito tempo. Isso explicaria por que ele não tinha dito uma palavra. Lydia poderia tê-lo cedido a Minnie, sem sequer pensar.

Exceto...

Exceto que, até há dois meses, Minnie não tinha uma perspectiva decente, e ela tinha estado perto do ponto de desespero. Grantham teria apenas de falar uma palavra, e ela teria sido sua.

Não era Minnie.

Doutor Grantham tinha dito a ela que ele tinha alguns defeitos em seu caráter.

Lydia sabia que ela tinha algumas falhas no seu, e uma das coisas que ela sabia chocantemente bem era quando estava mentindo para si mesma. Ela havia se convencido de que ficaria feliz em se casar com um homem com quem ela não se importava, simplesmente porque fazia sentido se casar com ele e teria feito bem a seu pai. Ela se convenceu de que não havia *outra coisa* que iria acontecer quando se casasse algo além da profana união de formas masculinas e femininas, algo além da emissão de semente, simplesmente porque o homem que ela amou tinha dito que era assim.

Ela se convenceu de que ela não estava com raiva sobre o que tinha acontecido com ela. Lydia sabia que ela mentiu para si mesma assiduamente quando Grantham disse a verdade nua.

Mas, ocasionalmente, ela conseguia chocar até mesmo ela.

Ela tinha acabado de pensar que ela poderia tê-lo *cedido* para a amiga. Como se o simples fato do que ele tinha feito esta tarde significava que ele pertencia a ela. Ela não queria ele para si mesma, não era? Ela não poderia querer ele. Ele estava... ele estava...

Lydia ingeriu.

Ele estava apaixonado por outra mulher.

Ela sabe, ela lembrou-se dele dizendo calmamente. *Eu não sou uma pessoa particularmente sutil.*

— Oh — ela disse em voz alta — seu pequeno dissimulado... sorrateiro... ridículo...

Ela só parou de jorrar insultos, quando seus pais olharam para ela.

— Não é você — ela disse a seu pai. — Nem é você, mãe.

Mas ele não tinha sido dissimulado ou sorrateiro. Ele tinha sido notavelmente adiantado. Ele disse a ela que ele estava loucamente apaixonado por ela, que tinha estado por meses. E ele disse isso sarcasticamente o suficiente para que ela balançasse a cabeça e se recusasse a pensar sobre a vibração em sua barriga. Não fazia qualquer sentido, no entanto. Ele não podia estar apaixonado por ela. Por que, ele sabia que ela esteve grávida, que ela tinha tido relações com outro homem fora do casamento.

O hímen é apenas uma membrana mucosa...

Oh Deus. Se ela começasse a dar evasão à premissa de que ele a queria, toda esta aposta assumiria uma feição totalmente diferente.

Se ela começasse a dar evasão à premissa de que ele a queria, ela nem sabia se ela poderia falar com ele. Suas conversas fáceis dos últimos dias, a amizade deles, suas piadas sobre gonorreia... a maneira que ele colocou os braços em volta dela e segurou-a, mesmo quando isso tinha feito a circunstância de sua excitação física tão aparente. Tudo tinha sido tão simples.

Eu posso ser difícil, mas sou notavelmente constante em meus afetos, e eu pensei nela em todos os dias destes últimos dezesseis meses.

Ele estava falando sobre *ela*. Ele tinha falado sobre ela o tempo todo. Ele sabia disso e ele olhou para ela e disse aquelas coisas, sabendo exatamente o que ele estava dizendo e a quem ele estava dizendo.

E ele estava certo. Ela sabia. Mesmo quando ela tinha sido incapaz de admitir isso em sua mente, seu corpo tinha sabido, inclinando-se ao seu, moldando-se ao seu. Ela tinha se emocionado quando ele olhou para ela. Não foi medo o que sentiu nem antipatia. Esse choque que viajou através dela quando ele olhou para ela... foi atração.

Lydia engoliu em seco.

Ela deveria ter estado feliz com a descoberta. Ela estava começando a gostar dele, talvez mais do que gostar dele. Perceber que ele sentia o mesmo por ela, que ele tinha estado apaixonado por ela, apesar de todas as coisas que ela disse a ele...

Não. A *última* coisa que ela precisava era este *desejo*, este sentimento de que ele poderia completar ela de uma forma que todos os outros não podiam. A última coisa que ela precisava era desse fluxo quando ele falava de excitação sexual, ter ele dizendo isso a ela dessa maneira calma que era natural, normal. Que ela poderia tê-lo, que não era errado.

Se ela não reconhecesse o que ela sentia, o que ele queria, então ele não poderia levá-la ao erro. Ela queria virar as costas e enterrar a cabeça em suas saias. Ela queria ter essa certeza e esconder essa descoberta de volta onde ela escondeu-a antes. Mas não havia maneira de desconhecer a coisa que ela não queria saber. Ele a queria, e ela o queria de volta.

Conhecimento levava a ação; ação levava a desgosto.

Ela sabia disso, agora, mas preferia não saber.

Capítulo Dez

Ela sabe.

Jonas podia dizer pelo jeito que ela não encontrou seus olhos, pelo jeito que ela não tomou seu braço esta tarde. Ele podia dizer pelo jeito que ela mal respondeu a ele quando ele falou com ela no caminho para o destino deles. E ele poderia particularmente dizer, porque quando ele guiou-a para dentro da distante casa abaixo em Fosse Street, ele trouxe-a para perto dele e levou-a através do labirinto de lixo que ia até a sala de estar, ela se afastou dele, logo que chegaram ao fogão na parte de trás.

— Você deveria ir em frente sem mim — disse ele.

— Mas...

— Ele está esperando por você — Jonas disse a ela. — Eu disse a ele na outra noite que você estaria aqui, e você pode ter certeza que ele estava encantado com a perspectiva de uma visita de uma garota bonita. Ele não irá machucá-la, mesmo se pudesse.

Ele olhou ao redor da sala para o caos que sempre reinava ali, e sentiu uma coceira estabelecer-se em sua pele. — Eu tenho algumas coisas para fazer aqui primeiro. — Tais como lavar as mãos e embrulhar o queijo no papel de cera. Tais como evitar o fato de que ele tinha a intenção de apresentar Lydia ao seu pai.

Quando ela hesitou, ele disse — Você é bem-vinda para ficar aqui em baixo. Sozinha comigo.

E, claro, diante disso, ela subiu sem ele. Ele lavou o bule de chá e pegou um balde de água.

— Me chame de Lucas — ele podia ouvir seu pai dizendo, conforme Jonas escorregou para fora da porta e se dirigiu para a bomba.

Até o momento que ele voltou e colocou um pouco de água no fogão para ferver, eles conversavam como velhos amigos. Ele não conseguia entender a conversa deles sobre o barulho dos pratos conforme ele esfregava-os. Confie em Lydia para encantar seu pai em um quarto de hora.

Ele bufou.

Confie em seu pai para encantar Lydia também. Ele reuniu os utensílios do chá em uma bandeja, tudo limpo agora, a prata brilhando e o bule mais branco do que tinha sido em anos, e começou a subir as escadas.

— Eu quero alguma explicação — Lydia estava dizendo. — O que é tudo isso?

Jonas podia ouvir a nota de desgosto em sua voz, podia imaginá-la apontando para as pilhas de lixo ao lado da cama.

— Isto é a minha independência. — Com a mesma facilidade, ele podia ouvir o orgulho na voz de seu pai. — Eu não quero ser um fardo para meu filho na minha velhice — disse seu pai. Orgulho. Orgulho esmagador.

Granthams não choram, ele se lembrou de seu pai dizendo-lhe isso quando tinha onze anos. *Então você vai voltar para a escola, e eu não vou ouvir mais queixas de você. Não importa o que eles façam para você.*

— O seu filho pensa em você como um fardo?

— Ele está apenas começando na vida — disse seu pai fervorosamente. — Prestes a se casar. Ele não quer um homem velho incomodando-o. Quando eu estiver de pé, eu vou ser capaz de vender tudo isso. — Jonas subiu os últimos degraus, bem a tempo de ver seu pai inclinar-se. — Você vê isso? Todo mundo pensa que é lixo. Mas o que você pode ver agora pode muito bem valer noventa e cinco libras. Você ouviu isso? Noventa e cinco libras, se você souber o que fazer com isso.

Essa última frase foi entregue no tipo de voz que um homem idoso acredita ser um sussurro, mas que poderia ter sido ouvido por mais de três condados.

Para seu crédito, Lydia não gargalhou. — Noventa e cinco libras — disse ela calmamente. — Nossa, isso é inteligente da sua parte.

— Inteligente. Ha. Eu não sou o único inteligente. Você conhece o meu filho. Agora, *aí está* um menino inteligente. Quando ele tinha três anos, eu disse para sua mãe, este menino vai ser alguém, só nós não ficarmos em seu caminho. A escola secundária local não era boa o suficiente para ele, não. Nós sabíamos que tínhamos de colocá-lo em Rugby. Não é fácil para um comerciante de sucata isso, você não acha?

Ela fez um barulho adequadamente sensibilizado. Nenhum deles tinha visto ele, de pé nas sombras da escada, simplesmente bebendo a visão deles juntos.

— Se houvesse um penny perdido na sucata, minha esposa pegava-o — seu pai anunciou orgulhosamente. — E o que ela não salvou, eu encontrei. E depois que ela... bem, não importa. Meu filho, ele passou de Rugby ao King's College. Trabalhou com eles em Portugal Street por alguns anos.

— Você deve estar muito orgulhoso — disse Lydia.

— Bem, isso é como deveria ser. Agora, eu só quero saber, onde diabo está o... — Ele se virou para a escada e viu Jonas ali de pé. Todo aquele orgulho fechou-se nele. Ele cruzou os braços magros e olhou para baixo. — Você levou muito tempo — ele resmungou.

Era assim entre eles. Durante anos, Jonas tinha pensado que seu pai era rude, que ele nunca poderia agradá-lo. Tinha levado até a idade adulta para entender que seu pai estava orgulhoso, tão orgulhoso que seu orgulho o envergonhava.

Jonas colocou a xícara e pires empilhados na mesa de cabeceira, distribuiu-os, e serviu o chá.

Ele entregou uma xícara a Lydia. — Não há nenhum creme ou açúcar, infelizmente. Não é bom para o coração dele.

— Como se eu fizesse questão. Você sabia que um homem comum gasta uma libra e seis xelins por ano com o açúcar, se você somar tudo? Eu li isso no outro dia. Ao longo da vida de um homem, acrescenta-se bem mais de sessenta libras. Apenas para ter um pouco de adoçante. Você parece uma mulher sensata, senhorita Charingford. Você não consome açúcar, não é?

— Um pouco.

— Dois cubos de açúcar. E creme. — Jonas tinha observado ela com frequência suficiente.

— Dois cubos de açúcar? — Seu pai pareceu escandalizado. — Ora, isso é muito mais de cem libras. Melhor parar isso agora. Mas você sabe o que este tem feito para mim? — Ele fez um gesto para Jonas.

Lydia balançou a cabeça.

— Eu já disse a ele mil vezes que se você misturar banha com arroz, você mal pode provar a diferença entre isso e carne. Você pode acreditar que ele teve a ousadia de instruir as mercearias para não me enviarem mais banha?

Os olhos de Lydia apenas se arregalaram uma fração com isso. Ela piscou algumas vezes, mas depois conseguiu responder. — Eu posso acreditar nisso — disse ela. — Ele é um homem muito determinado, quando ele fixa a sua mente em algo. Mas... — Ela olhou uma vez para Jonas, e depois desviou o olhar. — Mas eu acho que ele tem boas intenções — ela sussurrou.



— Ainda estamos fingindo que esta é uma aposta? — perguntou Lydia, quando eles deixaram a casa de seu pai.

Ele olhou para ela. — Existe uma aposta em vigor. E se eu ganhar, eu ainda pretendo recolher minha recompensa. — A última coisa que ele queria, porém, era *ganhar*.

Ela desviou o olhar. — Eu não tenho ideia do que você está fazendo. — Sua voz era calma. Ela juntou os dedos, olhando para baixo. — Você poderia ter me mostrado coisas muito piores do que você tem mostrado. Você não está mesmo tentando ganhar. Eu não sei o que você quer.

Ela ainda não tinha olhado para ele.

— Eu acho Lydia — disse ele com cuidado — que você sabe.

Ela balançou a cabeça furiosamente. — Eu não sei — ela insistiu. — Você não pode querer que eu diga que não vejo nada de bom naquele velho. Isso é ridículo. Ele não está bem, e sua mente parece... não o que poderia ter sido uma vez. Suponho que a sua casa é a causa da lesão de Henry, e eu poderia chorar por isso. Mas o orgulho em seus olhos quando ele falou de seu filho, seu senso de sentimento familiar... há amor ali. E isso significa que eu ganhei a aposta. — Seus punhos fecharam-se. — Eu ganhei, e você não se importa, e eu não entendo você.

— Só há uma coisa que você não entende — disse Jonas calmamente. — Eu não tinha a intenção de lhe perguntar se você encontrou algo de bom no homem que visitou hoje. Há muita coisa de bom nele. Eu queria perguntar-lhe sobre o que você pensou de seu filho.

Aquilo parou seus passos. Ela franziu a testa. — O filho dele?

— O filho dele. Isso é tudo que eu sempre quis saber. Como você se sente sobre o seu filho.

— Mas... — Ela engoliu em seco.

— Deixe-me contar um pouco sobre a família dele antes de prosseguir — disse Jonas. Mas ele não achava que poderia fazer isto, não nas ruas públicas. Em vez disso, ele colocou a mão nas suas costas e levou-a ao parque.

No último dia, a árvore tinha sido cortada. Pequenos castiçais de metal enfeitavam as extremidades dos ramos. Flocos de neve feitos de penas e plumas de ganso estavam situados entre a vegetação, e uma fita de ouro tinha sido enrolada em torno dela. Quando ele se aproximou, ele pôde sentir o cheiro de cravo e laranja dos pomanders¹² misturados com o cheiro de pinho fresco.

— Você está bem familiarizado com a família dele?

— Você poderia dizer isso — disse ele, guiando-a para a árvore. Ele deixou-a de pé na beira do tablado. Ele deu um salto e examinou os ornamentos. Isso deu-lhe algo para fazer além de olhar em seus olhos.

— Como você deve ter imaginado — disse ele — Lucas nasceu pobre. Ele foi o sexto filho de uma vendedora ambulante, alguém que aprendeu apenas o básico da leitura e da escrita. Ele começou a comprar e vender sucata de metal, vasculhar lixões para encontrar pedaços que ele poderia negociar. Ele salvou cada centavo que podia e trabalhou arduamente para construir não só a vida, mas um próspero negócio. Ele casou-se tarde na vida, tinha levado várias décadas para se estabelecer em uma boa vida. Mesmo depois de ter casado, sua esposa teve dificuldades para ter filhos. Seu único filho nasceu depois de doze anos de casamento; sua esposa morreu cinco anos depois. Lucas foi o único responsável por seu filho a partir desse ponto.

Havia anjos pintados feitos de lata escondidos dentro dos ramos da árvore, anjos que refletiriam a luz das velas, quando fossem acesas. Ele supôs que uma árvore não era a pior das tradições.

— Eu seria capaz de apostar que ele foi um bom pai — disse Lydia, chegando ao tablado para ficar ao lado dele, e Jonas sentiu uma pontada.

— Um bom pai. — A garganta de Jonas fechou-se, e ele se inclinou para olhar para uma corneta de vidro fosco. — Severo e frugal, mas ele fez o seu filho ter uma boa educação. E quando o professor da paróquia veio a ele e lhe disse que seu filho tinha um verdadeiro talento para o aprendizado, ele...

Uma pequena corda de sinos estava pendurada na árvore, e uma brisa passageira os fez tocar levemente. Ele se lembrou de seu pai acordando-o no Natal com sinos, fazendo com que o feriado parecesse como um grande assunto de família quando tinha realmente sido apenas os dois. Naquele Natal, seu pai — seu pai, que pensava cuidadosamente antes de comprar um par de meias, se as que ele tinha poderiam ser remendadas — tinha-lhe dado um presente extravagante.

Jonas engoliu em seco. — Ele não hesitou em comprar para seu filho um conjunto caro de enciclopédias. Isso veio do homem que recolhia pregos em ferraduras na rua, que recusa açúcar para salvar alguns xelins a cada semana. Outro homem poderia ter insistido que seu filho assumisse o seu negócio; em vez disso, quando ele descobriu que seu filho tinha a chance de ir para a universidade, se ele pudesse encontrar o dinheiro... Lucas vendeu a sucata que ele passou duas décadas recolhendo. — O que seu pai tinha pensado como o começo de não apenas um negócio, mas de um império. — Ele desistiu de tudo aquilo, só por seu filho.

Lydia olhou para ele. — Este é o filho que lhe permite viver...

Ele respirou a fragrância do pinho e fechou os olhos. — Este é o filho que lhe permite viver naquela pilha de lixo — Jonas disse a ela. — O próprio.

Seus olhos se sombream. — Eu suponho que ele tornou-se um advogado ou algum outro tipo de pessoa importante.

— Eu suponho que sim.

— E ele não tem mais tempo para seu pai — disse ela tristemente. — Ele não pode tê-lo visitado, não desde... não desde que tudo isto começou. Ou ele nunca teria permitido que isso acontecesse.

Jonas deixou escapar um longo suspiro e se obrigou a voltar-se para ela. — Ele visita-o — disse ele em voz baixa. — Ele visita-o todos os dias. Mas ele está perdido sobre o que fazer com ele. Ele tentou fazer com que a sucata fosse retirada à força, mas... na última vez que ele tentou isso, os policiais foram chamados. Ele tem medo de que seu pai vai ter uma apoplexia se ele tentar novamente. Neste ponto, sua única opção é ter o pai... o próprio pai que sacrificou tudo para fazer o que ele é, declarado incompetente, sua casa limpada à força, e seu pai sedado durante todo o processo para que ele não sofra um ataque. Que tipo de filho faz uma coisa dessas? — Ele fechou as mãos em punhos. — Que tipo de filho não faz nada? Temo por seu coração, se ele for removido desses arredores. Temo por sua saúde, se ele permanecer. — Ele deu um suspiro longo e tremente. — Meu Deus, Lydia, eu gostaria que você me dissesse o que você pensa sobre o filho dele.

Seus olhos se encontraram. Ele não tinha certeza de por quanto tempo ela tinha sabido, em que ponto da história ela tinha descoberto a verdade. Inferno, quando ele começou a falar, ele não tinha certeza se ela sabia. Seu pai poderia ter deixado isso claro em sua conversa, antes de Jonas chegar com o chá.

Ela deu um passo em direção a ele. — O nome dele é Lucas... Grantham?

Um único aceno de cabeça, curto.

— Você não me disse que você estava me levando para ver seu pai.

— Não. — Ele olhou para longe. — Eu não disse. Eu lhe disse que estava trazendo você para vê-lo, no entanto. — ele sorriu. — Ele deu-lhe o sermão da

banha-e-arroz, que é uma prova positiva de que ele gostou de você. Ele menciona isso apenas para as pessoas que ele aprova. E não se preocupe com o açúcar em seu chá. Ele odeia quando eu tomo açúcar, também.

Era tudo um balbucio. Ele não podia olhar para longe dela. Ela estava em pé na frente dele, olhando para ele.

— Você quer que eu te diga o que eu penso de você. — Ela deu mais um passo em direção a ele.

— Eu queria passar mais tempo com você, para convencê-la de que eu não era o ogro que você pensava que eu fosse. — Ele olhou para longe. — Mal sabia eu que, ao longo destes últimos dias, eu ia saber mais de você, também. Que você era corajosa. Que, sob os seus risos e seus elogios, reside uma medida sólida de bom senso. — Ele engoliu em seco. Ele estava balbuciando ainda. — Você me faz feliz. E o que eu mais intensamente quero saber é... você acha que eu poderia fazer o mesmo por você?

Ela pôs o dedo nos seus lábios. — Jonas.

Seu nome de batismo soou estranho em seus lábios. Foi a primeira vez que ele a ouviu dizê-lo. O cheiro de pinho era forte. Ele não podia olhar para longe dela. Ela colocou as mãos em seus braços, os cachos que pendiam em suas bochechas tocavam sua mandíbula. Ela estava tão perto, que quase podia saboreá-la. Ela deu um passo mais perto ainda. Jonas inclinou-se para ela, saboreando a doçura de sua respiração. Seus lábios estavam vertiginosamente perto. E depois...

Ela o beijou.

Oh Deus. Por um momento, ele ficou parado no lugar por esse único e solitário contato. Seus lábios sobre os seus... por quanto tempo ele tinha imaginado esse momento? Tempo suficiente para que ele deixasse os olhos fechados em êxtase, se deixasse cair na sensação dela. Aquela leve carícia, o toque de seus lábios contra os dele...

Ele teria chamado de agri-doce, mas toda a doçura veio dela, a amargura dele. Seu beijo não varreu a angústia escura que sentia em seu coração. Em vez disso, ele a abraçou. Reconhecendo. *Isso é real*, dizia seu beijo, *sua dor é real. Ela é real e importante. Então deixe-me compartilhá-la com você.*

Foi um beijo como o chocolate preto, uma mistura inebriante de cacau e açúcar, cada ingrediente imperfeito por conta própria, mas de tirar o fôlego quando misturados. E enquanto a saboreava, quando ele beliscou seus lábios e ela se abriu para ele, ela foi doce, como cerejas no conhaque.

Ele passou os braços em volta dela e beijou-a mais profundamente. — Lydia. — O nome dela era perfeito em seus lábios, perfeito sussurrado contra os dela.

E Deus, ela sabia como beijar. Um homem podia se perder em um beijo como este e nunca querer se encontrar. Seu corpo se moldou ao dele, dando todos os seus segredos. O rubor quente cresceu em seu peito enquanto ela deslizava mais profundamente na excitação sexual; a rigidez de seus mamilos, sentidos apenas vagamente através das camadas de tecido entre eles. Seu quadril pressionou contra o dele, reconhecendo sua excitação crescente com a dele.

Ele queria um beijo para celebrar o solstício de inverno. Mas, secretamente, ele desejou isto, que ela não só pudesse vê-lo, mas gostar dele. Talvez amá-lo.

— Jonas — ela sussurrou, abrindo-se para ele. Ele se inclinou para frente e colocou suas mãos sobre o tronco áspero de ambos os lados de sua cabeça. Ramos do pinheiro fizeram cócegas em suas pernas, mas nada disso importava. Ele não poderia ter estado mais confortável em uma cama de penas cercado por almofadas do que neste momento.

Ele não tinha certeza de quando as mãos dela começaram a se mover, quando suas próprias mãos se moveram em resposta. Ele só sabia que parecia certo levar sua mão até suas costelas. Ele podia sentir a forma de seu espartilho, os ilhós e laços escondidos atrás de tecido e fitas. O tecido grosso de sua roupa íntima

aninhado sob os seios, deixando marcada a forma de seus seios para sua exploração. Ele correu os polegares ao longo de seus mamilos, até que sua respiração veio em suspiros, até que seus bicos endureceram e despertaram sob seu toque.

Ela era tão sensível, tão apaixonada. Tanto quanto ele tinha imaginado, pressionada contra ele, abrindo a boca para ele, encontrando cada golpe de sua língua.

— Lydia — disse ele. — Lydia, querida.

Diante dessas palavras ela abriu os olhos. Eles se arregalaram. A respiração dela saiu gaguejante em pequenas baforadas brancas. Como poderia estar tão frio quando ele se sentia tão quente?

Ele se esforçou para as palavras saírem.

Ela se afastou. — Não. — Mas ele não tinha certeza de que ela estava falando com ele. — Não. — Ela deu dois passos para trás.

Ele se sentiu sufocado com seu próprio desejo.

— Não me diga que isso é normal — disse ela. — Não é. *Não é.*

— Lydia.

Ela não olhou para ele. Seus lábios estavam pressionados.

— Lydia — disse ele. — Eu quero casar com você. Eu quero ter você ao meu lado para sempre. Eu sei que é muito cedo para perguntar. Mas, Lydia, querida...

— Não me chame assim. — Sua voz estava tremendo. — Eu não quero ouvir isso. Nunca mais. — Ela colocou as mãos na cabeça. — Oh, Deus — disse ela. — Olhe para mim. Basta olhar para mim.

Ele não conseguia tirar os olhos dela. Mesmo com a árvore brilhando com novos ornamentos, ela era a coisa mais linda ao redor, os lábios ainda rosados de seu beijo.

— Você não pode se afastar de mim depois disso — disse ele.

Ela olhou para cima, e o que ele viu nos olhos dela o levou a um impasse. Seus olhos estavam arregalados, as pupilas encolhidas em pontinhos.

Ela deu alguns passos para trás. — Você é muito bom — disse ela. — Muito bom. Eu não tinha intenção de... mas você me fez esquecer. — Sua voz tremeu. — Você me fez esquecer o que poderia acontecer.

— Lydia. Não tem que ser assim.

Ele deu um passo em direção a ela. Ela lançou um braço para ele, apontando, e ele parou. — Não — disse ela. — Você é honesto. Você é surpreendentemente doce, quando você deseja ser. E... e eu acho que você poderia seduzir qualquer mulher que você quisesse. — Ele pensou que ela era doce momentos antes, mas havia uma amargura em sua voz agora. — Então eu vejo o lado bom em você. Essa era a aposta, não era?

— Suspenda a aposta — ele implorou.

— Você prometeu — disse ela. — Você prometeu que se eu ganhasse, você nunca iria falar comigo de novo.

Ele engoliu em seco. — Só se isso fosse o que você queria. Lydia, você não pode me beijar e, em seguida, partir.

— Eu quero dizer isso. — Sua voz estava tremendo, e ele pensou que ela estava à beira das lágrimas. — Eu realmente quero dizer isso. Eu não quero falar com você nunca mais.

Ele deu um passo em direção a ela. — Lydia.

Ela se encolheu para trás. — A sua palavra — disse ela. — Você deu sua palavra.

Mas não foi a promessa que fez ele frear sua língua. Foi o olhar em seus olhos, aquele olhar sombrio, que o fez temer que se intensificaria quando ele se aproximasse. Ele fechou a boca, pressionando os lábios, em busca de algo a dizer...

Não havia nada. Ele prometeu não falar mais com ela.

— Sinto muito — disse ela. — Eu não posso. Eu simplesmente não posso.

Ela se afastou dele. E quando ela deu seis passos para longe, ela se virou e correu, deixando-o sozinho com a árvore e os ornamentos.

Capítulo Onze

A lareira no escritório de seu pai estava acesa, mas Lydia mal podia senti-la contra sua pele. Ela não tinha certeza do por que fugiu para ali, por que ela se sentou ali brincando com o azevinho em sua mesa. Ela se sentia vazia e oca, e não queria pensar. Em nada.

— Então — disse o pai, deitando a pena depois que ela reorganizou as fitas uma quarta vez — eu vou ter que conversar com Grantham, afinal?

Ela pulou para trás, atingida. — Não! Por que você faria isso? Eu não quero falar sobre ele.

Ele sorriu levemente. — Eu fiz três erros nesta última coluna, Lydia, e você não pegou nem um.

— Eu tenho que ajustar este azevinho. — Ela não olhou para ele.

Ele não disse nada. Ele não era o tipo de dizer as coisas, para persuadi-la em desistir de seus medos. Ele só... esperou.

— Por que você não me levou para longe? — ela perguntou.

Seus olhos se arregalaram.

— Você devia ter feito isso. Parwine lhe disse para fazer isso. Qualquer um teria feito isso em seu lugar. Mas você age como se nada tivesse acontecido, como se eu fosse à mesma pessoa que eu seria se nunca tivesse conhecido Paggett.

Seu pai tirou os óculos e esfregou a ponta do seu nariz, onde a armação de seus óculos tinha deixado uma marca rosa. Mas ele não disse nada em resposta.

— Você não entende que eu não sou mais sua garotinha? — ela perguntou.

— Não. Você ficou mais velha — disse ele calmamente.

— Fiquei mais velha? É isso que você acha que eu fiz? Isso é tudo o que você acha que aconteceu comigo? Que eu só *fiquei mais velha*?

Ele lhe deu um encolher de ombros impotente. — Bem, sim. Eu gostaria que não tivesse acontecido tudo de uma vez, do jeito que aconteceu, mas... — Outro dar de ombros. — Eu realmente nunca pensei em levá-la para longe. Suponho que quase todos diriam que foi um erro. Mas eu não queria.

— Você nem sequer me deu novas regras, nem novas restrições. Você me deixou sair com Grantham, sabendo que eu era o tipo de mulher que poderia...

Ela não terminou a resposta. Ela era o tipo de mulher que poderia ser vítima de um homem como esse. Um homem sombriamente bonito, possuidor de um estilo particularmente franco de falar. Ela poderia deixá-lo tocá-la, beijá-la. Ela poderia se emocionar quando ele fizesse isso e querer mais.

Ele levantou as sobrancelhas. — Eu pergunto de novo, eu vou ter que falar com o homem?

— Não!

Ele fez um gesto com a mão para a gaveta da mesa. — Porque, se necessário, eu poderia buscar minha pistola e...

— Não! — ela exclamou, horrorizada. — Não. Mas você se lembra de quem ele é?

Seu pai franziu a testa. — Ele é um médico. Há outra coisa que eu deveria saber?

— Ele estava com Parwine. Quando...

O rosto do seu pai ficou branco. Ele não sabia. Seus pais tinham estado tão focados *nela* naquele dia que ela não achou que eles tinham conhecimento de qualquer outra pessoa. Lydia tinha sido a única a olhar através da sala, olhando para aquele rapaz estranho que a observava tão silenciosamente.

A mão do pai flutuou em direção a sua gaveta mais uma vez. — Grantham está usando o que ele sabe para causar-lhe mal? — Sua voz era um sussurro.

Ela balançou a cabeça. — Ele não iria me machucar. — Na verdade, ela estava bastante certa de que ela tinha machucado-o. — Ele só me fez perceber...

Ele só a fez perceber o quanto ela estava machucada.

— Que eu não quero perceber nada — ela finalmente disse.

Essas palavras soaram horríveis faladas em voz alta. Elas ecoaram no silêncio do escritório do pai. Lydia pôs os dedos sobre os lábios, provisoriamente, testando para ver se elas vieram dela.

Elas tinham.

— Bem, agora — disse o pai. — Eu acho que você sabe por que eu não levei-a para longe. Uma vez que você tem idade suficiente para punir a si mesma, não há necessidade que eu faça isso também. E desde que eu não estive tão disposto a isso, eu não fiz.



Os próximos dias pareceram passar em um borrão. Lydia sorriu; ela riu. Mas ela sabia que tudo era mentira.

Uma semana antes do Natal, ela saiu para uma caminhada. Agasalhou-se fortemente, mas nenhum lenço grosso poderia apagar suas memórias. E com o feriado tão perto, não havia como evitar essas memórias antigas.

Sinos de Natal a lembravam de muito tempo atrás, do que ela tentava não pensar. Ela passou anos dizendo a si mesma que era como se nada tivesse acontecido. Que ela era forte, porque ela podia pôr de lado esses meses, quando ela

tinha sido tão casualmente usada por um homem que não se importava com ela. Que ela tinha sofrido uma vez na véspera de Natal, quando tudo tinha dado errado, mas que ela superou. Que ela tinha aprendido a rir e sorrir, e que ela tinha saído ilesa desses eventos.

Ela mentiu para ela mesma. E não tinha entendido o quão profundo essas mentiras correram.

Porque não foi até que um homem a tivesse beijado e chamado-a de querida, tinha dito que queria se casar com ela, que todos aqueles sentimentos antigos tinham vindo correndo de volta. Tinha sido como se ela tivesse quinze novamente, ingênua e cheia de esperança, acreditando em tudo o que ele disse. Deixando-o tocá-la. Não importava que Jonas tivesse sido sincero. Não importava o que sentia por ele. Ela sentiu seu próprio desejo físico sentado sobre ela como um lembrete nauseante do que poderia acontecer. Seu intestino tinha apertado, e ela tinha fugido.

E agora...

Agora, ela nem sabia o que ela queria.

No mercado ao ar livre, ela sentiu o cheiro afiado, doce de maçã, canela e rodela de laranja flutuando de um pote, e lembrou-se de tomar aquela solução amarga que Parwine tinha recomendado, sem saber o que estava fazendo. Ela viu um ramo de azevinho decorar um prato de pão de gengibre, e lembrou-se de seu pai tentando colocar uma cara boa em um feriado onde Lydia só poderia amontoar-se na cama, dobrada de dor.

Havia o visco empilhado sobre uma mesa do mercado, um lembrete parasitário e venenoso de que beijos podiam mentir.

Ela abaixou-se numa rua lateral, mas as celebrações do feriado seguiram-na até lá, também. Sinos soaram com portas abertas; hera enfeitava vitrines. Padarias deixavam sair nuvens de especiarias com cheiro doce conforme as pessoas faziam fila dentro e fora para o pão de canela. Ela sorriu e desejou a todos que ela viu um

feriado feliz, mas Jonas Grantham tinha razão. Dizer que o Natal era feliz não faz disso verdade.

Havia apenas um lugar que ela poderia encontrar para escapar. Por uma rua menor, uma igreja esperava. Sua coleção pequena, tranquila de lápides foi o único fim que ela achou das celebrações implacáveis do feriado.

Ela escapou para o meio dela, e ali, com pedras frias em torno dela, sentou-se em um banco e chorou. Por muito tempo, ela não se permitiu sentir nada. Ela sorriu e riu e ignorou o dano que tinha sido feito. Mas no fundo, ela não tinha parado de querer, e não importou o quanto ela tentou, não importou o que ela disse a si mesma, ela ainda sentia dor.

A pequena igreja era isolada, liderada apenas por uma rua residencial tranquila. Por minutos, ninguém passou; quando alguém passou, ele não olhou em sua direção. Ela prendeu a respiração. Não havia razão para ele olhar o jardim. Não havia razão para ele olhar para ela. Ele atravessou o portão de ferro preto na parede de pedra.

Ela avistou uma bolsa preta, e sua respiração ficou presa. Um grande número de cavalheiros tinham bolsas pretas. Elas eram comuns, e se esta fosse mais ampla e grande do que o habitual...

Ele parou de andar e se virou para ela.

Oh Deus, era Jonas Grantham. Ela não queria que ele a visse agora. Ela não queria vê-lo mais.

Não havia maneira de esconder os rastros de lágrimas em seu rosto. Ainda assim, ela pegou às pressas um lenço. Enxugou os olhos e assoou o nariz, esperando contra toda a esperança...

Mas não; ele destrancou o portão e veio caminhando. Não se aproximou rapidamente. Ele estava avançando com todos os cuidados de um predador,

andando como um gato em uma corda bamba, um pé na frente do outro. E ela estava muito cansada para apressar-se em se afastar.

Uma parte dela ainda congratulou-se com a sua abordagem. Talvez ele olhasse para ela e dissesse algo escandaloso, algo que iria reter suas lágrimas, permitir que ela substituísse essa dor dentro dela com raiva.

Mas ele não disse nada. Ele parou na frente dela. Suas sobrancelhas abaixadas. Ele se inclinou para ela, tão perto que ela podia sentir o cheiro de um toque de *bay rum* em seu colarinho.

Mesmo agora, ele virou a cabeça para baixo.

Ele não disse nada. Claro que não; ele ainda estava mantendo essa aposta estúpida que ela tinha forçado em cima dele. Lydia viu-se incapaz de falar também. Incapaz de se afastar.

Seus olhos se encontraram. Ele sorriu, não de forma brilhante, mas quase docemente.

Quando ela tinha percebido que ele era doce? Ele escondia aquilo tão bem atrás de discursos rudes, mas ela tinha visto a evidência disso nesses dias que passou com ele. A maneira como ele falou com a senhora Hall, estabelecendo suas opções de forma tão clara. A maneira como ele intimidou Henry Westing em aceitar uma oferta de "emprego", quando ele tinha estado ferido e não tinha outra renda. A angústia que sentia sobre a situação impossível de seu pai.

Mesmo a maneira como ele falava com ela. Era escandaloso. Era contundente. Era impossível. E era... exatamente o que ela precisava, a verdade desossada e sem enfeite ou florida, colocada na frente dela para sua decisão. Ele fez seus desejos parecerem comuns em vez de sombrios e perigosos.

Ele parou na frente dela e se abaixou. A respiração de Lydia parou. Ele fazia parecer tão simples ansiar por seu toque, tão simples se apoiar em sua mão quando ele colocou-a contra seu rosto. Ele passou o polegar sob seu olho, enxugando uma

lágrima antes que pudesse escapar. Seus dedos brincaram com seu nariz, sua boca. E, em seguida, dobrando-se apenas um pouco mais, ele tocou os lábios nos dela.

Não foi um beijo como o que eles trocaram alguns dias atrás. Foi mais leve e ainda muito mais profundo, um beijo feito mais de saudade do que luxúria. Era o tipo de beijo que acontecia em contos de fadas. Este não foi o encontro de lábios que acordava princesas de um sono de cem anos. Não foi um que quebraria encantamentos ou seduziria cavaleiros das trevas a sair de seus esconderijos profanos.

Era o tipo de beijo que um homem poderia dar a uma princesa cujo encantamento havia sido destruído anos atrás, uma mulher que estava lutando para entender um mundo sem encantamento. Seus dedos contra sua bochecha reconheceram sua mais profunda dor, e seu beijo fez o tipo mais sutil de magia.

Ele se endireitou, afastando-se dela.

— Jonas... — ela começou.

Mas ele colocou o dedo sobre seus lábios em um gesto inconfundível. Sua sobrancelha arqueou-se, a mesma confiança irritante.

— O que você está...

Desta vez, sua mão foi até seus lábios. Ele sorriu para ela. E, em seguida, ele se sentou ao lado dela e beijou-a novamente, desta vez com mais força, seu hálito quente, fundindo-se com o dela, com as mãos segurando-a.

Qualquer um poderia tê-los visto lá, mas ela não poderia ter empurrado-o. Ele estava quente, e ela precisava da sensação de suas mãos, seus lábios tão terrivelmente.

— Ele costumava me chamar de querida — ela confessou. — Tom Paggett. Lydia querida, ele dizia, Lydia, querida, eu não posso esperar até que estejamos casados. — Ela encontrou-se engasgando com essas palavras. — Eu gostaria de ser

racional como você, mas é difícil para mim suportar. Ouvir alguém dizer essas coisas. Desperta memórias antigas que eu pensei que tinha esquecido.

Suas mãos apertaram as dela. Ele se inclinou contra ela.

— Eu não queria mudar. Eu não queria admitir que isso teve qualquer efeito sobre mim. Mas teve. Teve, e eu não posso negar isso por mais tempo. Eu costumava pensar que, enquanto eu continuasse sorrindo, enquanto eu nunca admitisse que algo estava errado, não poderia estar. Mas senti o erro dentro de mim o tempo todo.

Era reconfortante, de certa forma, tê-lo em silêncio. Ele não ofereceu respostas ou soluções, apenas calor. Força.

— A verdade não é um presente — ela disse a ele. — É um terror. E toda vez que eu olho para você, eu sinto isso. Ouvi algumas palavras de você e saí correndo com medo. Você me assusta. Você sempre assustou. Me fazendo sentir paixão novamente. Me fazendo sentir que eu estou me perdendo, entregando-me a outra pessoa sem qualquer pensamento sobre as consequências.

Ele deu-lhe outro sorriso, desta vez irônico. Ele olhou para cima, brevemente, e depois deu de ombros.

— Foi uma coisa absolutamente terrível o que eu fiz para você. Você deve estar sofrendo, se perguntando o que fazer sobre seu pai. Você sabe o que doeu mais tarde? Não foi as memórias que você trouxe à tona, mas a lembrança do olhar em seus olhos quando eu parti. Aquele terrível olhar, frio, solitário. Como você pode me perdoar?

Se ele pudesse falar, ela suspeitava que ele diria algo terrível agora, algo terrível e errado. Ela suspeitava que ele iria fazê-la rir. De fato, seus tremores tinham desvanecido-se. Não havia nada em seu mundo, além do calor de suas mãos, a maneira como ele acariciou seu ombro.

— Eu gostaria de saber por que você esteve fazendo isso. Sendo tão bom para mim.

Sem dizer uma palavra, ele abriu sua bolsa preta e tirou um livro. Ele foi rotulado com cuidado na parte dianteira: *Visitas, 3 de Setembro de 1863 à...* A data final estava em branco. Ele abriu-o no meio e, em seguida, mergulhou a mão na maleta e trouxe um pequeno par de tesouras. Isso ele usou para cortar uma página com cuidado a partir do centro. Ele retirou um lápis e escreveu algo no papel e, em seguida, com o mesmo cuidado, dobrou-o em um quadrado perfeito com bordas nítidas.

Então ele se levantou. Ele tomou sua mão, e em perfeito silêncio, deslizou o papel nela. Ele fechou seu punho em torno dele. Os cantos cravaram-se em sua palma enquanto ele beijou as pontas de seus dedos. Ele não disse nada, nem mesmo naquele momento. Ele simplesmente se virou, pegou sua bolsa e foi embora, deixando Lydia olhando ele, pasma.

Foi só depois que ele desapareceu que ela desenrolou a página que ele tinha tirado de seu livro.

Eu só disse que iria parar de falar com você, ele tinha escrito. *Eu nunca prometi parar de te amar.*

Ela olhou para essas palavras, fortes e firmes, imóvel. Era uma sensação estranha, aceitar isso... que ela não tinha destruído tudo, que apesar de tudo que tinha feito, ele se importava com ela ainda.

Assustava-a, a verdade. A verdade era que... ela gostava dele. A verdade é que, desde o início, ela olhou para ele e sentiu aquela chuva de faíscas em sua barriga. Ele a fez se sentir tão carnalmente consciente, e assim ela o afastou tanto quanto podia.

Ela ficou sentada no banco por uma meia hora, desta vez recordando tudo o que sabia dele. A maneira simples que ele tinha descrito preservativos, não vacilando em usar palavras como pênis ou colo do útero.

Como se o exercício carnal e desejo sexual fossem apenas... coisas. Coisas comuns, funções do corpo, e que não houvesse motivo para constrangimento. Como se o desejo, como se a verdade, pudessem ser um presente e não apenas uma fonte de vergonha e terror.

Lydia lhe tinha dito uma vez que ela podia ver tanto o bom quanto o mal sobre uma situação. Aqui estava o mal: Talvez ela estivesse irremediavelmente machucada, incapaz de amar normalmente, incapaz de aceitar o afeto de um homem bom por causa do que tinha acontecido em seu passado.

Ou talvez... talvez ela estava à beira de se apaixonar, se ela só pudesse se permitir aceitar isso.

Ela se lembrou da conversa que ouviu entre Jonas e seu pai. *Sua filha é mais forte do que você pensa*, ele disse.

Ela tinha estado errada sobre ele. Aparentemente, ele poderia esperar o melhor, também.

Talvez ele estivesse certo. Talvez ela era mais forte do que ela pensava.

Capítulo Doze

— Então — disse Lucas Grantham, sentando-se e tossindo. — O que você acha? Mais algumas semanas até que eu esteja bem de novo?

Jonas limpou o estetoscópio e guardou-o em sua bolsa. Ele disse a seu pai a verdade demasiadas vezes ao longo do ano passado, e nem uma vez o homem ouviu-o. A verdade já não cabia dentro do cérebro de seu pai.

— Pai — ele disse calmamente: — Eu estava esperando que você viesse comigo para casa.

O queixo de Lucas Grantham se projetou para cima e ele olhou-o com raiva. — Não quero ser um fardo. Nunca vou ser um fardo para você.

Este era o homem que o tinha feito voltar para a escola, mesmo quando os outros meninos o perturbavam. Seu pai tinha tomado conta dele, bajulando-o e valorizando-o em turnos. E agora... agora era a vez dele.

— Você não vai ser um fardo — Jonas sussurrou. Ele olhou para cima e para longe. Pensou na carne nos pés de seu pai, no caroço com edema, parecendo cada vez mais como argila firme conforme o fluido se acumulava lá. Evidências de um grande coração lentamente chegando a um impasse. Ele podia ouvir a respiração, mais rasa, mais áspera de seu pai agora do que tinha sido mesmo uma semana atrás.

— Eu vou pedir a senhorita Charingford que se case comigo — ele disse simplesmente. — No próximo ano, vou passar o Natal com ela. — Deus, ele esperava que ele passasse. — Hoje em dia, todo mundo está interessado nos novos costumes, mas você me ensinou os velhos. Sobre a forma de passar o dia de Natal sem gastar uma grande quantidade de dinheiro. Eu quero ter certeza de que eu terei

isso com ela. Então eu pensei que talvez, neste Natal... talvez você poderia vir ficar comigo por um tempo.

Seu pai franziu a testa e considerou isso.

— Há tantas coisas que eu não me lembro. Você vai ter que me dizer tudo. Eu não quero fazer isso errado. Fique por algumas semanas. Só até que você esteja bem novamente. — Sua voz ficou presa com isso, e ele se obrigou a olhar para a parede. Algumas semanas até que seu pai estivesse bem. Se ele tivesse alguma sorte, seria mais do que algumas semanas, e seu pai não iria notar a passagem dos meses mais do que ele via o tempo passar agora.

— Mas as minhas coisas — disse Lucas Grantham, olhando em volta. — Se eu for, quem vai vigiar as minhas coisas?

— Eu falarei com um serralheiro. Ele pode fazer um outro bloqueio na porta, para que você saiba que suas coisas estarão a salvo até que você esteja bem novamente. Eu prometo que não vou mover uma única caixa. Vamos deixar uma nota sobre a porta, para as pessoas que vierem ao redor com coisas para vender, deixando que elas saibam que você estará de volta em breve.

Isto foi recebido com uma carranca. — Só por um pouco de tempo?

Jonas deu um sorriso triste. — Só por pouco tempo. Só até que você esteja melhor.

Seu pai olhou ao redor do quarto sem expressão, em busca de uma razão para ficar, à procura de algo para segurá-lo a este quarto cheio de lixo.

— Por favor — disse Jonas. — Pai. Eu preciso que você faça isso por mim. Eu preciso que você faça isso mais do que eu já precisei que você fizesse qualquer coisa.

Sua garganta estava inflamada e arranhada.

A senilidade tinha roubado a maior parte da mente de seu pai, quase toda a sua dignidade. Mas havia uma coisa que ainda não tinha sido tomada.

— Você... você precisa de mim para estar com você? — perguntou seu pai, sua voz vacilante.

— Eu preciso.

O homem que tinha comprado aquelas belas enciclopédias encadernadas em couro olhou em volta. O homem que tinha vendido um negócio inteiro para dar a seu filho um futuro não tinha desaparecido totalmente. Ele se inclinou sobre a beira da cama e pegou o cabo de uma panela. Ele franziu a testa para ele, balançou a cabeça, em seguida, olhou para cima.

— Muito bem — disse ele. — Mas eu vou escolher o bloqueio, e será um adequadamente grosso. E eu vou ter a única chave, e eu vou usá-la ao redor do meu pescoço.

— É claro — disse Jonas. Ele se inclinou e pegou a mão de seu pai na sua. — Claro. E assim que você estiver bem...

Mas ele não podia terminar a frase. Estes próximos meses não seriam fáceis. Mas agora, pela primeira vez, ele podia ver seu caminho através deles. Ele sentou-se na beirada da cama, segurando o pulso de seu pai, sentindo o pulso do homem que tinha dado vida a ele.

Batia, cansado, mas constante, e Jonas soltou um suspiro de alívio.



No momento em que Jonas voltou para sua própria casa, naquela noite, ele estava exausto. Tinha sido um dia de muitos atendimentos, em oito casas ao todo, o último interrompeu o seu jantar. Intercalado entre eles, ele conseguiu contratar os serviços

de um serralheiro para o dia seguinte, e contratou alguns homens para mover as coisas que seu pai necessitaria para sua mudança.

Ele não tinha tido um momento para pensar em outra coisa senão no trabalho, e tendo em conta o estado de fadiga emocional em que se encontrava, era o melhor. Sua governanta tinha ido embora quando ele apareceu na porta da frente, e a empregada que atendia a porta tinha ido para a casa de seus pais em Nottingham para os feriados. A casa estava escura e vazia. Ele caminhou para a parte de trás, onde o seu jantar — agora frio — tinha sido colocado sob uma cúpula. Batatas, carne, e ervilhas eram prosaicos o suficiente. Ele comeu metodicamente, fazendo anotações em seu livro de visitas.

No momento em que eram dez horas, ele limpou seu prato e tinha acabado de gravar seus pensamentos do dia. Ele retirou o seu casaco, e substituiu os sapatos e as meias por chinelos. Ele estava à beira de ir para a cama quando bateram na porta.

Por um momento, ele olhou com cansaço a mesa. A última coisa que queria — a última coisa mesmo — era se levantar e ir responder a essa batida. Mas era urgente se alguém tinha chegado a esta hora da noite. Ele era necessário. Não importava o quanto ele estava cansado. Ele podia dormir mais tarde.

Ele se levantou e caminhou até a porta.

Uma figura encapuzada estava lá. Por um momento, ele olhou fixamente. E depois...

Lydia. Por causa daquela aposta, ele ainda não era capaz de falar o nome dela em voz alta. Ele pensou nele em vez disso. Ele sentiu-o com todo o seu corpo.

— Eu sinto muito por ter vindo há esta hora — ela sussurrou — mas tive que esperar que os meus pais fossem dormir.

Ele olhou em volta, mas ninguém estava ali. E, então, a sua era uma porta onde um visitante no meio da noite não seria notado.

Ele podia sentir o cansaço escorrer dele. Ele abriu mais a porta e fez um gesto para dentro.

Ela não tinha dito que ele poderia falar, e por isso ele não o fez. Não porque ele se sentiu obrigado pela aposta, mas porque... porque ela precisava escolhê-lo em seu próprio ritmo. Entender que ele estava disposto a esperar por ela. E ele queria saber que ela iria escolhê-lo acima de seus medos obscuros.

Ele não ia falar, mas ele a ajudou a tirar sua capa, passando as mãos sobre seus ombros enquanto ele fazia. Ele quase podia sentir a tensão e dores de cabeça escaparem enquanto seus dedos roçavam sua pele. Ele pendurou sua capa em um gancho.

Quando ele se virou para ela, ela o encarou. Ela estava segurando em uma mão um pequeno saco de veludo de cor ouro amarrado com uma fita verde. Era um presente ridiculamente elaborado, e ele não podia deixar de sorrir. Fitas às dez da noite? Apenas Lydia.

Ela estendeu-o para ele. — Eu trouxe um presente de Natal. — Ela olhou para baixo. — E sim, eu sei que a decoração não muda o conteúdo, mas me divertiu tornar isso bonito.

Não, Lydia nunca iria trazer a ele um pacote embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante. Ele não gostaria dela de outra maneira.

Ele pegou o pacote.

— Você deve abri-lo agora.

Estupefato, ele desfez a fita. Demorou alguns minutos para desvendar o nó complicado que ela tinha feito. Ele o desfez cuidadosamente, e, em seguida, abriu o saco. Lá dentro, ele sentiu a dobra do papel. Ele puxou-o para fora. Por um segundo, ele pensou que ela tinha dado a ele uma nota para coincidir com a que ele tinha escrito para ela mais cedo naquele dia. Mas então ele esfregou-o entre os dedos e percebeu que não era papel. Aquilo era...

Ele desdobrou o papel e engoliu.

Ela tinha dado a ele uma carta francesa. Como diabos ela tinha encontrado uma carta francesa? Ele não poderia confundir a intenção nisso.

Ele soltou um suspiro e olhou para ela. Seus olhos estavam escuros. Ela estendeu a mão e puxou dois pinos de seu cabelo, e seus cachos caíram sobre os ombros.

Muito lentamente, ele estendeu a mão para ela. Devagar, ela colocou os dedos nos dele. — Eu pretendia trazer o tampão holandês que a Sra. Hall me deu — ela disse. — Mas eu acredito que eu teria que estar equipada com um, e, ah... — Seus dedos se enroscaram em torno dos dele, e ela aproximou-se. — Eu queria que você fizesse isso.

Ela ficou tão perto dele agora. Todo o seu corpo ansiava pelo dela.

— Estou com medo — disse ela calmamente. — Eu tenho medo porque eu gosto de você. Porque eu penso em nossas conversas e sorrio. Estou com medo, porque quando eu vejo você, meu coração bate mais rápido. A verdade me assusta, e a verdade, Jonas, é que eu quero você carnalmente.

Oh Deus. Ele nunca tinha pensado em ouvir aquelas palavras dela.

— E de outras maneiras.

Ele estava fascinado por seus lábios, aquele rubor crescente exigia seu toque.

— Eu acho — disse ela — que se você pudesse falar agora, você iria se oferecer para nos casarmos primeiro. Você iria esperar até que você colocasse todos os meus medos para descansar antes de me levar para a cama. Mas eu não quero mimar meus medos por mais tempo, Jonas.

Enquanto ela falava, ele sentiu seu pulso. Seu corpo ficou tenso, não com a tensão dolorosa que ele sentiu em seus ombros antes que ela tivesse chegado, mas com uma antecipação quente. Ele sorriu para ela, longa e lentamente.

— Eu quero enfrentar o que eu temo — disse ela, e depois engoliu. — Hoje à noite.

Como resposta, ele a pegou em seus braços. Ela deixou escapar um pequeno suspiro, mas ele a puxou para perto e ela enganchou os braços em volta de seu pescoço. Por um momento, ela encostou a testa contra a dele. Por um momento, eles trocaram o ar, seus pulmões parecendo trabalhar em conjunto. E então ele a beijou.

Desta vez, não houve amargura no beijo, apenas doçura, uma doçura que cresceu com cada carícia que trocavam.

Ele não tinha certeza de como ele conseguiu ir para seu quarto, beijando-a, abraçando-a, querendo ela. Assim que ele esteve lá dentro, desfez os laços de seu vestido, empurrando-o para baixo sobre seus ombros. Ela saiu dele e, em seguida, sorriu quando ele apanhou o vestido e pendurou-o em um gancho em seu guarda-roupa.

— Realmente, Jonas? — ela perguntou.

Ele estendeu as mãos, e entortou um dedo. Ela veio na direção dele e desfez os botões de seu colete. — Você sabe — disse ela — Eu estava sempre tão intimidada por sua grande altura. Há algo sobre ser alto que dá a um homem uma vantagem natural. — Ela tirou o colete, olhou para ele... e então piscou para ele antes de dobrá-lo com cuidado.

Deus, ele a amava. Ele não conseguia acreditar que ela estava ali, que ela estava tocando-o, querendo ele. Ela deslizou um dedo no cóis da calça e, em seguida, puxou as pontas de sua camisa. Quando ela passou as mãos por seu abdômen nu, ele soltou um suspiro. Ela lhe deu um sorriso escandaloso, aquele que fazia seu sangue ferver. Ele tirou a camisa, com cuidado, e colocou-a em cima de seu colete. E então, antes que ela pudesse ter os dedos ansiosos sobre o cóis da calça, ele desfez os laços do seu espartilho. Ele o retirou, deixando-a de chemise e ceroulas.

A partir daqui, iluminada pela luz bruxuleante da lamparina a óleo, ele podia ver a silhueta devastadora de seu corpo. As curvas de seus quadris, o peso de seus seios, já não suportado pelo espartilho. Ele podia ver o sombreamento de um triângulo escuro de cabelo através do fino tecido de suas ceroulas, os pontos mais escuros de seus mamilos. Seu corpo inteiro pulsava com a necessidade, o desejo de pressionar-se contra ela.

— Você é distintamente bom nisso — disse ela, uma nota de diversão em sua voz. — Mas eu suponho que você tem que ser. Se você necessitar tratar alguém com pressa...

Ele balançou sua cabeça.

— Não? Você não aprendeu a remover a roupa das mulheres através de sua profissão?

Ele atravessou o quarto até sua mesa, e pegou um abridor de cartas.

— Jonas?

Ele se voltou para ela, com um sorriso no rosto. O que ele queria dizer era que, quando ele estava com pressa — se minutos faziam a diferença entre a vida e a morte — ele não teria se incomodado com fitas. Mas desde que ela não tinha dado-lhe licença para falar ainda, ele teria que mostrar a ela. Ele andou até ela, enganchou seu dedo no decote de sua blusa. Ela só teve um momento para olhar para ele em confusão, antes dele colocar o abridor de cartas contra o tecido e cortá-lo completamente.

Isso. Isso era o que ele faria apressado, se ele precisasse de algo. Sua pele estava fria pelo ar da noite, mas não ficaria por muito tempo.

Ela engasgou. E então ele a empurrou na cama, as duas metades de sua blusa caindo para cada lado dela. Ele arrastou para baixo suas ceroulas, expondo seu corpo para ele. Seus olhos estavam arregalados, tão grandes, e escuros. Ela não tinha dito uma palavra de protesto, e então ele abriu suas pernas.

Ela disse que queria ele carnalmente.

Antes que ela pudesse pensar, ele colocou seus lábios sobre seu sexo em um beijo de boca cheia.

Seus quadris se sacudiram debaixo da sua língua. Suas mãos encontraram seu cabelo. — Oh meu Deus, Jonas — ela engasgou. Ele a beijou levemente no início, lambendo as bordas até que sua respiração gaguejou, até que ele provou o líquido de sua excitação. Em seguida, ele aprofundou o beijo, lambendo o comprimento dela, encontrando o cerne duro de seu clitóris com a língua.

— Jonas — disse ela — Jonas. Isso é tão... tão...

Ele não podia falar, e agora, ele não queria. Ele se perdeu na sensação dela, o gosto dela, apertando as pernas ao redor de seus ombros, suas mãos em seu couro cabeludo. Seu sexo debaixo dele, aberto para ele, aberto para o seu toque, sua língua. Ela ficou aberta para ele dá-la prazer, e ele deu pouco a pouco, até que ela estremeceu debaixo dele, até que ela implorou incoerentemente. Até que ele poderia provar a borda de seu desejo, até que houve somente ela e não medo.

Deus, que sensação boa. Tão malditamente boa, senti-la em seus lábios, sentir as ondas de tremores passando por ela enquanto ela gritava, arqueava para trás, seu corpo inteiro ruborizado e quente com o orgasmo.

Ele se sentou em seus calcanhares, sorrindo.

Lentamente, ela apoiou-se no cotovelo e olhou para ele. — Você — ela disse — é um homem de talentos escondidos. — Ela curvou o dedo para ele. Ele se levantou e caminhou até ela. Seus dedos foram para sua cintura tocar a cabeça de seu pênis ereto, lhe deixando ofegante. Ela desfez os botões e deslizou sua calça para baixo, esperando que ele passasse por cima dela antes de colocá-la perfeitamente com o resto de sua roupa. Ele desejou que pudesse fazer esse momento durar para sempre, esse momento onde ela estendeu a mão e deslizou seus dedos para baixo dele,

enviando um arrepio de sensações através dele. Em vez disso, ele entregou a carta francesa a ela.

E quando ela mordeu o lábio, ele mostrou-lhe o que fazer com ela.

Quando esteve tudo pronto, ela olhou para ele. — Faça amor comigo, Jonas — disse ela.

Ele se juntou a ela na cama, passou os braços em torno dela, e a beijou. Beijou-a até sua respiração vir em suspiros gaguejantes, até que seus membros tremiam sob o seu. Então ele abriu suas pernas, colocou a cabeça de seu pênis contra sua vulva, e deslizou dentro dela. Ela estava molhada em torno dele, molhada e apertada e tão boa. Tão, tão boa. Tão boa para estar dentro dela. Para ter seus seios à mão, os lábios perto o suficiente para beijar. Tão boa para se impulsar em seu interior insuportavelmente doce. Para tê-la arqueando-se contra ele, arfando, conforme ele a levava.

Depois de todo esse tempo, ele teve que morder o lábio para se impedir de derramar sua semente muito cedo. Mas ela já estava profundamente excitada. Cada impulso trazia um gemido dela; cada círculo de seus quadris a deixava gemendo. E quando ele encontrou seu mamilo com seu dedo e o puxou, sua vagina apertou-se em torno dele e outro orgasmo a invadiu.

Deus, era tão bom senti-la em torno dele. Tão bom. Tão malditamente bom. Ele veio com uma grande rapidez.

Depois disso, depois de ter saído dela, depois que ele abraçou-a e deu-lhe vários pequenos beijos, depois que eles ficaram abraçados na maravilha rindo...

— Doze dias de Natal, não é? — ele perguntou. — Guarde os pombos e as perdizes. Isto foi adorável. Vamos fazer de novo¹³.

Ela sentou-se e muito, muito lentamente, sorriu. — Você trapaceou. Eu não disse que você poderia falar ainda.

— Eu não sou nenhum expert — disse ele — mas eu acho que quando você gritou meu nome, pela segunda vez, contou como permissão tácita.

— Você e seus aspectos técnicos. — Mas ela só se inclinou contra ele, passando a mão ao longo de seu quadril. — Suponho que você queira cartas francesas em vez de galinhas francesas? Isso não é muito romântico de sua parte. — Mas ela o beijou enquanto falava.

— Não há realmente nada menos romântico do que galinhas — ele disse a ela. — Elas deixam excrementos em todo o lugar, morrem à menor provocação, e são estúpidas o suficiente para passar três semanas tentando chocar pedras. Guarde suas galinhas. Deixe-me ter o meu verdadeiro amor, e suspenda os presentes.

Ela deixou escapar um pequeno suspiro, baixou a cabeça e colocou-a em seu ombro.

— Lydia. — Ele a puxou para perto, sentindo o cheiro dela.

— Eu preciso do seu conselho. — Ela falou sem olhar para cima, sua respiração sussurrando contra sua pele.

— Mm.

— Há este homem. Ele esteve de olho em mim por meses, mas eu nem sempre o tratei com gentileza. — As palavras dela vacilaram. — Ele me deu a verdade como presente de Natal. Na primeira, segunda e terceira vez que ele a ofereceu, eu não pude aceitá-la. Como faço para deixá-lo saber... — Sua voz falhou. — Como faço para que ele saiba que eu não quero ninguém, além dele?

— Apareça no meio da noite com uma carta francesa — ele aconselhou, colocando um dedo sob seu queixo — e ele provavelmente vai captar a mensagem.

Ele levantou o rosto dela. Ela olhou nos olhos dele, e ele sorriu.

— Há nenhum ponto em ser sutil.

— Não — ela exalou. — Suponho que não.

— Mas só para ter certeza — disse ele, inclinando-se para baixo e colocando a testa na dela — é melhor você tentar novamente amanhã. E no dia seguinte. E todos os dias que você puder, até nos casarmos. Quando você acha que vai ser, Lydia? Porque eu estou esperando que seja em breve. Muito em breve.

Epílogo

Algumas semanas mais tarde.

Havia uma luz sobrenatural no quarto quando Lydia acordou naquela manhã, refletindo a curiosa filtragem brilhante através de uma abertura nas cortinas, que sugeria que agora havia um pé de neve no chão.

Ela sentou-se, inclinou-se e tocou os dedos no ombro de seu marido.

Seu *marido*. Agora, essa era uma palavra que ainda era nova, tão nova que ela mordeu o lábio pensando nisso. Essa palavra era quase tão nova como o ano.

— Jonas — ela sussurrou.

Ele não respondeu. Ela poderia dizer que ele estava acordado, porém, porque seus olhos estavam apertados, e sua boca se contorceu em uma meia-careta.

— Jonas — ela repetiu — nevou na noite passada.

— Mmm.

— Isso significa que Minnie e Robert vão ficar presos aqui até que os trens estejam funcionando — disse Lydia — e poderemos encontrá-los no café da manhã. — Sua melhor amiga tinha vindo da cidade para o casamento, e tinha ficado por quase uma semana. Tinha sido maravilhoso, mesmo Minnie tendo feito alguns comentários manhosos de *Eu disse que ele gostava de você*. Lydia tinha estado muito feliz para protestar. E, bem, Minnie *tinha* dito isso a ela.

— Seus dedos estão frios — Jonas murmurou. E antes que ela pudesse dizer qualquer coisa em resposta, ele estendeu a mão e pegou os dedos dela em seu ombro e, em seguida pressionou-os entre as palmas das mãos. — Deixe-me aquecê-los para você. — Ele segurou-os por alguns minutos, esfregando-os levemente,

antes de abrir os olhos. — Isso dificilmente ajuda. Você sabe do que você precisa? — ele perguntou.

— O que eu preciso?

— Do aumento do fluxo sanguíneo — ele respondeu suavemente.

Lydia se inclinou e beijou-o. — Aumento do fluxo sanguíneo é o meu favorito — ela informou a ele, e então começou a mostrar-lhe precisamente o quanto ela favorecia a boa circulação. Em algum lugar, no meio de um longo, longo beijo, ele tirou sua camisola, e ela se desfez do restante de sua roupa.

O resto foi uma conclusão precipitada, calor de sua pele, o desejo escorregadio de seu próprio líquido do sexo feminino, e do impulso duro de seu corpo no dela, lento e constante, seus quadris reivindicando os dela conforme ele olhou em seus olhos. Ele era seu marido por apenas alguns dias, mas ele já sabia como levá-la até a beira da selvageria e além.

Quando terminou, ele a beijou novamente. — Eu já te disse porque eu queria me casar? — ele perguntou.

— Porque você não poderia resistir a mim.

— Porque eu queria uma fonte de relações sexuais regulares, que não correria o risco de doença — ele respondeu.

Lydia se inclinou em seu ombro, sorrindo contra sua pele. — Oh, que coisa — disse ela em falsa simpatia. — E em vez disso, você tem uma mulher que te ama.

Um sorriso se espalhou pelo seu rosto, um sorriso grande, dourado, que teve Lydia sorrindo em troca. — Não há ‘em vez disso’ — disse ele. — Só *adição*. Eu tenho a mulher que eu amo.

FIM